REVISTA DA SEMANA

Nº 10 ★ 8-3-52
CR$ 4,00
EM TODO O BRASIL



AMPLA REPORTAGEM FOTOGRÁFICA DO CARNAVAL CARIOCA

★

LONDRES ENTERRA O SEU REI

IMAGENS DOS IMPONENTES FUNERAIS DE JORGE VI DA INGLATERRA (Texto e fotos)
Pág. 18

★

PROFISSÕES QUE ...ÃO EM HERANÇA

...RIOSA E DETA...HADA REPORTA...EM SÔBRE AS FA...LIAS DO BRASIL ...S QUAIS, DE GE...ÇÃO A GERAÇÃO, ... TRANSMITE A ...ESMA PROFISSÃO. ... CIRILO BOR...LO).
Pág. 27

TODOS OS ESPORTES!

TODOS OS TIMES DE FUTEBOL,

EM CÔRES, VOCÊ ENCONTRARÁ

NO ANUÁRIO

DO

ESPORTE Ilustrado

de 1952

BREVEMENTE EM TÔDAS AS BANCAS

UMA VERDADEIRA ENCICLOPÉDIA ESPORTIVA

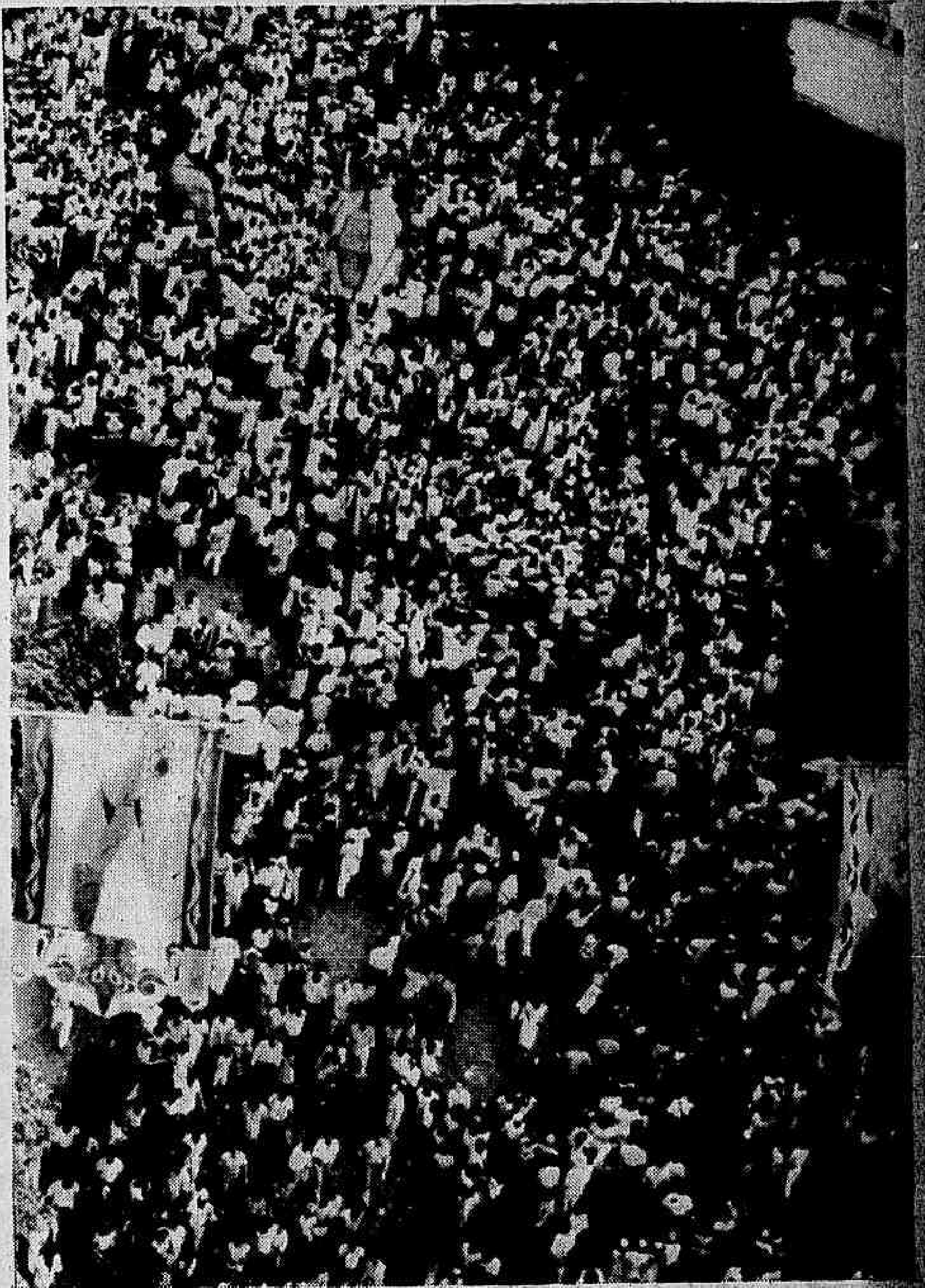
Quinze dias se passa-
ram — mas o Carnaval ainda é
vivo na alma dos foliões. Êste número
da **REVISTA DA SEMANA**, evocativo do rumor
de festa que encheu quatro dias da cidade, não é,
portanto, um simples álbum de recordações. Cada leitor,
cada carioca, ainda guarda na retina a visão da cidade or-
namentada, enlouquecida, vibrando nos milhares de pandeiros,
cuícas, trombones, saxofones e bombos que em todos os cantos
sacudiam a alma carnavalesca do Rio de Janeiro. Ainda aspira a
atmosfera dos bailes e das multidões de rua — mistura de suor, de éter
e álcool — na qual se desatava em ritmos e beijos a nossa veemente sen-
sualidade tropical. Ainda — e também — sofre possìvelmente as conse-
qüências das noites mal dormidas, da "ressaca" de cada manhã, da des-
pesa que fêz rebentar as costuras da bôlsa magra. Tudo isso sente, tudo
isso lembra — sem remorso. Tudo isso encanta com um encanto mágico e
afinal nos lembramos que o Carnaval só se faz uma vez no ano. ★ Êste número
da **REVISTA** é em boa parte dedicada ao folião, que se esbaldou os quatro
dias de Momo e caiu de cama na Quarta-Feira de Cinzas. Folheando suas
páginas êle sentirá a íntima e secreta tristeza de ver que a Festa, a festa
maior da cidade, passou. Mas aqui lembramos a consolação que repre-
senta saber que passou, sim, mas que no próximo ano tem mais.
★ O Carnaval sempre volta. ★ Muitas das páginas que se seguem
mostrarão as faces múltiplas da loucura que estendeu seu manto de
éter e serpentinas sôbre a cidade. Refrigério da saudade é fixar
mais uma vez os flagrantes variados da rua que se rendeu a
Momo-Rei, o interior dos clubes recreativos, o vasto e
feérico salão do Municipal, os préstitos, tôda essa
feição caleidoscópica do Carnaval que passou.
★ Que passou, mas que volta. O Carnaval
sempre volta. Somos nós que, às
vêzes, não mais voltamos.



MUITA ANIMAÇÃO mas pouca fantasia nas ruas. Com a vida cara, tudo pela hora da morte, o carioca fêz seu Carnaval sem sacrificar demais a bôlsa. O traje esportivo ou um trapinho colorido fingia de fantasia e era o bastante para sair à rua. Os flagrantes desta página foram fixados na Av. Presidente Vargas.







CARNAVAL NA RUA

FOI UM dos grandes carnavais dos últimos anos e a multidão que enchia diàriamente o centro da cidade dava uma participação vibrante nos festejos de Momo. Desde a cinelândia até à antiga Praça Onze, no Mangue, dia e noite, soavam os pandeiros e fervia o entusiasmo popular. As fotos mostram aspectos das ruas.



CARNAVAL





FENIANOS

NA SEDE do clube campeão de1952, os Fenianos, o Carnaval foi um torvelinho. As caboclas da primeira ilustração vieram convidar o fotógrafo para um chope na taba de Araken. Com a segunda ilustração foi fixado um puro e gostoso idílio de Momo, dos milhares a que a cidade assistiu em todos os lugares.







REPÚBLICA

UMA PRÉVIA no Teatro República deixou estas lembranças do Carnaval de 52, que bem sugerem o entusiasmo e a loucura reinantes no tradicional baile da velha casa de espetáculos da Avenida Gomes Freire.

"RASGADO"





INDEPENDENTES

BEIJOS de Carnaval, todo um motivo para um samba-canção. Os Independentes são formados no assunto e não querem perder a prática: brotos e balzaqueanas apostavam em entusiasmo e perfeição, o que não é difícil ver nas fotos acima e ao lado.







NÃO HOUVE "tira a mão daí"! Pois se o "éclair" enguiçou... No centro e na extremidade vêem-se duas pequenas "se acabando"; a segunda entrou num "looping" violento, mas conseguiu aterrissar bem.

SOSSÊGO





PIERROTS

TRÊS FLAGRANTES nos "Pierrots da Caverna" — mas bastam. No primeiro, aquela que se entregou a Momo com olhos, risos e ritmos do corpo. Título para o segundo: "Sassaricando..." e foi só o começo. Para o terceiro sugerimos êste: "De poleiro".









NO BOLA PRETA o Carnaval roncou quatro dias sem descanso. Aí no meio, será que é o Matias com a negra Virgulina? Nas extremidades, não temos dúvida: é pagodeira da melhor. Em baixo: Ela. Êles.

BOLA PRETA







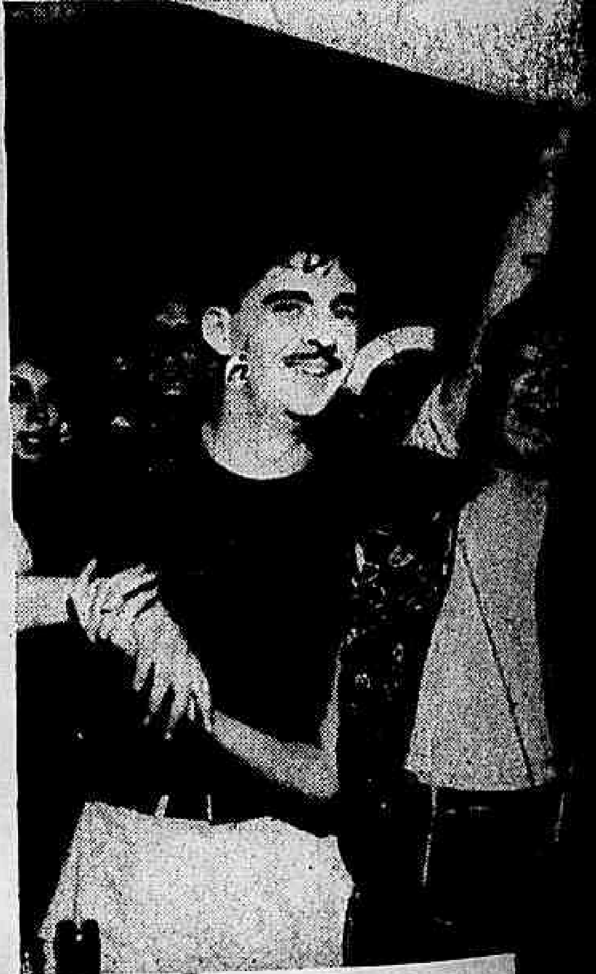


IATE CLUBE

O IATE já fêz tradição. Quando realiza uma festa, junta multidão dentro e multidão fora. A turma do "sereno" é grande e dá sempre alguns "penetras". E no Carnaval nem se fala: a parada é prá cabeça.









GÁVEA GOLF

GÁVEA GOLF a atmosfera era meio saxônica: Carnaval refrigerado. Muita roda, pouco cordão. Mas a ...a era boa e a coleção de caras e pernas bonitas supria o que faltou de verdadeiro Carnaval carioca.





SUMÁRIO

REPORTAGENS

Carnaval na rua 3/5
Carnaval "rasgado" 6/9
Iate Clube e Gávea Gôlfe (Carnavál) 10/11
Eu vi a guerra de perto (Fernanda Reis) .. 14/17
Londres enterra o seu Rei 18/21
Profissões que vão em herança (Cirilo Bordalo) 27/29
A fantasia da cidade (Carnaval) 52/55
O frevo pernambucano (Carnaval) 56/57

LITERATURA

A Estátua (Conto de Hilton Faria) 26
Tina e sua boneca (Conto de Moisés Duek) . 35
Uma partida de "pocker" (Conto de Geo William) 49
A Semana Literária 50/51

ROMANCE

A Insatisfeita (Irene Temple Bailey) 22/23

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 12/13
A Personagem da Semana 13
À luz da psicanálise (pelo Dr. Luís Fraga) . 34
Puxe pelo cérebro 42
Palavras Cruzadas 43
A Revista há 50 anos 58

FOLHETINS

Felicidade inesperada 38
Aventuras do Capitão Rob 24/25

FEMININAS

Figurinos (Ramon) 36/37
Modelos Christian Dior 39
Elegância e Distinção 40/41

CINEMA

Cine-Novela 44/45
Chuva de estrêlas em S. Paulo (reportagem por Domingos de Lucca Jr.) 30/33

ILUSTRAÇÕES

Jerônimo Ribeiro — Osvaldo da Cunha.

FOTOS

Ferreira Lima — Nódgi — Newton Viana — Dario Terini — Keystone — Arquivo — Avulsas.

NA CAPA:

REVISTA DA SEMANA

Indio Carajá

(foto Stuckert)

A Semana

Nada de fotógrafos

O atual Prefeito de Belo Horizonte resolveu acabar com os camelôs da cidade. Não mais permitirá que êsses corajosos negociantes sem balcão e sem pagar impostos vendam suas bugigangas nas praças e ruas centrais da capital mineira. Êsses ambulantes constituem um mal generalizado por tôdas as cidades grandes do país, dentre as quais está hoje Belo Horizonte. No Rio, os camelôs desafiam o "rapa", e todos os dias são "rapados" em seus haveres e quinquilharias. Muitas vêzes também é arrolada entre as mercadorias, o caixotinho onde vive "Siá Miquilina", a cobra que tanto ajuda a vender aquelas bugigangas. Mas o Prefeito de Belo Horizonte ampliou de mais a perseguição aos agentes ambulantes, incluindo como tais os fotógrafos que apanham instantâneos na avenida Afonso Pena. Ora, está claro que fotógrafo não é camelô, nem tão pouco vendedor abulante que não paga impôsto. Êsses rapazes que fingem ter filmado a gente e, em seguida, quando a coisa pega, êles nos pedem uma outra pose, são até uma necessidade em tôdas as capitais que recebem turistas e visitantes de categoria. São comerciantes estabelecidos com casas de arte fotográfica e que pagam impôsto como qualquer cristão que se preze. Mas o Sr. Prefeito de Belo Horizonte acha que tudo é camelô, é vendedor ambulante, gente sem teto, sem importância, e determinou o "rapa" contra os mesmos. Sucede, porém, que há na capital mineira alguns dêsses artistas que já trabalham ali, surpreendendo pedestres com sua máquina especial, há mais de 20 anos. Diante da situação e em face da injustiça que estão sofrendo, vão recorrer à Justiça com um mandado de segurança. E ganharão, na certa!

O Banco do Nordeste

VAI o govêrno federal ser autorizado a fundar o Banco do Nordeste, já aprovada a iniciativa pela Câmara dos Deputados, e, quando sair esta nota, pela Comissão de Justiça do Senado. Essa parte legislativa está em ordem. Resta apenas a que disporá sôbre a sede do Banco. Há uma emenda no projeto que deixa ao govêrno federal a iniciativa de escolher o local para a matriz da importante casa de crédito. Contra isso se erguem representantes do Ceará e de outros Estados, os quais advogam a sede para Fortaleza. É possível que, nessa teima, se prolonguem os "arreglos" para a fundação e instalação do Banco do Nordeste, e não se admirem se o mesmo terminar com sede aqui no Rio... Não vêem o que sucede com vários Institutos? Com diversas repartições oficiais com finalidades no Paraná e Mato Grosso? Suas sedes são no Rio, por mais estranho que seja. O Serviço de Proteção aos Indios, por exemplo, tem sua sede no Rio. Lògicamente deveria ser em Mato Grosso ou Goiás. Quando um silvícola deseja obter a rara jóia que é uma enxada, vem ao Rio, atravessando desertos e andando milhares de quilômetros a pé, como "carona" de caminhão, passando fome e privações de tôda sorte aí pelas cidades de seu itinerário. Quando chega ao Rio, atordoado e sem direção, é amparado pelo povo que o cerca e mira como se estivesse diante de um bicho do outro planêta. Os jornais se ocupam do índio e, quase sempre, fica o infeliz a pedir esmolas pelas ruas. O Banco do Nordeste no Rio, com retumbante inauguração e farta publicidade na imprensa, champanha e discurso, não será de admirar. E o Nordeste ficará sem Banco, e quando um de lá quiser uma "enxada", terá que vir ao Rio...

Maratona marítima

A 18 de fevereiro, ao cair da noite, chegaram os jangadeiros cearenses a Pôrto Alegre, cobrindo a grande Maratona marítima, na frágil jangada "N. S. da Assunção". Segundo notícias vindas de lá, através de correspondência telegráfica, a recepção aos valentes pescadores foi qualquer coisa de atordoante. Nunca se viu tanta gente para receber tão poucos e humildes trabalhadores do mar! Houve bandas de música, palanques com autoridades, emissoras locais para a irradiação das festas, baterias do exército para salvas de 21 tiros, bandas de clarins, hino nacional, o Clube dos 35, em seus cavalos de puro-sangue em desfile pelas ruas em homenagem aos pescadores cearenses, multidão de povo, palmas; aclamações, delírio. Muito bem. Nunca os modestos jangadeiros do Ceará foram alvo de tanta honra e distinção; mas o que êles querem é coisa muito simples: assistência médica e pedagógica, dentária e hospitalar para êles e suas famílias; querem ainda que a cooperativa de pesca de Fortaleza seja presidida por um pescador; querem ainda que o govêrno facilite crédito e que os "tubarões" de terra desapareçam de suas vistas pois, para perigos e aflições, já chegam os tubarões do mar. O povo do Rio Grande se revelou generoso cobrindo de aplausos e honrarias êsses humildes pescadores; mas êles não querem glórias. Precisam viver, precisam dispor de recursos e meios para manter a família, criar e educar os filhos. São uns heróis, mesmo antes de empreender e realizar tamanha aventura própria dos argonautas da mitologia. Que o govêrno federal se comova diante dêsses bravos nordestinos e os atenda, como é de justiça.

Em Revista

Carnaval destruidor



O carnaval, como entendemos aqui no Rio e noutras cidades grandes, é o império da impunidade, da anarquia mais desbragada. Todo mundo que se mete na farra e enverga uma fantasia, por mais simples e reles, acha que os demais ficam à mercê de seus excessos de alegria mórbida. Para têrmos uma idéia do que é a irresponsabilidade carnavalesca do Rio, vamos reproduzir aqui esta vergonhosa estatística da "Light" referente ao carnaval de 1951:

Lâmpadas quebradas nos bondes da cidade	5.597
Tabuletas quebradas	784
Bancos e encostos arrebentados	451
Vidraças quebradas	522
Painéis quebrados	277
Cortinas arrancadas	785
Cordas e campainhas furtadas, metros	4.766
Cabos de luz furtados	79

Qual será a "safra" de furtos e quebra-quebra em bondes e ônibus êste ano? Não queremos dizer que os foliões deixem de brincar; mas, francamente, os dados acima, fornecidos à imprensa carioca pela Companhia de Bondes, atestam a mais desenfreada maneira de divertir. A alegria do carnaval devia estar acima das depredações, pois, cada bonde que é recolhido às oficinas para os indispensáveis reparos, reflete no agravamento da crise de transportes do povo que trabalha e produz. Segundo todos sabemos, o carnaval de 1952 permitiu a liberdade de bebidas com forte teor alcoólico, não havendo mais proibição de cachaça, conhaques, uisques, etc., como sucedia nos passados. Aumentando a embriaguez alcoólica, aumentará o impulso de depredação, é claro. Deus permita que os prognósticos da imprensa não se confirmem; porém as perspectivas são alarmantes quanto à paz e harmonia nas ruas, clubes e praças do Rio, carnavalescamente falando...

O Teatro do Estudante



A capital do Ceará estêve, durante uma semana, inteiramente voltada para o Teatro do Estudante Brasileiro, criação dêsse homem idealista e sempre voltado para as coisas do espírito que é Pascoal Carlos Magno. Fortaleza não se cansou de aplaudir os rapazes e moças que integram o elenco do TEB, e mais uma vez se provou que o Teatro no Brasil não está em decadência, e que as populações muito apreciam êsse ramo de diversão e cultura. Na mesma semana atuava no Ceará a artista de rádio Dalva de Oliveira, cuja fama se multiplicou através dos escândalos matrimoniais com o seu espôso, episódios explorados de maneira quase degradante pela imprensa de sensacionalismos. Mas a presença de Dalva não influiu em nada, absolutamente, quanto às enchentes dos que iam ver os rapazes e moças de Pascoal Carlos Magno. O teatro José de Alencar estêve sempre superlotado. Mas se deram fatos curiosos durante a temporada do T.E.B. Houve récitas gratuitas a operários e suas famílias, e tôda aquela assistência de gente humilde emprestava um aspecto inédito. Os trabalhadores acompanharam com a maior atenção o desenrolar da peça, aplaudindo os seus intérpretes e obtendo maior cultura nesse ramo da inteligência humana. Agora, o mais pitoresco: iam os artistas do TEB oferecer um espetáculo dedicado à garotada de Fortaleza, na Cidade da Criança; a meninada, porém, enchendo o jardim, impediu que a peça fôsse ouvida. Era uma multidão de pardais a chilrear alvoroçadamente. Então alguém sugeriu que o espetáculo fôsse levado no Teatro. E foi um sucesso inesquecível! De tudo isto resultou a fundação do Teatro Escola do Ceará.

Para salvar uma pomba



PUBLICARAM os jornais do Rio, no dia 20 de fevereiro, esta notícia vinda de Viena: "Para salvar uma pomba prêsa pelo gêlo no telhado de edifício no centro da cidade, os bombeiros de Viena tiveram de içar a sua mais alta escada. Algumas boas almas alertadas pelos vôos do pombo que não cessava de voar ruidosamente em tôrno da pomba imóvel no telhado do edifício, e para a qual levava comida, compreenderam logo que a avezinha, para ficar tanto tempo sôbre a neve devia estar prêsa pelas patas, e que não podia mais soltá-las do apêrto do gêlo. Os bombeiros foram em seguida avisados. Do alto de sua grande escada derramaram água quente para degelar os pèzinhos da pomba que, em seguida, foi confiada à Sociedade Protetora dos Animais para ser tratada. "O episódio dêsse casal de pombos lá da Áustria nos faz meditar sôbre o dever que todos temos de amparar, não apenas os animais, porém o próprio ser humano. Há por todo o Brasil muita gente que está de pés presos ao gêlo da miséria, sem que seja possível qualquer tentativa para libertar-se do perigo. No Nordeste a sêca continua a fazer vítimas, e um deputado, que acaba de chegar de Fortaleza, declarou na Câmara Federal que já morreram de fome e subnutrição nada menos de trezentas crianças! Nós, que nos emocionamos diante de um caso como o dessa pomba de Viena, devemos dedicar nossa solidariedade aos nossos patrícios que, tanto no Ceará, como em todos os Estados do Brasil e a própria Capital da República, estão passando as mais negras privações. Os bombeiros de Viena salvaram a pomba; que os brasileiros procurem também salvar os seus conterrâneos.

A PERSONAGEM DA SEMANA

TODOS os anos, durante os dias do Carnaval, costumam as autoridades policiais proibir aos foliões o uso de bebidas fortemente alcoólicas. Assim, fica o povo privado de tomar parati, "caninha", uísque, gin, conhaque e "óleos" semelhantes. Apenas cerveja, vinhos, champagne, e bebidas de baixo teor etílico eram permitidas nos dias dedicados a Momo. Pois êste ano de 1952 teve esta nota de sensação: o General Ciro Riopardense de Resende, Chefe de Polícia, expediu portaria tornando livre a ingestão de cachaça e todos os demais produtos de elevada percentagem alcoólica. A impressão que despertou essa ordem absolutamente inédita nas tradições coercitivas da polícia contra os alcoólatras no carnaval, foi quase de alarma. A imprensa, na sua generalidade, desaprovou o liberalismo da polícia e houve jornais que pronosticaram uma baderna de todos os diabos, advertindo às famílias para que não saíssem de seus lares pois os cachaceiros estariam aos magotes a promover tôda espécie de desordens. Mas o Chefe de Polícia não se impressionou com o alarma e manteve a portaria. Reuniu os seus auxiliares mais responsáveis e estabeleceu o plano de combate aos excessos. O policiamento do carnaval seria a barreira contra os que viessem a interpretar sua ordem como um convite à desordem e ao deboche. Veio o primeiro dia. O povo se divertiu a valer e, apesar da chuva, os "chuvas" eram mais de cerveja do que "jeribita". Segundo dia. E o Chefe de Polícia vencia o segundo "round". Finalmente, veio a têrça-feira, multidões imensas nos bairros e no centro a divertir-se na maior ordem. Era a vitória final do General Ciro. Se houve prisões, se houve casos de embriaguês, se houve brigas, nada disso foi resultante da venda livre de aguardente, e sim decorrência natural dêsses dias de alegrias culminantes, ciúmes roedores e velhos ódios que repontam para a vingança. O carnaval de 1952 foi dos mais pacíficos, dos mais educados que já houve nesta Cidade Maravilhosa. E o Chefe de Polícia está de parabens.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam:

Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando pêso e dôr de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca, indigestão, muita sêde, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, lingua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substancias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use Ventre-Livre

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

ESTA GAROTINHA coreana, ferida durante a luta que se travava próximo de sua casa, é fotografada depois de haver recebido os primeiros socorros

FERNANDA REIS NA CORÉIA - 6

EU VI A GUERRA DE PERTO

QUANDO UM PÁRA-QUEDAS É GÊNERO INDISPENSÁVEL ★ SANGUE NO AVIÃO QUE LEVAVA MISSÃO DE REVANCHE ★ DAS FORMAS DE MORRER NO INTERIOR DE UM "TANK" ★ TOCAIA DA MORTE NO CAMINHO DA GUERRA



MÃE COREANA, morta no local onde caiu, depois de atingida por um morteiro na estrada. As crianças que escaparam, na ocasião, vieram a morrer de frio



EM virtude de se esperar nova ofensiva, minha presença ali não era aconselhável. O final da batalha trouxera a vitória dos aliados. O inimigo se retirara com pesadas baixas e tão ràpidamente como fôra fulminante o seu ataque. Mas o comandante diz-me que êles voltariam. Por isso, eu não deveria tentar a sorte visto estar miraculosamente ilesa!

Separei-me dêsse homem calmo, após horas tão graves, e cujas rugas finas ao redor dos olhos avermelhados pelo cansaço, eram a única demonstração que deixava antever todo o esfôrço duma luta moral e física e a responsabilidade tremenda de comandar tantos homens, levá-los à glória ou morrer com êles.

Subi para o único avião que faltava levantar vôo. Ia partir em missão de "revanche". Não comportava três pessoas. No entanto, meu cartão de correspondente, a vista do meu uniforme ensangüentado, do meu rosto sujo de terra e lívido por emoções diversas, onde um sorriso tentava, sem êxito, aparecer corajosamente, conseguiram que, no exíguo espaço dum caça, eu coubesse também. Mas, surgiu o problema do pára-quedas que eu não possuía. E, nisso, o pilôto foi irredutível:

— Impossível, Miss. Sem êle não vai. Será uma segurança problemática, mas, é a mínima. Sorry.

Tenho andado à procura de muitas coisas na minha vida, dum pára-quedas, confesso, era a primeira vez. Avistando dois aviões que tinham sido metralhados no chão fui até lá. Com a ajuda de um pilôto, tirei o tão desejado pára-quedas do corpo dum aviador que não vivera o suficiente para assistir à vitória das tropas da O.N.U. Ao colocar-mo o pilôto ensina:

— Olhe que "nisto" não é necessário mexer. E' só saltar.

Nenhum de nós sabia como suas palavras iam ser confirmadas! Levantamos vôo afinal. Quase esqueci os horrores por que havia passado, quando tive a certeza de que íamos bombardear as linhas inimigas. Um nervosismo



OS AMERICANOS adotaram a vacinação em massa nos subúrbios de Seul, contra o tifo, o cólera e varíola. Mas os pirralhos, bem se vê, não gostaram.



A VIDA, nos dois aspetos que pode apresentar na Coréia. Dois semblantes de infância (a mais velha das crianças tem 9 anos) e uma face de aço

EU VI A GUERRA DE PERTO

...pecial tomou conta de mim. Olhei para baixo, para o que restava do ...ampamento onde vivera momentos tão terríveis. Luzinhas piscavam, ti...idas. Senti um apêrto no coração ao lembrar-me de tantos jovens com quem convivera na véspera, os quais, agora, jaziam imóveis para sempre. Mas... ...a a guerra, e sacudi meus cabelos num movimento brusco de libertação. O caça subia, subia e escondia-se nas nuvens. A hora "H" aproximava-se. A tranquilidade reinava a bordo e alcançava o rosto dos aviadores. Parecia tratar-se duma viagem de prazer. A rotina tomara conta de nós e, embora para a correspondente fôsse o primeiro vôo até às linhas do lado contrário, ...ão o era para o pilôto e metralhador. Todos os dias êles decolam das suas bases para reduzir a cinzas tudo o que seja susetível de não só esconder inimigos, como de lhes fornecer material e alimentos. Todos fazem êstes vôos de morte e voltam — quando isso sucede — para retomar filosòficamente o seu baralho de cartas para um "bridge" amistoso, ouvir programas de rádio, sobretudo musicais, agarrar a sua garrafa de "whiskey" e escrever aos seus amôres. A vida dos aviadores nesta guerra é duríssima. Voam diàriamente vinte horas. Não é necessário ser-se pilôto para calcular o esfôrço físico que isso representa. E, após os seus combates e vôos de destruição, falam de tudo menos de guerra.

Estas considerações afloravam ao meu espírito enquanto olhava êstes dois bravos, êstes desportivos cavaleiros do ar.

(Cont. na pág. 46)



O ESTÔMAGO revolve o monturo: refugiados maltrapilhos e famintos procuram, no lixo, alguma coisa com que enganar o forçado jejum de muitos dias



MESMO PARA os refugiados civis um rio não pode constituir obstáculo à sua marcha sem fim. Homens, mulheres e crianças têm que vadeá-los como podem



LUGAR-COMUM na guerra, a morte de um civil, mesmo jovem, não perturba a vida das cidades. Apenas uma garôta mostra curiosidade pelo fato

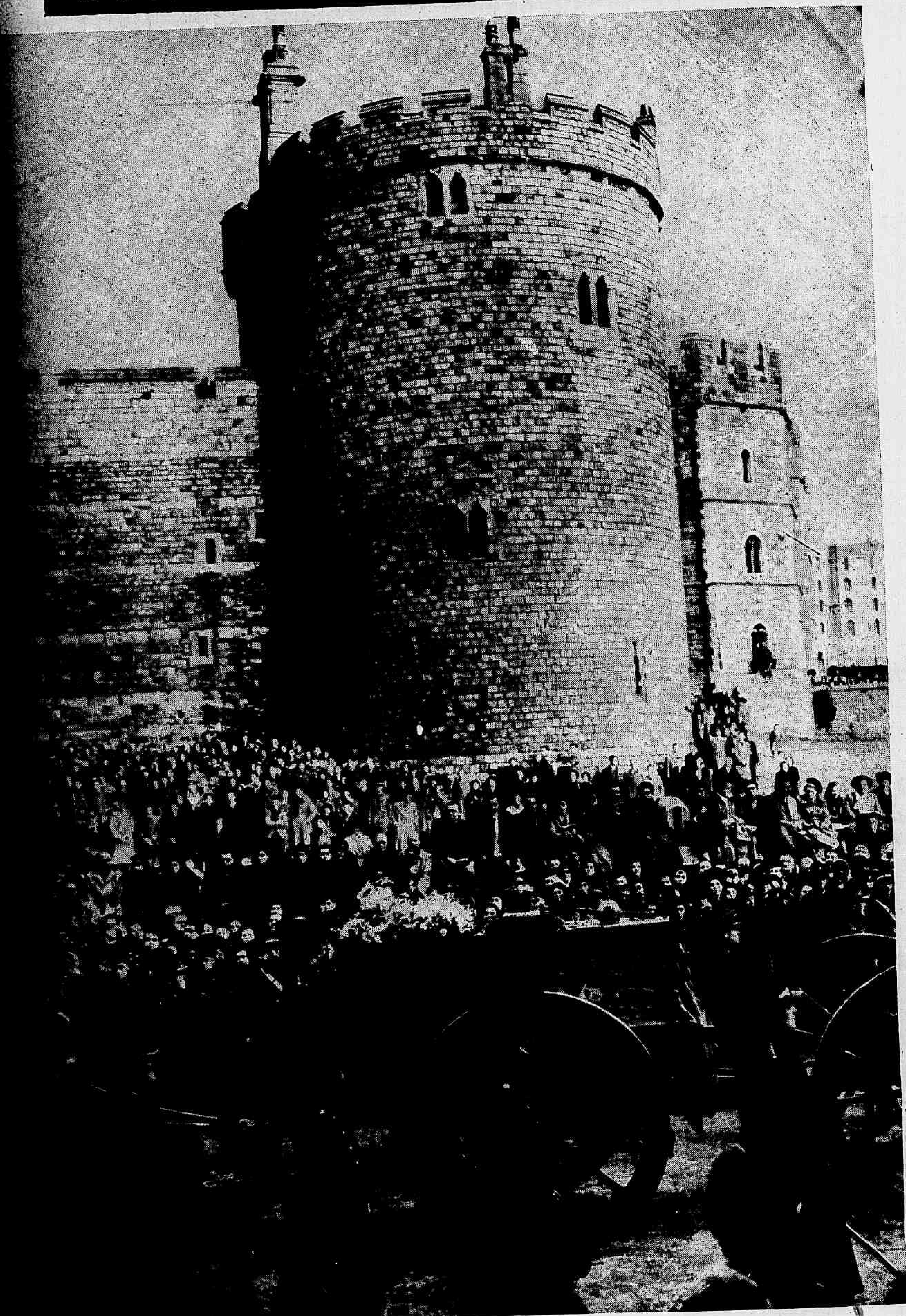


CENA DAS mais comuns durante a luta nas cidades: mãe sul-coreana, em Seul, com o coração varado de dor, nina a criança no meio das ruínas

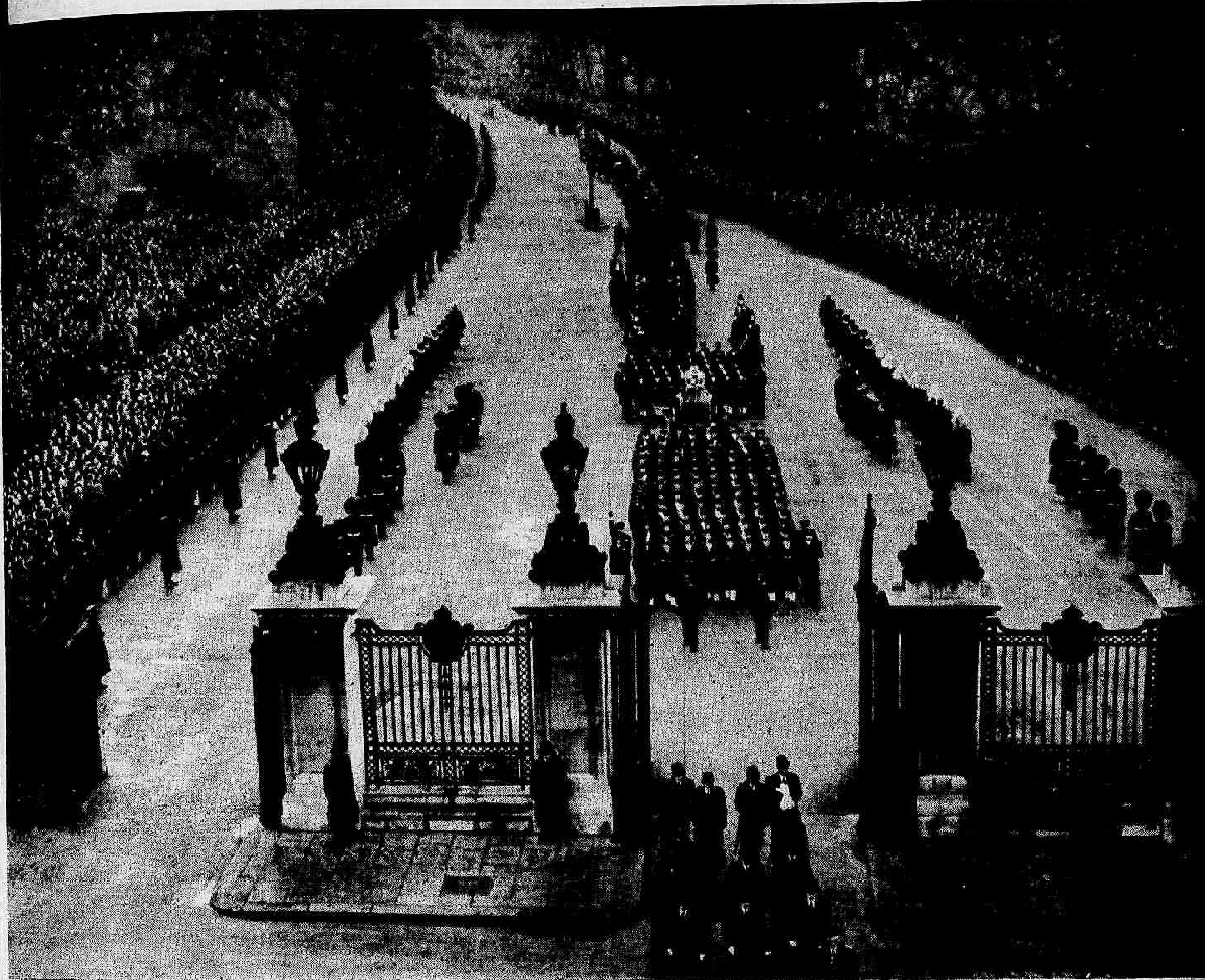


UM RIO PERENE de refugiados corria na direção do sul, fugindo aos horrores do avanço vermelho. Vê-se uma gôndola ferroviária apinhada de gente

LONDRES ENTERRA O SEU REI



TENDO À FRENTE a carreta que conduz os despojos do Rei, o cortejo fúnebre passa em frente ao Castelo de Windsor, na direção da Capela de S. Jorge, local da inumação



ACABANDO DE CRUZAR o Hyde Park o cortejo aproxima-se do Marble Arch, atravessando entre alas de soldados e compactas multidões que guardam silêncio.

SÔBRE os velhos edifícios e os vastos parques de Londres a neblina estendia um véu transparente. O povo comprimia-se nas ruas, por trás dos cordões de isolamento, aguardando em grave silêncio o rodar da carreta que levava o corpo do seu último rei para o defenitivo descanso na Capela de São Jorge, no Castelo de Windsor. Linhas de soldados se estendiam ao longo das ruas cujo percurso seria feito pelo cortejo fúnebre, onde figuravam todos os reis da Europa, os representantes da nobreza do Continente e da Grã-Bretanha, os embaixadores e ministros das nações amigas, os altos dignatários do clero anglicano e os grandes do país. Ao lado dos reis seus antepassados Jorge VI, depois de receber as homenagens do povo londrino e do mundo inteiro ali representado, ia tomar lugar no frio e belo mármore que amortalha as dinastias nacionais desde a conquista normanda. Troaram os canhões, dando a salva de estilo. Rodou a carreta, seguida pelo coche que conduzia a Rainha Elizabeth II. A marcha fúnebre marcava o solene compasso do desfile. A passo, em seguida, os membros da família real, entre êles o ex-rei Eduardo VIII, hoje Duque de Windsor. Os reis da Suécia, da Noruega, da Bélgica, da Holanda, da Grécia. Os príncipes das casas reais destronadas. Todo um imenso e imponente cortejo que atravessou as avenidas sob a melancolia de um dia de "fog" e penetrado da tristeza que a massa humana, concentrada nelas, comunicava ao espetáculo. Dos funerais do Rei Jorge VI são os instantâneos que apresentamos nestas páginas.



A FOTO MOSTRA o tambor Alec Morrison, do Corpo de Guardas, que marcava o tempo da marcha fúnebre executada, do cortejo, pelas bandas militares.

LONDRES ENTERRA O SEU REI



A MULTIDÃO EMOCIONADA que se reunia em Trafalgar Square guarda dois minutos de silêncio, em reverência à memória do Rei Jorge VI, que se enterrava.



O CORTEJO FÚNEBRE quando desfilava em Piccadilly, uma das ruas do alto comércio de Londres. Observa-se a coroa real sôbre a carreta que conduz o corpo.



O CORTEJO QUANDO desfilava diante da Horse Guard. Atrás da carreta segue o coche em que vão as Rainhas e, em seguida, a pé, os príncipes reais.

O COR

EM SE
os de



O CORTEJO ATRAVESSOU as ruas de Londres com impressionante e comovente solenidade. Na carruagem que se vê acima seguiam a Rainha e a Rainha-Mãe.



EM SEGUIMENTO ao côche das Rainhas vêem-se, a pé, os quatro duques reais: os de Gloucester, de Windsor, de Edinburgo e de Kent, de fumo no braço.



ACOMPANHANTES GRADUADOS do cortejo: membros da família real, soberanos estrangeiros, chefes de Estado. O primeiro, de farda, é o Duque de Windsor.

A Insatisfeita

Novela de **IRENE TEMPLE-BAILEY**

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

MARY BALLARD, órfã de pai e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer .... às despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. No dia do casamento de sua irmã Constance, Mary foi mostrar o apartamento na "Câmara da Tôrre", sendo fechado o negócio. O casamento de sua irmã mais velha deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmão Barry, mais jovem que ela. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico, de nome Porter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. Porter tudo fazia para atraí-la; mas Mary não cedia, razão por que lhe pôs o apelido de Mary Rebelde. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apaixonar-se por Mary, em silêncio. Numa festa do "Dia da Graça", êle apareceu na reunião íntima, integrando a festa como um dos convidados, além das pessoas da família. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdas as atenções. Mary ficou encantada; mas não dava nenhuma demonstração de estar apaixonada por êle. Uma das tias de Mary, Isabelle, solteirona e muito surda, tinha confidências com a sobrinha, e se mostrou interessada no casamento da moça com Porter. Na noite do Natal novamente foi convidado por Roger, mas êle não aceitou. Mary o convidou para a Missa do Galo, e novamente êle declinou, agradecido, do convite. Houve uma árvore de Natal e um mundo de presentes. Roger sentia aumentar sua paixão para com Mary, mas não se achava com coragem para declarar-se. A diferença de idade era um entrave. Depois do Natal estava sòzinho em seu apartamento, com a gatinha Pittiwittz ao colo, enquanto lia um livro, quando Mary pediu licença e entrou. Roger ouviu dela, então, uma novidade sensacional: Mary desejava ser estenógrafa, trabalhar num dos Ministérios. E fôra ouvir a opinião de Roger. Mas o inquilino era de opinião que ela devia casar-se, dedicar-se ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública. Mary estava sèriamente preocupada com a ausência de Barry, e quando soube que um dos seus companheiros de farra era Jerr Tuckerman, ainda mais preocupada ficou. Roger se ofereceu para telefonar para o Country Club, procurando comunicar-se com o irmão de Mary. Esta aceitou; mas quando Roger ia telefonar, chegou Barry, descendo Mary para recebê-lo. Levou-o ao seu dormitório e ficou a meditar do lado de fora sôbre certas atitudes de seu irmão. Roger a viu assim, lá de cima, e adivinhou o quanto aquela moça estimava o irmão mais moço. Leila e Delilah foram com Porter, Mary e o general Dick assistir a um exercício de cavalaria e evoluções de artilharia. Quando Barry se encontrou a sós com Leila, declara seu amor. Entretanto, o moça, que havia descoberto em casa de Delilah uma fotografia dêle com dedicatória amorosa, mostra-se decepcionada e confessa sua desilusão. Mas Barry lhe explica que a fotografia fôra enviada a ela e não à outra. Por engano de uma empregada nova é que se deu a confusão. Leila se enche de alegria. Mas o amor entre ambos é coisa secreta. Barry, porém, revela-o à irmã Mary, e esta procura Roger Poole para ouvir sua opinião, mas sem esclarecer de quem se tratava. Roger se oferece para ir buscar Barry, que está ausente de casa e do trabalho, sem ter dito nada a ninguém. Mary não sabe como agradecer tanta gentileza de Roger Poole. Êste vai "descobrir" o fugitivo, que está ao lado de sua doce amada, Leila, numa praia de banho, em companhia do general, seu pai. Roger leva Barry para passar uns dias no campo antes de trazê-lo de volta a Washington, inclusive Porter Bigelow. A irmã de Mary também volta, com seu espôso, Gordon. Então êste reconhece em Roger Poole um antigo colega de colégio. Roger confessa que se dedicara à vida religiosa, tendo dirigido uma igreja evangélica; mas depois, abandonara as ordens. Roger acha que terá que confessar a Mary êsse episódio de sua vida, antes que lhe fôsse narrado pelo seu cunhado. Está, naquela mesma noite, a contar a sua história, quando Porter Bigelow intervém e convida Mary para, com outras pessoas da família, darem um pessio de carro. Chama Roger, mas êste agradece e não aceita. Mary não esconde o seu desapontamento. Mas sorri para Poole e lhe diz que, noutra ocasião, ouvirá o resto da história. Não tendo sido possível contar a Mary a sua história, resolveu escrever-lhe uma carta. Depois que Mary leu a carta de Poole, vestiu-se e saiu, dizendo à irmã Constance que ia fazer compras, experimentar vestidos e pagar algumas visitas. Mas, em verdade, foi ajoelhar-se na igreja que frequentava desde sua infância. Ali está em meditação durante largo tempo, pensando na carta de seu inquilino. Mary convidou Roger Poole para tomar chá em sua companhia, mas êles dois a sós. Ali, entre lírios olorosos e num ambiente romântico, conversaram durante mais de uma hora. Mary conduziu a palestra no sentido de Roger voltar às suas funções como pastor de uma igreja. Mas êle parecia resistir, embora estivesse adorando as sugestões e a fôrça de fé que a jovem possuía. Logo que chegaram outras pessoas, êle quis retirar-se, mas Mary pediu que ficasse. E quem mais sentiu o impacto foi Porter Bigelow. Quando Mary procurava encher de álcool o fogareiro para fazer mais chá, êste incendeia e as chamas ameaçam queimá-la. Há gritos e corre-corre. Mas quem a salva em tempo é Roger Poole, que, num segundo, abafa, apagando as labaredas. Mary teve apenas os cabelos chamuscados num cacho ao lado direito e rendas destruídas de seu vestido. O problema de Barry vem à baila e ela discute o assunto com seu cunhado Gordon, o qual não parece aprovar os amôres do rapaz com Leila. Por sua vez, Mary percebe que Gordon não via com bons olhos qualquer tentativa de Roger para entrar na família, casando-se com Mary. A jovem, se bem que não esteja apaixonada como o inquilino, parecia querer ajudá-lo a sair daquele isolamento. A carta de Roger a Mary terminava comunicando que descobrirá, numa família de camponeses, um menino de grande vivacidade, embora analfabeto, e que iria ser instruído por êle. Em casa de Mary a situação se inclinava para separar Barry de Leila. Gordon propusera levá-lo para Londres, onde lhe daria emprêgo. Apesar de ter concordado com sua viagem para a Europa, Barry ilude a vigilância dos seus e foge com Leila, casando-se com ela. Leila também finge que vai passar uns dias em casa de uma amiga em cidade próxima a Washington, engana o pai e se une com um Barr, mantendo o caso em segrêdo, até que o jovem faça a confissão sensacional ao general seu sôgro.

MINHA mulher! Minha mulher! — exclamava Barry abraçando-se com Leila e beijando-a apaixonadamente, fora das vistas do general.

Ela se sentia também transportada ao reino da felicidade e partilhava com êle de tanta ventura. Mas, de súbito, ela notou uma certa incoerência em suas maneiras, e que sua voz se interrompia ao pronunciar certas palavras ternas. Então Leila se afasta de seus braços e lhe pergunta anelante:

— Barry! Que sucedeu?

— Tudo! Depois que a deixei esta manhã eu perdi o meu lugar. Encontrei um envelope sôbre minha mesa de trabalho anunciando-me que estava despedido. O motivo foi por que os patrões acham que eu tenho abusado de faltas repetidas, ausentando-me constantemente. Por isso me puseram na rua. Vê, minha querida, que Gordon tinha razão. Bolas! Eu sou absolutamente incapaz de assegurar a existência a uma mulher. E agora que a possuo vejo que não estou em condições de mantê-la. Reconheço que não foi honesto tê-la desposado, Leila.

E com o rostinho pálido pela emoção, os olhos brilhantes de surprêsa, isolados naquela sala do velho general, onde ninguém os ouvia, Leila replicou com um grito triunfante:

— Mas agora eu sou a sua mulher, Barry, e ninguém poderá separar-nos!

O rapaz toma as mãos da espôsa entre as suas:

— Minha queridinha, minha idolatrada Leila, não compreende você que eu não posso de maneira alguma dizer a essa gente que estou casado com você, enquanto eu não possa prová-lo suficientemente?

— Provar?! Como?... Barry!

— Provar que posso tomar conta de você!

— Quer dizer então, que eu não posso revelar isso nem mesmo a papai?

— Você não deverá dizer a ninguém sôbre o nosso casamento, enquanto eu não regressar.

O olhar de Leila se entumece de cólera. O sangue lhe sobe à cabeça.

— Enquanto você não regressar?! Regressar, de onde? Então você vai partir...

— Hoje mesmo. Prometi a Gordon que iria com êle.

A jovem não tem outro jeito que não conformar-se. Barry a toma nos braços.

— Era preciso aceitar, Leila. Era preciso prometer a Gordon. Queira compreender a situação. Não possuo um vintém de meu, e não podia de maneira alguma confessar a Gordon que eu a havia desposado. Eu desejaria dizer a Gordon que você é minha, que tôda a sua doçura, tôda a sua beleza me pertencem; eu queria bradar ao mundo inteiro... Mas eu não tenho um centavo, estou desempregado, e não queria que Gordon me dissesse que eu sou um insensato.

— Mas papai poderá ajudar-nos!

— Acha você que eu vá suplicar-lhe aquilo que êle não me ofereceu? Eu quero mostrar-lhes, Leila, que eu não sou mais uma criança!

Leila lutava contra a estranha vertigem que parecia apoderar-se dela.

— Se eu pudesse, ao menos, dizer a papai!

— Minha querida, o segrêdo deve ficar exclusivamente entre nós dois.

Ela encostou sua face contra o braço de Barry num gesto de mudo consentimento e sua pequenina mão esquerda, crispada sôbre a manga negra, semelhava uma pétala de rosa. Barry pegou-lhe na mão.

— Pobre mãozinha sem aliança! — murmura êle.

Pareceu a Leila que o ponto culminante da crise estava passando e ela já se encontrava mais calma. Mas sentia um caos na consciência.

— Vamos, vamos, Leila querida.

Leila não podia lutar mais. Seu ânimo chegara ao final. Naquela mesma manhã, êles haviam colocado a aliança num pedaço de fita azul e Barry a atara em tôrno do pescoço da espôsa. E Barry ouvira dela que o anel ela não esconderia a ninguém dêste mundo!

Mas, diante dessas circunstâncias, Leila não poderia mais usar a aliança, nem mostrá-la ao mundo. O anel teria que ser escondido, dia e noite, sôbre o seu coração.

— Leila, você não me dá coragem nenhuma.

Era o grito egoísta do homem. Ao ouvir-lhe tais palavras ela procura sobrepujar seus embaraços. Barry tinha precisão dela. Então a jovem procura reconfortá-lo. Talvez tudo se arranjasse muito bem e ela pudesse gozar a felicidade dentro de um mês. Era possível que seu pai consentisse que ela fôsse passar o verão onde estivesse o espôso. Então Barry lhe mostraria Londres e a levaria a todos os seus recantos admiráveis e pitorescos. Nesse interim, ela receberia cartas dêle! Ela lhe prometia contando as novidades. Seria um encanto essa troca de correspondência entre os ausentes!

E Barry concluiu:

— Minha santinha, — diz êle ao deixá-la — você é muito boa para comigo; mas tudo o que há de bom em mim, lhe pertence, meu anjo idolatrado!

Ela o acompanha até à porta e lhe diz bravamente:

— Até mais.

Quando fechou a porta, Leila começou a impressionar-se. Quando se encaminhou para a biblioteca, estava pensando que devia lutar contra tôdas as barreiras. E caminhou lentamente, como quem imagina planos. Quando chegou ao portal do salão da biblioteca onde se achava seu pai a ler, ela exclamou com voz bastante alterada:

— Papai!

— Que há, querida!

O velho general correu para ela e a segurou.

A tensão nervosa dos dois últimos dias havia sido bastante forte para aquêle corpinho delicado, e a pequenina Leila acabava de perder os sentidos.

CAPITULO XVI

O batismo do bebê de Constante reuniu um certo número de personagens femininas, as quais, por meio de certos dons de imaginação, poderiam ser comparadas a essas fadas dos contos de outrora, colocadas em tôrno dos berços infantis.

A pequena Mary Constante Ballard Richardson, a despeito da extensão de seu nome não era mais do que um bolinho de carne rosada. Metida em panos de linho finíssimo, não oferecia a olhos imparciais sinais de qualquer beleza. A pele rosada, um nariz

Tradução de **RENATO DE ALENCAR**
Ilustração de **JERÔNYMO RIBEIRO**

redondo, a bôca sem dentes, ela era um bebê igualzinho a tantos outros, mas que, para sua família, era uma bonequinha de rara beleza, de formas incomparáveis.

A própria tia Frances sucumbia aos seus encantos.

— Devo dizer, — declarou ela a Delilah Jeliffe, que se debruçava sôbre o berço — devo dizer, que essa criança é excepcional numa criaturinha de sua idade!

Delilah fêz um gesto de dúvida.

— Não gosto de bebê. E' tão vermelhinha que nem parece gente!

Leila protesta com calor:

— Delilah, a criança é um amor! Que mãos lindas!

— Patinhas de passarinho!

Mary vem completar os comentários:

— Sua pele é semelhante a uma pétala de rosa.

E Grace:

— E terá os cabelos dourados como os de sua mãe.

- Seus cabelos?

O tom com que fêz Delilah esta pergunta era da maior incredulidade:

— Ela não tem um só!

Tia Frances, com a rapidez de uma matrona experimentada, põe a criancinha de bruços, mostra a cabecinha a Delilah e lhe pergunta indignada:

— Como você chama a isto?

Ela queria mostrar que a menina já possuía cabelos. Na verdade, naquela cabecinha inocente se notavam pelos ralos e finíssimos, dourados como penugem de cauda de marreco novo.

— Sim, como chama você a isto? — fizeram côro as restantes adoradoras.

Delilah deixou escapar um riso de mofa:

— Mas isto não é cabelo! Parece mais uma amostra de sêda amarela!

Porter, que acabava de entrar, serviu de testemunha de valor:

— Queira Deus que seus cabelos não se tornem vermelhos — disse êle com ênfase.

— Oh! — reprova Grace levando a mão à sua própria cabeleira.

Porter procura desculpar-se:

— Não me referia aos seus, Grace, e sim a outra coisa. Sua cabeleira é maravilhosa.

— As artistas pintam os cabelos, — concorda Grace com mansidão — e isto assenta bem com certos vestidos.

Delilah olha uns e outros.

— Vocês dois fariam belo par de santos num vitral, — exclama ela em tom pilhérico — com um ramo de lírio e uma auréola sôbre as cabeças.

— A maioria das mulheres estão sempre prontas para receber auréolas, — diz Porter — bem como para receber asas; mas eu jamais me verei empunhando lírios!

— Nem eu — murmura Grace. — Você faria muito melhor em nos recomendar outras rosas, Delilah, as rosas falsas. Não conhece a velha canção: "Um jovem não vai nunca onde florescem rosas sem valor"?

— Os homens jamais deixarão de figurar em sua vida — respondeu Delilah com perspicácia — mas, com os cabelos que você tem, você está destinada a uma grande paixão, ou então a uma carreira. Se não descobrir o seu Romeu, terminará como superiora de um convento, ou então, enfermeira em algum campo de batalha.

Os olhos de Grace brilharam.

— Oh! minha muito sábia Delilah. Você não está muito distante de meus sonhos. Que lhe deu tanta sagacidade?

— Colin me tem ensinado coisas. Estudamos juntos os tipos. Isso muito me diverte, embora o assunto seja bastante sério.

Colin era o costureiro de Delilah.

— Por que não o trouxe também? — pergunta Constante.

— Porque ela não faz parte dêste grupo familial. De alguma forma êle poderia vir, a meu pedido. Está ocupado agora em desenhar o modêlo do vestido que eu deverei usar no "garden-party" da Casa Branca. Deverá estar pronto o esbôço depois do meio-dia.

— Delilah!

Leila abandona, por instantes, a contemplação de Mary-Constance.

— Delilah, — diz ela — eu pergunto a mim mesma se você só enxerga nos outros a simples aparência.

— Sòmente isso, minha pequena. Para mim vocês tôdas não passam de uma galeria de arte muito artística. Eu a observo atentamente e você poderá ficar muito bonita em minha coleção de tipos.

Barry, que acaba de entrar, ainda teve tempo de compreender do que se tratava, e, com aquela verve de antigamente, foi exclamando:

— O bebê pertence à escola holandesa, com êsse nariz redondo!

Mas recebeu uma chuva de protestos.

— Ela se parece com você — disse Delilah. — À parte o nariz, é um Ballard. Não se parece nada com o pai, pelo menos enquanto se mantém neste seu maravilhoso natural.

E lança para Gordon um olhar significativo. Gordon percebeu a indireta, mas não se altera. Mulheres como Delilah Jeliffe eram portadoras do eterno feminino, mas Gordon era bastante sensato para não provocar conflitos.

— E' uma Ballard, mesmo com o seu narizinho — diz êle. — Quanto ao mais, é o natural de Constance, que está acima de todo elogio, e não o meu.

— E agora que você nos tomou Constance, vai também tomar-nos Barry? — indaga Delilah.

Era com certa repugnância que Gordon abordava êsse assunto.

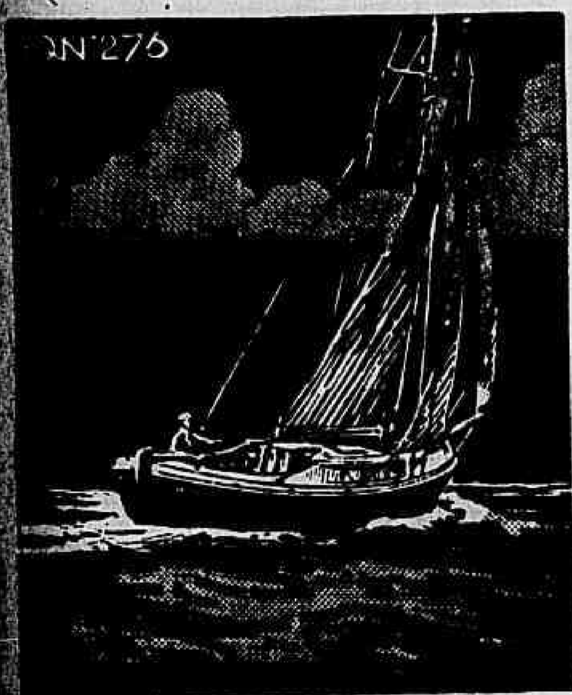
— Êle vai comigo para lá, a fim de ficar bem treinado nos negócios. Barry não terá melhor oportunidade.

Nota-se que Barry perde tôda a vi-

(Cont. na pág. 42)



Aventuras do Capitão Rob
O Império Celestial







1 Em algum lugar do Oceano Pacífico Rob se desligou dos seus amigos. Está alegre por ver-se novamente em seu hiate, apenas com o seu leal "Skip". Mas alguma coisa parecia não ir bem a bordo, uma vez que êle tinha o ouro do Pirata Pete no barco. Rob estava notando uma série de contrariedades na sua viagem. Naquela noite, por exemplo, partiu-se uma das cordas da vela, sùbitamente. Quando Rob tratava de reparar o acidente, o cão começou a ladrar furiosamente. Que seria? Rob pesquisou. Nada. Notou, entretanto, luz no camarote. Era muito estranho, e teve a impressão de que via a cara do pirata!



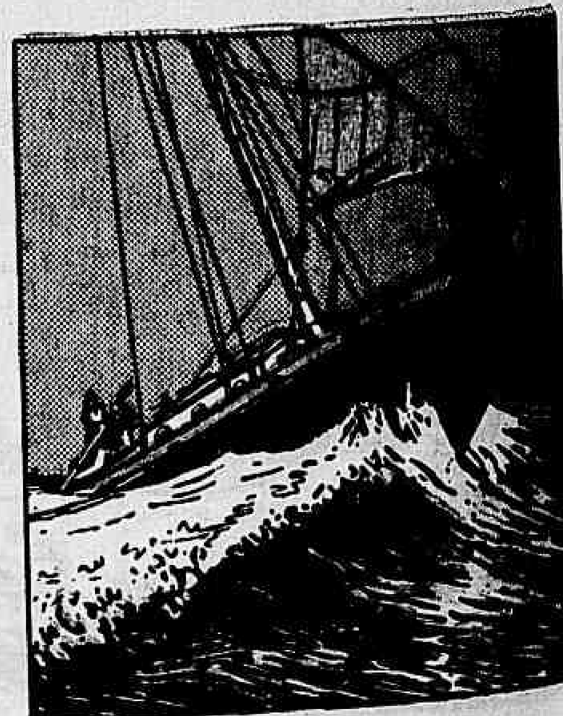




2 A luz azul foi tomando, gradualmente, a forma de sombra. Deu uma batida completa ali ali por dentro, fazendo uma inspeção minuciosa. Onde teria êle visto aquela cara antes? Ah! Lembrava-se agora. Era o rosto do pirata Pete temível navegador do século XVII, cujo espírito continuava a penar por aquêles mares, sem ainda conhecer paz, e à procura de aventuras em busca de tesouros. Rob estava sèriamente transtornado. No instante em que olhou para a luz, o fantasma se foi. Ameaçava temporal e Rob tratou de tomar algum pôrto. A tempestade já vinha perto. O intrépido navegante estava firme.







3 Ao clarear do dia a tempestade se transformara em regular furacão. Todo o oceano era um extenso lençol de espuma, enquanto as ondas muito altas vinham arrebentar-se de encontro ao costado do barquinho. Sùbitamente Rob sentiu uma coisa como um cilindro chocar-se contra seu barco. "Santo Deus!" bradou êle. "Lá se foi a cana do leme!" Agora teria que arranjar-se com uma vara. Depois de muito lutar, conseguiu dominar a situação. Há por ali ilhas de coral. Rob navega já dia alto, com tempo forte, enfrentando uma situação positivamente grave, até que consegue avistar uma nesga de terra.

A nova aventura do famoso e intrépido Capitão Rob não é apenas um testemunho de sua bravura diante de tempestades,, isolado do mundo, sòzinho com o seu fiel "Skip", em meio de mares perigosos. Sua aventura que se inicia neste número, se liga também ao tesouro de um pirata chamado Pete, cujo ouro ia a bordo do "Liberty". Rob não era supersticioso, mas tinha a impressão de que o fantasma de Pete estava a bordo do seu iate, e que tudo faria a fim de que o baú de ouro e jóias, produto de seus assaltos de pirataria por êsses mares além, não caísse nas mãos de ninguém, e fôsse tragado pelas ondas. E se isso falhasse, surgiriam mulheres

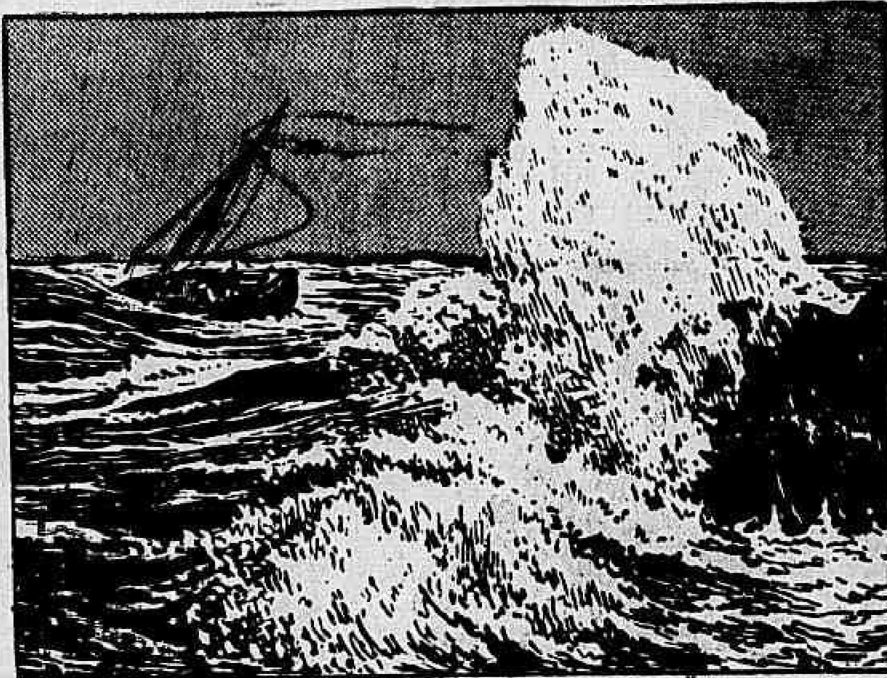






4 Logo que o tempo se tornou mais calmo, Rob tratou de lançar âncora. O "Liberty" deu algumas voltas em tôrno. Depois que fundeou o barco e lançou uma outra âncora de sustentação, entrou para sua cabine e procurou expedir uma mensagem de S.O.S. Sua posição era muito crítica. Durante uns dez minutos êle se manteve a expedir socorro. Momentos depois o aud marinheiro recebia uma mensagem que dizia: "Fala Pandora. Dê sua posição Liberty". O Capitão Rob informou que estava a oeste da ilha Nonimal, arquipélago Gilbert. "Pandora" pediu que aguardasse até que o tempo permitis







5 A tempestade recrudescia e a situação do barco era insustentável. Meia hora depois de receber aquêle aviso, uma das âncoras não suportou a pressão partindo-se a corrente. O caso se agravava agora. Rob lutava para manter o barco a flutuar. Mas a fôrça do vendaval era cada vez mais violenta. Rob procurou escorar o mastro; mas foi tarde e a ventania o derrub Novamente as ondas rugem contra o "Liberty". A outra cadeia de ferro foi. O barco estava, agora, à mercê do furacão e das ondas. Antes que barco se arrebente contra rochedos, Rob nada, com o seu cão, para a pra







6 Ao lançar-se nágua como que ouviu uma gargalhada satânica vinda de bordo. Protegido por um colete salva-vida Rob nada vigorosamente na direção da costa. Mas já está exausto. Com a violência das ondas êle perdeu Skip de vista. Uma onda mais forte o envolveu e Rob perdeu o colete de cortiça. Sentiu, então, que a consciência lhe fugia. O fragor das ondas era mendo e êle cambalhotava ao léu dos elementos desenfreados até que deu os sentidos. Ao recuperar a consciência, viu seu cão ajudando-o a var-se. Skip jamais deixara seu dono abandonado. A tempestade passa

A ESTÁTUA

— Veja esta estátua, Lúcia!

— Já a olhei...

— E' de... Luciano, não o conheço, algum estreante...

— E'...?

— Veja: Dúvida é o nome... ela, aliás, parece acabrunhada, mesmo, duvidosa...mas você não se interessa... seu ciúme além de desarrazoado é incômodo.

Paulo estava a ponto de aborrecer-se, pois, sôbre ser um apreciador de arte, era, também, indivíduo de temperamento impulsivo, era-lhe, portanto, desagradável aquêle proceder de Lúcia, mais do que indiferentismo, Paulo julgara ver certo amuamento em sua jovem espôsa; era bem verdade que ela já demonstrara interêsse por sucessivas outras obras do Salão, fôssem estátuas, quadros ou porcelanas, no entanto naquela estátua passara de relance os olhos, seguindo, como se a obra, além de enfastiar, a desgostasse. Paulo, entretanto, um pouco por admirar a obra, um pouco por instinto de provocação, alertara-a sôbre aquela estátua desnuda.

Ao seu chamado, contudo, Lúcia limitara-se a responder que já a tinha visto, seguindo, após, vagarosamente em outra direção. Paulo acabou por supor que o ciúme dominara os nervos de Lúcia, falando-lhe sôbre isto, rude e francamente, ao que a moça, por sua vez, irritada, retrucou:

— Cada um admira o que lhe parece belo, e o que o é para você pode não o ser para mim, meu ciúme não chegaria a ponto de tornar-me tola — e incisiva — não gosta desta estátua.

Desajeitado e surprêso, Paulo encarou Lúcia e, curioso, lançou um último olhar à Dúvida. O momento era oportuno mesmo para suspender a querela, alguns olhares indiscretos já envolviam ora o par, ora a estátua.

Dúvida passou, então, a ser objeto de exame de aguns visitantes mais próximos e, provàvelmente, alguns deveriam ter dado razão à jovem espôsa; Dúvida não era estátua comum: cinzelada em delicada terracota, suas dimensões eram naturais; o rosto, coberto com as mãos, voltava-se ligeiramente para o lado direito, ao mesmo tempo que para o chão, onde um amontoado mais ou menos desuniforme sugeria roupas caídas. O corpo, a altura da barriga, encolhia-se, colando-se as coxas entre si, parecia querer encobrir com a atitude o que a falta de vestes descobria; ligeira curvatura nos joelhos completava-lhe a postura. As formas, escusado será dizer, chamavam tanto a atenção como a atitude; bela simetria sem chegar ao excesso da perfeição.

A estátua, se bem que anteriormente ao desentendimento conjugal, já fôsse observada, era, agora, contornada, sofrendo minuciosa exploração e, dois detalhes, embora diminutos não escapavam à sofreguidão dos novos olhares: o colar e os calçados.

★

Luciano era um escultor pràticamente desconhecido, era mais um profissional do que um artista, entretanto, lá vez por outra, arriscava uma obrazinha por amor à arte. Era de se ver a luta que enfrentava para ganhar o pão: anjinhos, cruzes, vasos, até florões e outros objetos ornamentais. Possuia, é verdade, uma ou outra obra mais artística, um nu, dois bustos, tentara até uma figura mitológica, diga-se de passagem; não fôra, todavia, a última, além da tentativa, ficara no esbôço; lá a falta de tempo e inspiração, aliadas, impediam-no de progredir muito; o fato, porém, é que já exercia o mistér havia algum tempo; mas o tempo, dedicava-o a ganhar o dinheiro, atendendo às encomendas; a inspiração fugia-lhe menos por falta de imaginação do que de estímulo. Imaginação lá isso êle tinha, faltava-lhe, porém, algo; sua vida metódica e rotineira tirava-lhe ao espírito o calor, por vêzes ardente, que o artista requeria. Em muitas ocasiões, até, desanimado da própria carreira que abraçara, largava o cinzel de lado e punha-se a cismar; fumava e fumava, olhava apático suas obras, finalmente, como se procurasse um refúgio, dirigia-se à porta do atelier e olhava o movimento vivo e alegre da rua. O atelier então parecia-lhe um túmulo e suas obras, cadáveres.

Nestas ocasiões, algumas vêzes, sentia tôda sua têmpera de artista chamá-lo para um corpo que passava, acompanhava-o até perder de vista. No entanto, recuava logo após no seu pensar, sabia que aquêle corpo não serviria para seu buril; se só pelo corpo qualquer mulher servisse, ser-lhe-ia fácil um modêlo: Luciano requeria mais. Embora ainda não tivesse vencido, tinha alma de artista e, se suas mãos pediam um corpo, sua alma requeria outra alma; dentro de um corpo Luciano queria também esculpir uma alma; no meio destas cogitações invariàvelmente brotava-lhe um sorriso de desânimo e tinha ímpetos de quebrar tôdas suas obras, criando, enfim, alguma coisa capaz de satisfazer sua tendência artística

Um paradoxo o seu desânimo e sua vontade de criar, mas, um paradoxo verdadeiro em Luciano.

Parte de sua vizinhança já o considerava meio desequilibrado, ou pelo menos, excêntrico. De qualquer forma sua excentricidade chamava atenção; havia até uma jovem que o olhava com curiosidade, senão mesmo com simpatia; Luciano acabou por notar e o poste do bonde, em frente ao atelier, completou a obra, conheceram-se.

No princípio a coisa ficou longo tempo estacionária, quase que se limitava a um ligeiro sorriso, seguido do cumprimento formal; já a êsse tempo, porém, Luciano lutava desesperadamente com um sentimento novo que insidiosamente lhe aparecera, ambicionava a jovem e, êle mesmo, não distinguia se a ambicionava como homem ou como artista; também, em parte, estas variações dependiam dela, embora talvez ela não o notasse, ou fingisse não notar.



Dia houve em que a demora do bonde forçou, pela primeira vez, uma prosa entre os dois, e até mesmo, à partida da condução, provocou uma troca de olhares à guisa de adeus.

Já agora sucedia a miúdo uma prosinha e, se a moça acompanhava Luciano em seus sentimentos, êle não o poderia dizer, se bem que, por certas circunstâncias, fôsse levado a crer que sim. Os dias passavam e Luciano previa que breve o caso teria um desfêcho, fôsse qual fôsse; já difícil era dominar as violentas emoções que a jovem lhe causava, tinha ímpetos de agarrá-la e esmagá-la entre seus braços ou de desnudá-la e esculpí-la para satisfação de seu cinzel. Chegara o momento de sua obra máxima, necessitava em absoluto dela. O acaso foi-lhe fortuito.

Chovia torrencialmente e muita gente fôra apanhada de surprêsa, algumas rajadas mais fortes penetravam no atelier de Luciano, já semi-cerrara sua porta, a título de proteção e, se não a fechara de todo é porque tinha esperança de ver alguém; alguém que também deveria ter sido apanhado sem aviso. Não esperara em vão, apenas uns 10 minutos se tanto.

— Tempo traiçoeiro êste o da nossa terra...

— E' verdade, veja meu estado.

— Hum! mas está molhadinho...

— Como um pinto.

— Quem tomar alguma coisa para aquecer?

— Não, obrigada.

— Abrigue-se ao menos um pouco, entre.

— Mas já estou tôda molhada!

— Embora; sentir-me-ia um malvado deixá-la exposta a esta chuva, demais, o que não pensaria de mim?

(Cont. na pág. 42)

Conto de HILTON FARIA ★ Ilustração de GIL



PROFISSÕES QUE VÃO EM HERANÇA

Famílias nas quais uma mesma profissão passa de pai a filho, através de três e mais gerações.

•

Famílias nortistas com oito gerações de senhores de engenho - Famílias fluminenses, mineiras e paulistas de fazendeiros.

•

Nos Mena Barreto: 6 gerações de Militares - Nos Trigo de Loureiro: 5 gerações de Juristas - Nos Andradas: 4 gerações de Políticos - Nos Ottoni: 4 gerações de engenheiros.

•

Famílias que conservam tradição profissional: na Marinha, na Diplomacia, na Magistratura, na Indústria, no Comércio, no Jornalismo, na Medicina, no Teatro, no Magistério, nas Letras.

Por CIRILO BORDALO

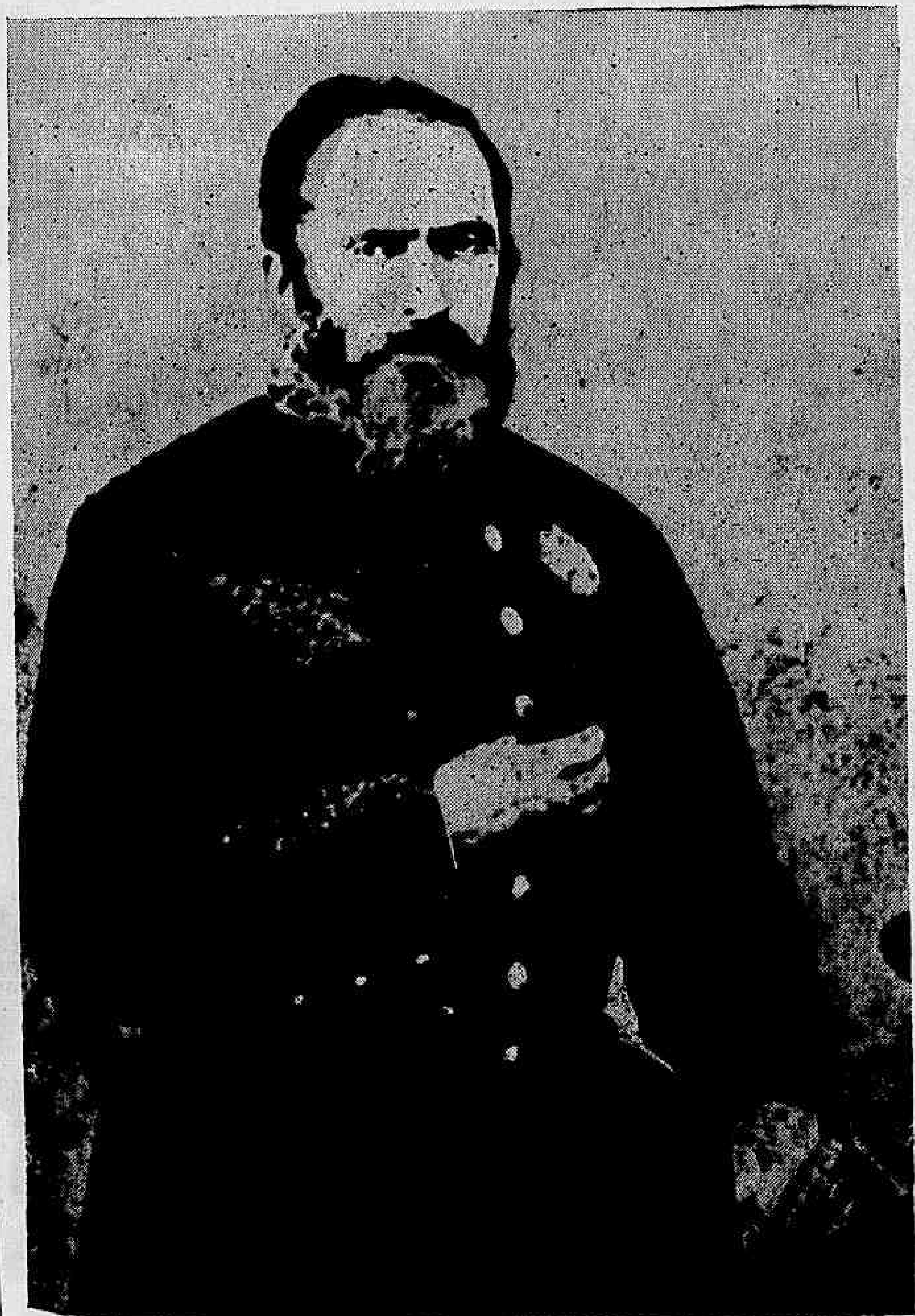
A perpetuação da mesma atividade profissional no seio de uma só família não constitui regra em nenhum país do continente americano. Neste lado do mundo as classes sociais são muito móveis e sem fronteiras, o espaço social tanto quanto o espaço geográfico está ainda muito imperfeitamente ocupado. No espaço de quatro gerações — um século — freqüentemente uma família atravessa as mais variadas situações, despenhando-se do fastígio na pobreza ou, inversamente, ascendendo às mais brilhantes posições. As profissões, em conseqüência, raramente se transmitem.

Nem sempre, contudo, é verdadeiro o velho ditado que conhecemos dos nossos avós portuguêses e que diz: "pai taverneiro, filho cavalheiro, neto indigente." Famílias houve e continuam existindo nas quais a mesma ocupação profissional passa de pai a filho através de múltiplas gerações e isto constitui objeto desta crônica-reportagem.

Os exemplos não são abundantes se considerarmos a massa demográfica da nação, a impossibilidade de relacionarmos todos êles e se, especialmente, ao lado da mobilidade social a que nos referimos, atentarmos ainda para um fator novo, contrário à estabilização das profissões no seio de uma mesma família: a extraordinária expansão do mercado de profissões, decorrente das constantes descobertas e aperfeiçoamentos no campo da técnica. Profissões como as de enfermeiro, rádio-técnico, aviador, figurinista, pedicuro, paginador de jornal, arquiteto, químico industrial, economista, ascensorista, microbiologista, técnico de propaganda, projetista comercial, psicologista e dezenas de outras, não existem há mais de vinte ou cinqüenta anos. Ou, quando antes existiam, constituiam simples ocupações não remuneradas, portanto sem caráter de profissão.

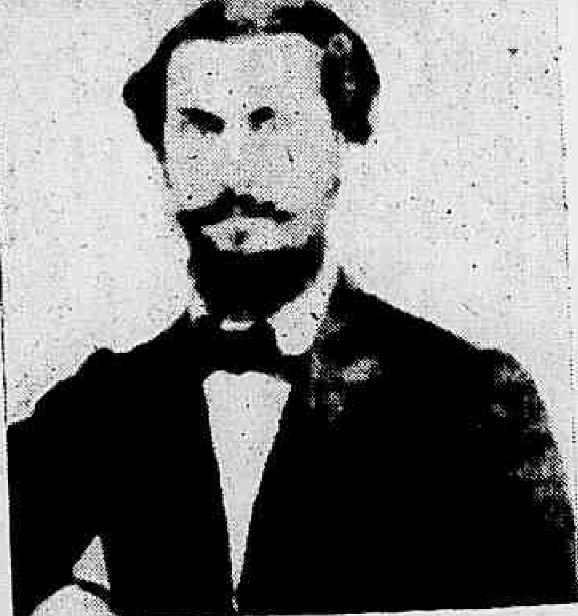
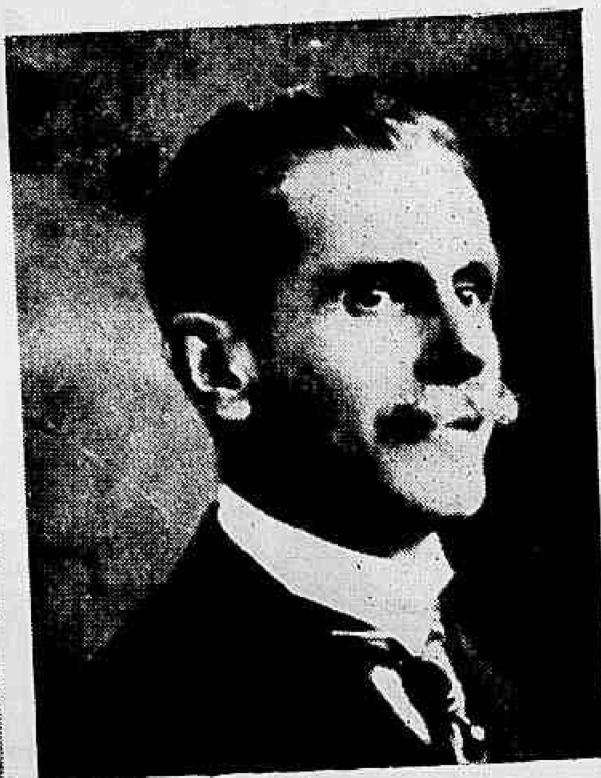
As profissões mais modestas se transmitem com regularidade mesmo na Europa de nossos dias, sobretudo no campo. Já no Brasil, como no continente americano em geral, o fato sucede mais raramente e cada vez menos pode ser apontado nos centros urbanos. A facilidade de ascensão social em países relativamente novos como o nosso, onde não existe saturação profissional em nenhum setor de trabalho faz, do filho do trabalhador braçal ou do artesão, um funcionário público; e, do neto, um doutor ou oficial das fôrças armadas. E' portanto no quadro das profissões liberais ou militares e no setor das atividades comerciais, industriais ou artísticas que podemos encontrar exemplos de estabilidade. As primeiras são as profissões outrora consideradas nobres, as segundas hoje se recomendam ao conceito social e isso naturalmente explica que médicos e engenheiros, oficiais da tropa, comerciantes e industriais inculquem em seus descendentes o gôsto pela herança profissional.

Há de ser assim, nesses limites, onde encontraremos os exemplos de famílias brasileiras em cuja linhagem se conserva, através de mais de duas gerações, uma mesma profissão. E de outras em que a profissão tem-se mantido em duas gerações, com possibilidade de passar adiante e, por sua vez, estabelecerem uma "profissão de família". No último caso se incluem muitas famí-



General Luís Procópio Mena Barreto, herói da Guerra do Paraguai, um dos membros de uma estirpe ilustre de militares.

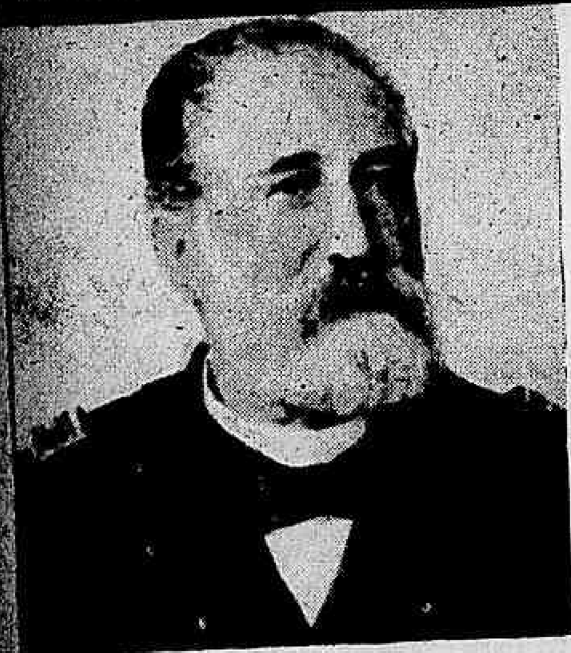
TRIGO DE LOUREIRO - DIREITO


Da esquerda para a direita: Conselheiro Lourenço Trigo de Loureiro; Dr. Antônio Fernandes Trigo de Loureiro; Desembargador Antônio Fernandes Trigo de Loureiro (filho) e Dr. Alberto Trigo de Loureiro — gerações consecutivas. A quinta não aparece no frizo acima.

lias de imigrantes que adquiriram posição de relêvo social no Brasil, nos últimos setenta anos, fundando uma estirpe que vai-se desdobrando ao longo do tempo.

LOPES DA CRUZ - MARINHA





Da esquerda para a direita: Almirante Manuel Lopes da Cruz, herói do Paraguai; Almirante Atanagildo Lopes da Cruz e Capitão de Corveta Augusto Lopes da Cruz, que representam a Armada em três gerações diretas.

AS famílias territoriais — proprietárias de terras e lavouras num curso de várias gerações — foram numerosas no país, havendo exemplos de muitas delas, especialmente do Norte, que hoje, ainda que sem a mesma opulência, continuam ligadas à propriedade do solo do mesmo modo que um avô remoto de quatro séculos atrás.

Os Cavalcânti de Albuquerque constituem numerosa e ilustre progênie cujo berço é Olinda, onde Jerônimo de Albuquerque e seu genro Felipe Cavalcânti, ambos nobres, poderosos e ricos, tiveram os primeiros engenhos de açúcar que funcionaram na Capitania de Duarte Coelho. Através de quatro séculos êles foram senhores de engenho e numerosos entre seus descendentes ainda possuem canavial e engenho, em Pernambuco e nos Estados vizinhos.

Estão no mesmo caso os Pais Barreto, antigos morgados do Cabo, no sul de Pernambuco. E tantas outras famílias que vêm dos primeiros dias da Capitania e da guerra de restauração feita aos holandeses: Albuquerque Melo, Marinho Falcão, Lins, Bandeira de Melo, Acióli, Pessoa, Rêgo Barros, Vanderlei, Sousa Leão, Carneiro da Cunha, Fonseca Galvão (Carapeba), Holanda, Vieira de Melo e muitas outras.

Na Bahia, os velhos troncos do Recôncavo, desdobrados no tempo em consecutivas gerações de agricultores: Calmons, Monizes, Pedreiras, Sodrés; mais recentemente os Mariânis, os Rochas, os Vasconcelos, radicados no interior.

No Sul, a chamada Velha Província (a do Rio de Janeiro) criou as dinastias do cafesal, cuja opulência surpreendeu até mesmo visitantes estrangeiros: a dos Teixeira Leite, surgida com Francisco José Teixeira Leite (Barão de Vassouras, 1804-1884), de origem mineira; e a dos Correia e Castro, que começa em Laureano Correia e Castro (Barão de Campo Belo). Mas se estas eram as mais importantes, outras famílias havia em que a ocupação na lavoura passava ao filho e ao neto, às vêzes ao bisneto: Nogueira da Gama, Pais Leme, Monteiro de Barros, Alves Barbosa, Werneck, Oliveira Roxo, Cotrim, Godói.

No norte e no oeste paulistas destacavam-se como gerações de fazendeiros os Pais de Barros, os Sousa Queirós, os Silva Prado, os Sousa Aranha, os **Vergueiros, os Alves Lima, os Laras,** os Sousa Camargo, os Pizas, os Penteados.

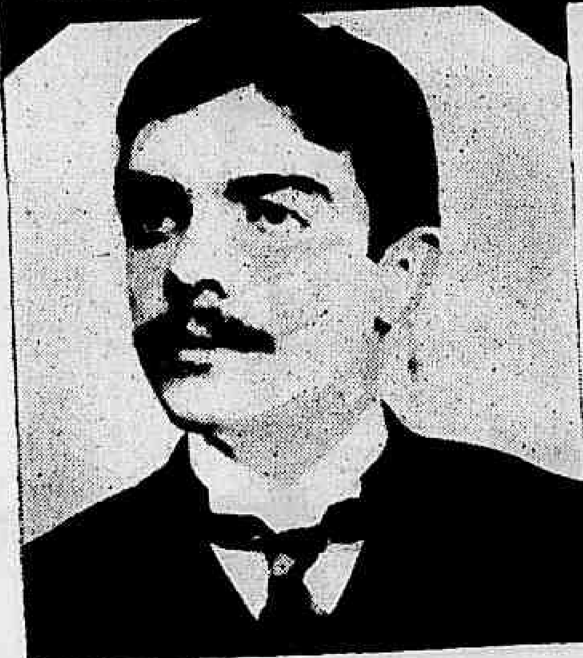
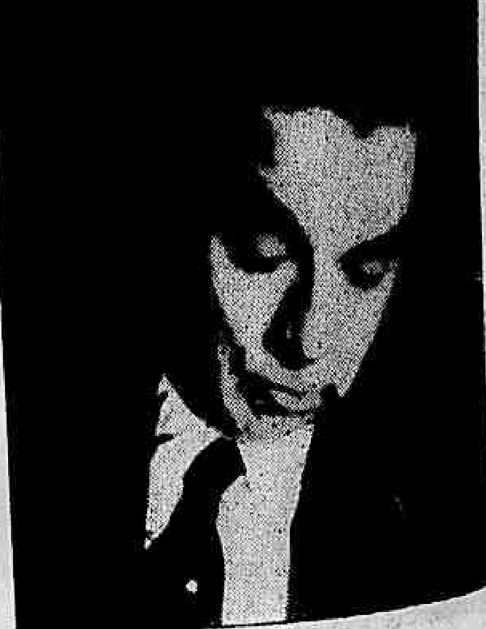
Na Mata mineira as famílias Monteiro da Silva, Cerqueira Leite, Martins Ferreira, Leite Ribeiro, Dias Tostes, Rezende, Ferreira Lage.

DOIS casos se tornaram profundamente singulares na crônica das famílias ilustres do Brasil: o dos Andradas e dos Mena Barreto, troncos que não se contam, aliás, entre os mais antigos, pois não chegam a ter duzentos anos no Brasil. Em outras famílias, e já apontamos inúmeras entre as velhas linhagens de Pernambuco e da Bahia, as gerações se sucederam ininterruptamente ligadas à mesma atividade da terra em quase quatrocentos anos. Nos Andradas e nos Mena Barreto, famílias que se destacam na administração civil e no exército, respectivamente, sempre representadas pela geração mais nova, essa constância não se interrompe desde os dias da fundação da nacionalidade, em começos do século passado. E' que elas nunca estiveram amarradas ao destino da propriedade da terra, incerto e vários; servindo sempre ao govêrno nacional, no Império como na República, não sofreram as crises da lavoura que derrotaram o poderio das grandes famílias territoriais: a da abolição, em 1888 e a do "crack" do café, em 1929. Seu prestígio assim se manteve intacto, no próprio campo da atividade em que se têm conservado durante os últimos cento e cinqüenta anos. Com seis gerações de militares, com quatro gerações de políticos e administradores, os Mena Barreto e os Andradas vieram a constituir dois exemplos típicos de vocação familiar para uma mesma atividade.

NAS profissões militares constituem os Mena Barreto o caso mais ilustrativo, porque nenhuma outra família no Brasil forneceu, em tantas e seguidas gerações, igual número de oficiais para as fôrças armadas; devendo ainda ser assinalada a circunstância de que, na mesma geração, tem sido freqüente o fato de vários Mena Barreto entrarem contemporâneamente para o serviço das armas.

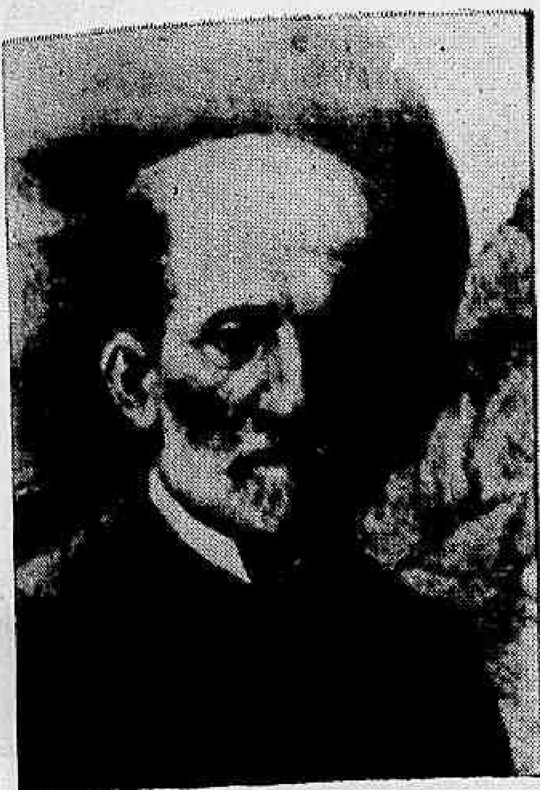
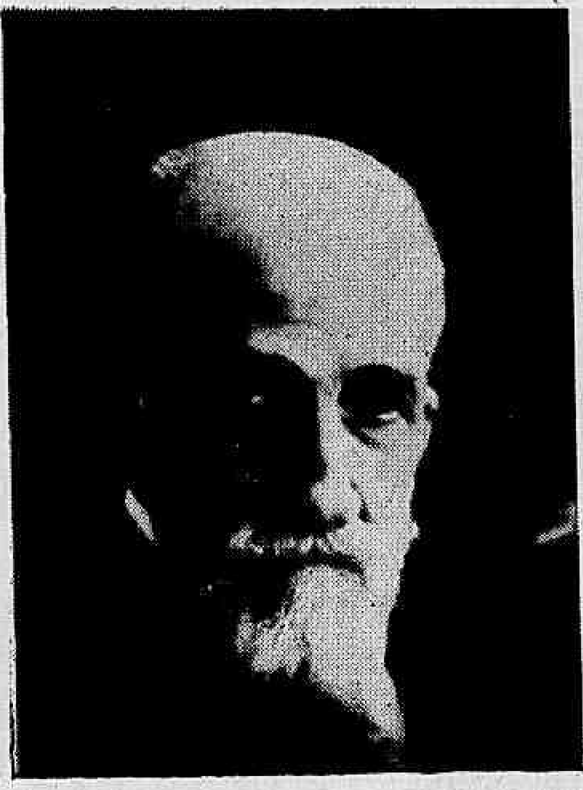
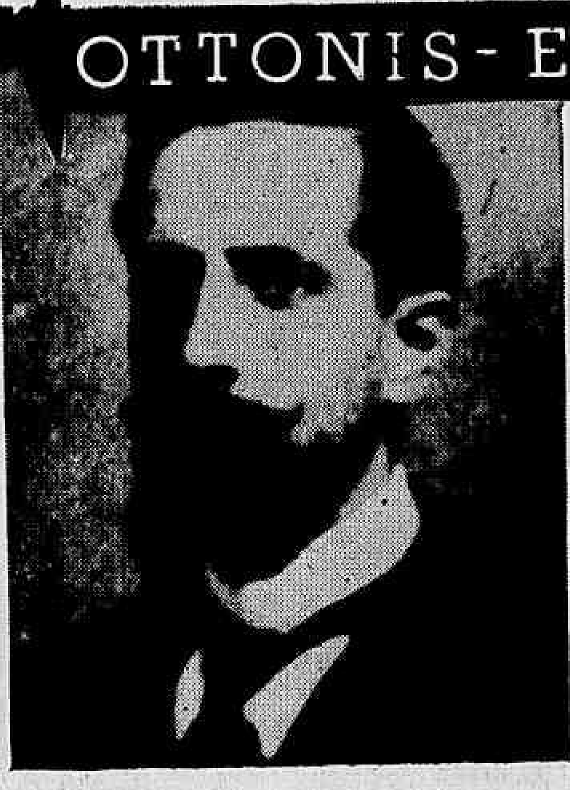
Caso mais ilustrativo porém não isolado, o dessa família de vocação militar. O General Andrade Neves (Barão do Triunfo, 1807-1869), teve seu filho e neto feitos generais, no fim da carreira. José Joaquim de Andrade Neves Filho serviu como ajudante de ordens

RODRIGUES - JORNALÍSMO

Mário Rodrigues e Mário Rodrigues Filho. Não se acha aqui representada a terceira geração.

OTTONIS - ENGENHARIA


Quatro gerações: (a partir da esquerda) Cristiano Benedito Otôni; Cristiano Benedito Otôni Jr.; Cristiano Benedito Otôni (neto) e Francisco Xavier Benedito Otôni. O último representa a geração atual de uma família famosa na engenharia ferroviária.

do país na Guerra do Paraguai, e seu filho, há poucos anos falecido, foi o General Francisco Ramos de Andrade Neves. Foram assim três gerações militares, em linha reta, que não continuaram porque o último do nome não deixou filho varão. No exército ainda a família Fonseca, em cuja primeira geração se contam o Marechal Deodoro da Fonseca, proclamador da República e seus irmãos, exibiu uma vocação militar continuada pelo Marechal Hermes (que foi Presidente da República) e seu filho, o Coronel Fonseca Hermes, atualmente reformado. A geração atual, quarta da mesma família, está representada pelo Capitão Hermes Ernesto da Fonseca, que continua um nome tornado ilustre na campanha do Paraguai.

A Marinha de Guerra possui também estirpes tradicionais em seus quadros, a começar pela família Lopes da Cruz, que se inicia na armada imperial com o Almirante Manuel Lopes da Cruz (1837-1928), comandante do "Solimões" em certa fase da guerra naval do Paraguai, continua em seus filhos Rodolfo Lopes da Cruz (1864-1902), morto como capitão de corveta, e Almirante Atanagildo Lopes da Cruz (1868-1925), além de seu sobrinho o Capitão de Corveta Luís Lopes da Cruz, assassinado em 1911 à porta do Clube Naval. O Almirante Atanagildo deixou um filho na Armada, o Capitão de Fragata Augusto Lopes da Cruz, atualmente em missão nos Estados Unidos, que nela representa a terceira geração de sua família.

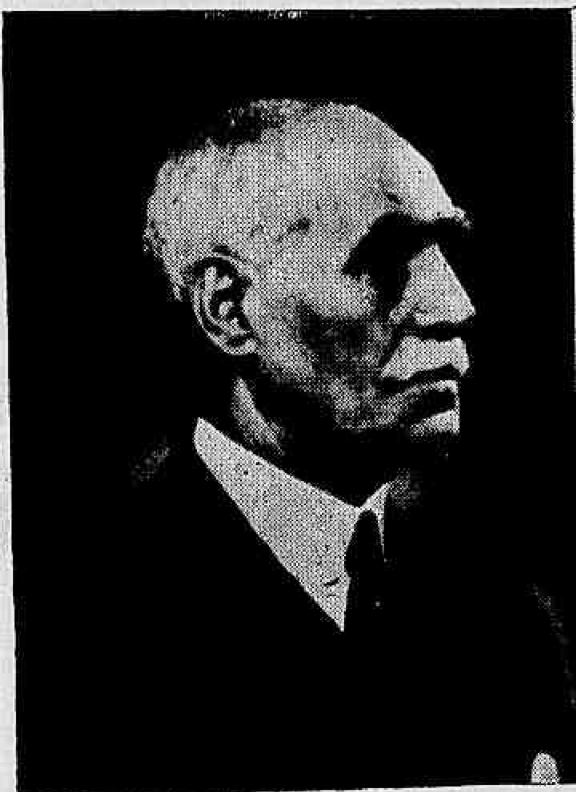
Os Guilhebel, os Delamare, os Guilhem são outras entre as famílias que se repetem pelo menos desde duas gerações em nossa marinha de guerra.

FONSECAS - EXÉRCITO




Dois representantes da família Fonseca: o Generalíssimo Manuel Deodoro da Fonseca e o Marechal Hermes.

DIAS GARCIA - COMÉRCIO





Da esquerda para a direita: Conde Dias Garcia; Manuel Dias Garcia e Antônio Dias Garcia Neto, membros de uma família tradicional no alto comércio do Rio de Janeiro (Dias Garcia Importadora S. A.)

As atividades jurídicas fornecem dois exemplos típicos de fidelidade profissional dentro da família: o dos Trigo Loureiro e o dos Mendes de Almeida, famílias de juristas iniciadas respectivamente em Pernambuco, pelo Conselheiro Lourenço Trigo de Loureiro 1793-1870) e no Maranhão, pelo Senador Cândido Mendes de Almeida (1818-1881).

O Dr. Lourenço Trigo de Loureiro foi catedrático da Academia de Olinda (mais tarde Faculdade de Direito do Recife) e autor de várias obras jurídicas, das quais se tornaram mais conhecidas as "Instituições de Direito Civil Brasileiro", primeira do gênero escrita no Brasil. Entre seus filhos se contaram dois que lhe seguiram as tendências: o Conselheiro Ovídio Trigo de Loureiro, morto como ministro do Supremo Tribunal e o Dr. Antônio Fernandes Trigo de Loureiro, magistrado e autor de obras de Direito. O filho dêste foi o Desembargador do mesmo nome, sucedido na profissão por Alberto Trigo de Loureiro, antigo Procurador da República e advogado. O filho dêste, que representa a quinta geração profissional e é o terceiro Antônio Fernandes Trigo de Loureiro, concluirá êste ano seu curso jurídico. Ainda outros colaterais se destacaram nas mesmas atividades, como desembargador Dagoberto Trigo de Loureiro, do Tribunal de Justiça do Estado do Rio, já falecido.

O Dr. Cândido Mendes de Almeida foi Senador do Império, professor de Direito e autor de vários importantes trabalhos jurídicos. Dois de seus filhos continuaram essa tradição, ambos professôres da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, um dos quais, o Conde Cândido Mendes de Almeida, teve por sucessor o atual advogado de idêntico nome, também professor de Direito na Universidade do Distrito Federal. Recém-formado, o Bacharel Cândido Antônio Mendes de Almeida representa a quarta geração de juristas na mesma família.

Os Espínolas, os Garcez, os Caldas Barreto, são outras entre as famílias que vêm dando duas e três gerações dedicadas às letras jurídicas, ao fôro e ao magistério superior. Na magistratura estão os Russell na segunda geração, com o juiz de direito Mourão Russell, filho do Desembargador Alfredo Russell.

A Medicina tem mostrado inúmeros exemplos de pais e filho clínicos e professôres na Faculdade. Os Castros, Francisco e Aloísio de Castro, ambos catedráticos no Rio de Janeiro. Os Rabelos, Eduardo Rabelo e Eduardo Rabelo Filho, no mesmo caso. Os Magalhães, Fernando e Nuno Magalhães. Os Austregésilos, Antônio Austregésilo, famoso neurologista e Antônio Austregésilo Filho. Os Chagas, Carlos Chagas e seu filho de igual nome. Os Bruno Lobo, pai e filho, ambos pertencentes ao magistério superior, o segundo ainda no exercício de sua docência.

Há, porém, famílias antigas de mé-

(Cont. na pág. 47)



CARAS, bustos e pernas em parada junto ao balcão do bar. Os brotinhos têm maior encanto mas as pernas de Arletty, defendidas contra a idade, não fazem feio junto às das companheiras.



MESMO existencialistas êles comem como tôda gente e ... mesmo a... Êles fingiram gostar dos quitutes da cozinha brasileira ... banqu...



GELIN (tem mais nariz do que mostra no cinema), Brigitte (que ri da piada de um cidadão que não aparece na foto) e Annette. Daniel Gelin e Brigitte Auber fizeram sensação entre os fãs.



UMA CENA tomada com naturalidade, numa das recepções aos artis... res, segundo o código existencialista, não usam "batom" e mal pas...

ARTISTAS INTERNACIONAIS VISITA...

São Paulo, Fevereiro

QUANDO as rodas do gigantesco quadrimotor tocaram o concreto da pista de Congonhas mais de uma dezenas de repórteres e fotógrafos dos diários bandeirantes "vararam", campo afora, a fim de colherem as primeiras impressões e os primeiros flagrantes fotográficos dos artistas franceses que vinham do festival de Punta Del Este, no Uruguai, ainda quentinhos e cheirando à água salgada das maravilhosas praias do vizinho país.

E, assim, máquinas em punho, "flashes" reluzindo, perguntas engatilhadas, os rapazes da imprensa paulistana viram desfilar, um por um, todos os passageiros da aeronave internacional, sem reconhecer, em qualquer dêles, um "astro" ou uma "estrêla" gaulesa, pois a caravana da terra de Sartre havia, segundo se soube depois, descido no aeroporto militar de Cumbica. Foi quando um confrade que teve mais senso de humor exclamou: "Os franceses não vieram... mas que "francesa", hein, companheiros!"

Eram 14,30h. e não houve outro remédio senão uma desabalada corrida até ao hotel onde se hospedariam os membros da delegação francesa de cinema. Todavia, ... da hospedaria permaneceram ... ra e 30 minutos, em silêncio, os militantes da quarta fôrça, até que Paul Silvestre, adido cultural do Consulado da França, a fim de quebrar a monotonia, fazendo interessante trocadilho, disse: "E'... o cinema francês está atrasado..." Porém, como para contrariá-lo, minutos depois, seus patrícios, que brilham na constelação cinematográfica internacional, deram entrada no vestíbulo do hotel.

A CIÊNCIA DAS RESPOSTAS

Tostados de sol, com visíveis sinais ... em aérea, ... humor e a sociabilidade tão necessária aos que vivem da opinião e da simpatia pública, foram entrando os artistas: Michel Au... clair, que contracenou com Cecile Aubry, em "Manon" e fêz o papel de amante do "brotinho de Paris", a bonitinha Brigitte Auber, em "O Direito de Matar". Daniel Gelin, o tímido rapaz de "Conflitos de Amor", que conquistou uma mulher casada. Arletty, da famosa película "Les Enfants de Paradis", que é considerada uma das maiores artistas francesas. Como acompanhantes vieram, ainda, a cenarista e jornalista ... "Paris Soir" e do "Paris Dimanche" ... Annette Wandemant, escritora de ci... ...sa do diretor Jacques Becker.

ente e o | mesmo a usar talher, às vêzes.
ileira | esse banquete a que compareceram.

das recepções | aos artistas franceses. As mulhe-
am "batom" e | mal passam o pente nos cabelos.

TA... S. PAULO

ria acs que vi- | Jean Séfert, chefe da caravana e
impatia pública | Ranowitch, diretor da França Fil-
stas: Michel Au- | do Brasil.
com Cecile Au- | Bem bem haviam os artistas chegado
fêz o papel de | uma verdadeira metralha de per-
e Paris", a bai- | tas os bombardeou. Houve quase
m "O Direito de | ulto. As perguntas sucederam-se,
tímido rapaz d | chocaram-se com os risos e com as
que conquistou | mações. Inteligentemente, êles fo-
Arletty, da famosa | respondendo, expondo suas opi-
de Paradis", que | e, sôbre o festival, sôbre São Paulo,
as maiores artis- | haviam visto no percurso do
acompanhantes, | porto à cidade, sôbre os compa-
rista e jornalista | os americanos e brasileiros.
"Paris Dimanche" | dos mostraram-se muito gentis, cal-
nt, escritora de ci- | e ponderados. Nada se perdeu, da
etor Jacques Be- | tra. Tudo foi prudentemente medi-

CHUVA DE "ESTRÊLAS" NA PAULICÉIA

OS FRANCESES PREGARAM "FRANCESA" NA IMPRENSA ★ ESPERADOS EM CONGONHAS DESCERAM EM CUMBICA ★ BRIGITTE, O "BROTINHO DE PARIS" ★ MICHEL AUCLAIR, SÓBRIO, FORA DA TELA ★ PIQUENIQUE EM PUNTA DEL ESTE ★ O MELHOR CINEMA DO MUNDO É O ITALIANO ★ KATHRYN GRAYSON É REALISTA ★ HOWARD KEEL ACHA QUE HOLLYWOOD ESTÁ FAZENDO ÓTIMO CINEMA

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR — Fotos de DARIO TERINI



ARLETTY, cuja arte e cujas maravilhosas pernas têm fascinado milhões através do mundo. A foto acima é impiedosa com a grande atriz mostrando os estragos que a idade vem lhe fazendo



do e as respostas foram colocadas em seus lugares exatos.

A EXPANSIVA BRIGITTE VAI MOSTRAR O BRASIL

Não seríamos justos se não disséssemos aos leitores que a turma era francamente da boa vontade, ao contrário do que se tem dito de outras caravanas artísticas que passaram entre nós. Tôdas as perguntas mereceram respostas. Brigitte Auber, por exemplo, foi logo nos dizendo que adora o Brasil, onde já havia estado — trabalhou em São Paulo na companhia de Claude Dauphine — não fuma, estava aborrecida por haver chegado em um dia sem sol, não podendo mostrar seu rosto e tudo de bonito que conhecia de São Paulo aos seus companheiros. "Na França — salientou — os filmes preferidos são italianos e os britânicos e tudo temos feito para, também, realizar bom cinema."

No que diz respeito ao cinema francês, Brigitte não se furtou à verdade e disse com espetacular simplicidade: "Continua em crise".

Em seguida, o "brotinho de Paris", que ficara apaixonado pela classe do casal Tom Payne e Eliana Lage, ao darnos sua impressão honesta sôbre a melhor película nacional exibida em Punta Del Este — "Vento Norte" — disse ser um filme muito lindo, onde, todavia, tudo está sujeito à fotografia. "Um maravilhoso cartão postal, mas quase me pôs a dormir! A freqüência do vento também foi um pouco exagerada — acrescentou — pois pareceu-me que êle entrou no filme como personagem." E como se falava de cinema, alguém perguntou qual a atividade dos diretores franceses, com segundas intenções, ao frisar se havia algum diretor desempregado, ao que ela, vivamente, tendo nos lábios um lindo sorriso, respondeu, sem hesitar um só segundo: "Sim, Marcel Carné está desempregado, pois está bem de vida e não quer mais trabalhar."

FÉRIAS EM PUNTA DEL ESTE

Arletty, a Gloria Swanson do cinema gaulês, tal como esta se nos apre-

ARTISTAS INTERNACIONAIS VISITAM SÃO PAULO

OWARD KEEL, embaixador de boa-vontade da Metro-Goldwyn-Mayer. Para o galã que vemos aqui o cinema não deve ter outra pretensão além de divertir. Keel não gosta de problemas.



BRIGITTE AUBER (a que aparece na almofada da poltrona) é um mimo de pequena e faz jus à alcunha de "brotinho de Paris". Tem olhos de sonho e um lindo corpo.



SERÁ que arrebitou o nariz porque um "colored" lhe pediu o autógrafo? Sabe-se lá? Muita gente cercava Kathryn à saída do elevador: os caçadores de autógrafos.

senta em "Crepúsculo dos Deuses", interpelada sôbre o que achara do Festival de Punta Del Este disse-nos ter sido maravilhoso; pareceu-lhe uma estação de férias. "Tivemos bastante liberdade — esclareceu — Conhecemos muita gente dêste lado da América, passeamos, divertimo-nos bastante e vimos bons filmes, dos quais eu destaco o italiano "Umberto D" e o nipônico "Rachomune"" (segundo sua pronúncia).

EXPANSIVIDADE DE GELIN E SOBRIEDADE DE AUCLAIR

Daniel Gelin, que está realizando outro filme com Max Olphus, em Hamburgo, intitulado "La Voix", conversa pausadamente e expõe suas idéias com a clareza de quem sabe o que quer e o que diz. "Considero meu próximo filme sempre o melhor." — foi nos dizendo — "Para mim, o maior filme exibido em Punta Del Este foi "Umberto D". Muita gente acha que o melhor foi "Rasho Mom", que não tive oportunidade de assistir por me encontrar na praia tomando banho, quando foi exibido."

Ouvimos, depois, o sóbrio Michel Auclair que disse considerar Greta Garbo a maior atriz mundial de cinema. Quanto ao melhor celulóide de Punta Del Este acha que foi "Rasho Mom". "Não vi os filmes brasileiros, contudo soube que "Vento Norte" foi muito apreciado." Para Auclair, Orson Welles é um gênio e Jacques Becker o melhor diretor francês. Em seguida, Auclair sorriu, acrescentando. "E... estou muito cansado, com licença."

(Cont. na pág. 43)



ESTA é Annette, que se destacou pela simplicidade. Penteia os cabelos, escova as unhas, usa "baton", usa perfume. Não pertence à raça dos bárbaros mofinos de Jean-Paul Sartre.



FOI OBSERVADO que êles andam desleixados, por efeito do "snobismo" das "caves" parisienses, que puseram Sartre num altar. Ainda êles: Gelin e Brigitte com muita "pinta" existencialista.



DANIEL GELIN foi ao "Chez Freddy", com a jornalista Françoise Giraud e caiu no samba, estranhando que os brasileiros não dancem requebrando, como nos sambas dos filmes americanos



KATHRYN Grayson, balzaqueana, de pele ruim, é assim mesmo vistosa e atraente. E' de opinião que o cinema deve ser alguma coisa mais que um lindo conto de fadas.



REVELAÇÕES DO CONTINENTE NEGRO

LOGO que a matéria de Carnaval deixe de ocupar o espaço que toma em nossas edições, começaremos a série de cinco artigos-reportagens sôbre a África Meridional, da responsabilidade do sr. Marcos Carneiro de Mendonça. Estudioso dos assuntos históricos e dos aspectos da moderna política social, encontrou o sr. Marcos Carneiro de Mendonça, em sua viagem ao Continente Negro, amplo campo de observação para sua curiosidade em um e outro daqueles setores. Do que viu, sentiu e concluiu de sua permanência nas colônias portuguêsas e na África do Sul, êle dirá brevemente aos leitores da REVISTA DA SEMANA. Na foto junto aparece o sr. Marcos Carneiro de Mendonça, em sua mesa de trabalho, mostrando ao representante da REVISTA um dos preciosos documentos históricos relativos ao Brasil, que trouxe de Pretória, onde se achavam arquivados.

PROBLEMAS HUMANOS
À LUZ DA PSICANÁLISE

Dr. LUÍS FRAGA

DESEJOS

NICE — Doutor, quando Lúcia, que eu não conheço concluiu a sua consulta, publicada em um vespertino carioca, o senhor prometeu falar sôbre o amor...

MÉDICO — Sem dúvida...

NICE — Mas doutor, nós escutamos as suas esplicações sôbre o instinto e gostariamos de saber algo sôbre o desejo, antes que o senhor nos falasse sôbre o amor. E' possível?

MÉDICO — Os desejos humanos são tão exorbitantes que nada os pode satisfazer. Cedo sentimos a necessidade de lhes dar um têrmo.

NICE — O doutor quer dizer, com autras palavras, que nós "paramos", não, e por que isto?

MÉDICO — E' a primeira revelação do sentimento moral, proclamado através dos mandamentos e ordenações.

NICE — No ambiente familiar...

MÉDICO — A princípio na família, na tribo e depois, no Estado.

NICE — Qual o valor psicológico dêste sacrifício?

MÉDICO — Não é sacrifício. Será um testemunho de nossa liberdade, de nossa fôrça de vontade, de nossa racionalidade, obrigando-nos à obediência. Os povos só se civilizam sob o domínio da lei. Quanto mais perfeita é a lei, isto é, quanto mais impulso deixa à liberdade racional, tanto maior e mais poderoso se torno o povo.

NICE — E' preciso então que sejamos inteligentes...

MÉDICO — O sentimento moral é independente de nossa inteligência e imperativamente nos ordena o que é mister fazer, para que sejamos felizes.

NICE — Mas doutor, como se pode ser feliz, sacrificando-se desejos?

MÉDICO — Sacrificando desejos, que desejos?

NICE — Os que eu sinto, por exemplo. Aquêles que, insatisfeitos deixam-me angustiada.

MÉDICO — E' preciso educar a sua vontade e desejar realmente o que você, com as suas possibilidades, possa conseguir. A felicidade é uma cousa relativa. Está em você, na fôrça de sua virtude, em relação ao meio em que você vive. Por que desejar um casaco de pele, um Cadillac, se você se pode agasalhar e se locomover com o que possui?

NICE — E quanto ao amor? Por acaso não mereço a felicidade que êle proporciona?

MÉDICO — Quem lhe diz ao contrário? Amor não é, de fato, o que você está pensando e desejando. Você me pediu para não falar no amor...

NICE — Não, doutor, não fale. Prefiro que me traduza melhor o conceito de desejo.

MÉDICO — A primeira idéia de justiça nasce em nós; não daquilo que devemos, mas daquilo que se nos deve. A realização de um desejo depende da concepção que fazemos duma cousa finita. Tôda mulher traz dentro de si, uma idéia que representa uma cousa infinita.

NICE — Por que tôda mulher e não todo homem?

MÉDICO — Estou analisando uma mulher. Além disso, faço a justiça que ela merece: a mulher é sempre mais sincera e sempre menos egoísta. O desejo na mulher foge um pouco do materialismo que alimenta o desejo do homem. Ela vive, talvez, mesmo as mais realistas, num mundo de sonhos.

NICE — O sentimento de maternidade é um sonho, também?

MÉDICO — O sentimento da maternidade que a mulher possui, desde a infância, inconscientemente, inspira-lhe a idéia de tudo o que, normalmente, os sentidos não podem alcançar. Realiza, por assim dizer, o desconhecido.

NICE — Estou contente. O senhor tem um conceito lisonjeiro sôbre a mulher.

MÉDICO — A mulher é o ponto de união entre a natureza e o Criador. Tudo o que ela experimenta, além dos seus desejos terrestres, é uma advertência da eternidade. Eduque a sua vontade, Nice, antes de dar as suas fôrças aos desejos.

COUPON

Nome: ....

Pseudônimo: ....

Data do nascimento ....

Estado civil: ....

Profissão: ....

Residência ....



TINA E SUA BONECA

TINA se lembra do dia em que Seu Salomão voltou, pela décima vez, para cobrar uma prestação e sua mãe teve de dizer:

— Seu Salomão, meu marido não está.

— Olha, isso não fica assim! Êle tem de me pagar!

O homem afastou-se furioso e Dona Aurora fechou a janela, mordendo os lábios.

Seu Artur ficou muito tempo sem dizer nada, com as mãos esquecidas dentro dos bolsos. Depois, suspirando, disse à mulher:

— Você me aceitou e... se casou muito mal...

Dona Aurora procurou transformar o drama em comédia. Perguntou enquanto pensava um argumento:

— Quem se casou mal? Eu?

— Você, sim! Muito mal!

Dona Aurora sentia angustiantes palpitações; para disfarçar, soltou uma gargalhada e disse:

— Ora, Artur, essa é boa! Pois saiba que me sinto muito satisfeita. E até digo mais: se fôsse possível o tempo voltar atrás, seria ainda com você que eu me casaria.

Seu Artur estava submerso em seu drama:

— Sou um homem falhado. Homem falhado é o que enfia as mãos nos bolsos e as traz de volta vazias.

Dona Aurora nunca pôde representar durante muito tempo. Afinal, perguntou na falta de qualquer idéia salvadora:

— Então, Artur, que choradeira é essa?

— Sou um homem sem dinheiro. O meu ordenado não basta para as nossas despesas. Devemos a todo o mundo. Ao armazém, à quitanda, ao açougue, Seu Salomão, ao sapateiro, ao senhorio...

Dona Aurora não podia mais fingir. A falta de dinheiro pesava sôbre suas cabeças.

— Sem dinheiro não temos nada. Nem saúde. Olha como a pequena está magra.

Dona Aurora e Seu Artur, a um só tempo, olharam Tina. Abraçada a boneca, Tina ouvia tudo. Os grandes olhos da menina se fixavam nos pais, em pé, diante dela. Tina não dizia uma palavra; parecia infeliz; amedrontada, apertava, protetoramente, a boneca junto ao peito. Ela a protegia contra tudo — era o seu único brinquedo.

— Só o dinheiro nos pode salvar — sentenciou Seu Artur.

Andou até a mesa, desenhou uma curva com um murro no ar e voltou a dizer com solene convicção.

— Aurora, só o dinheiro nos pode salvar!

Sentou-se, cobriu o rosto com as mãos e a casa tombou no silêncio por uns bons minutos. Depois, tristemente, disse:

— Aurora, vou à casa de penhores, ali na esquina.

— Artur!

Dona Aurora ficou lívida. Ainda não tinham usado êsse recurso. Era mais um degrau para baixo.

Mas o homem estava decidido:

— Vou levar meu relógio. E os botões de ouro que foram do tio Abel.

Seu Artur foi à gaveta da cômoda procurar os botões escondidos dentro da caixa de documentos.

Quando já ia saindo, Dona Aurora veio do quarto em sua direção, pôs-lhe um embrulhinho na mão e disse:

— Leva isso também.

Seu Artur abriu o embrulho e viu o cordão de ouro com uma medalha onde se lia «Deus te guie», viu o anel com que a madrinha dela a presenteou no casamento, viu a aliança.

— A aliança também, Aurora?

— Nós não precisamos dela, meu bem.

Seu Artur pegou o chapéu e saiu.

....

Agora que sua mãe está passando muito mal, Tina lembra-se bem daquele dia em que o pai saiu e a mãe foi à janela, encostou a cabeça na vidraça e começou a chorar.

Tina gostaria de ficar ao lado da mãe para beijá-la muito, mas não a deixam entrar no quarto. Dona Maria, a vizinha da casa IV, tem-se mostrado muito amiga; tem sido tal qual uma irmã de Dona Aurora. Cozinha para Seu Artur e para Tina, varre a casa, dá banho em Tina. Dona Augusta, a aparentada da vizinha ao lado, também tem sido como enfermeira. E muita gente tem estado na casa. Seu Artur não tem ido trabalhar e Seu Salomão — até êle, sempre tão inclemente na cobrança — tem batido à porta mas é ùnicamente para perguntar se Dona Aurora está melhor, se já passou do perigo.

Hoje, porém, Tina percebe que sua mãe piorou. O pai chora muito. Todos estão de tal forma constrangidos que nem conseguem encontrar palavras para acalmar Seu Artur.

Tina chora por não saber o que se passa e por sentir-se inútil. Tina vai ao quintal e senta-se sôbre a tampa da caixa do relógio do gás. E' para ali que ela vai quando quer estar sòzinha com sua boneca. Senta-a no colo, acomoda os bracinhos de pano, ajeita a caída do vestidinho estampado e conversa com ela:

— Como tens passado, filhinha?

Tina pergunta e, depois de uma pausa, como quem ouve, continua:

— Ah, bem? Isso sim. Vou-te preparar uma comidinha gostosa que só tua mãezinha sabe fazer.

E colhe folhinhas verdes e pica-as bem miùdinhas.

Hoje Tina pensa mais em sua mãe que na boneca. Pobre maezinha! Tão boa!!! Tina precisa ajudá-la. Mas como? Lembra-se muito bem que seu pai disse, naquele dia, que só o dinheiro poderia salvar. E como Tina conseguiria dinheiro? Tinha de arranjá-lo. Porque só com dinheiro salvaria sua mãe, não havia dúvida. E lembra-se, também, que naquele dia seu pai saíra com os mais preciosos objetos da casa, levara-os à loja daquele velho de barbas, na esquina

(Cont. na pág. 42)

Conto de MOYSÉS DUEK ★ Ilustração de OSWALDO DA CUNHA



VERÃO

O Carnaval passou, o Verão continua. As leitoras façam suas escolhas nestas páginas.



FELICIDADE INESPERADA















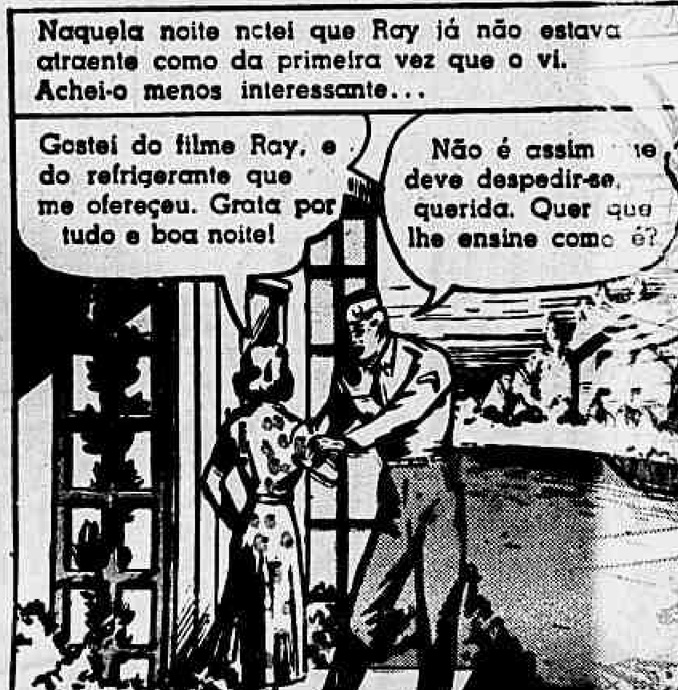






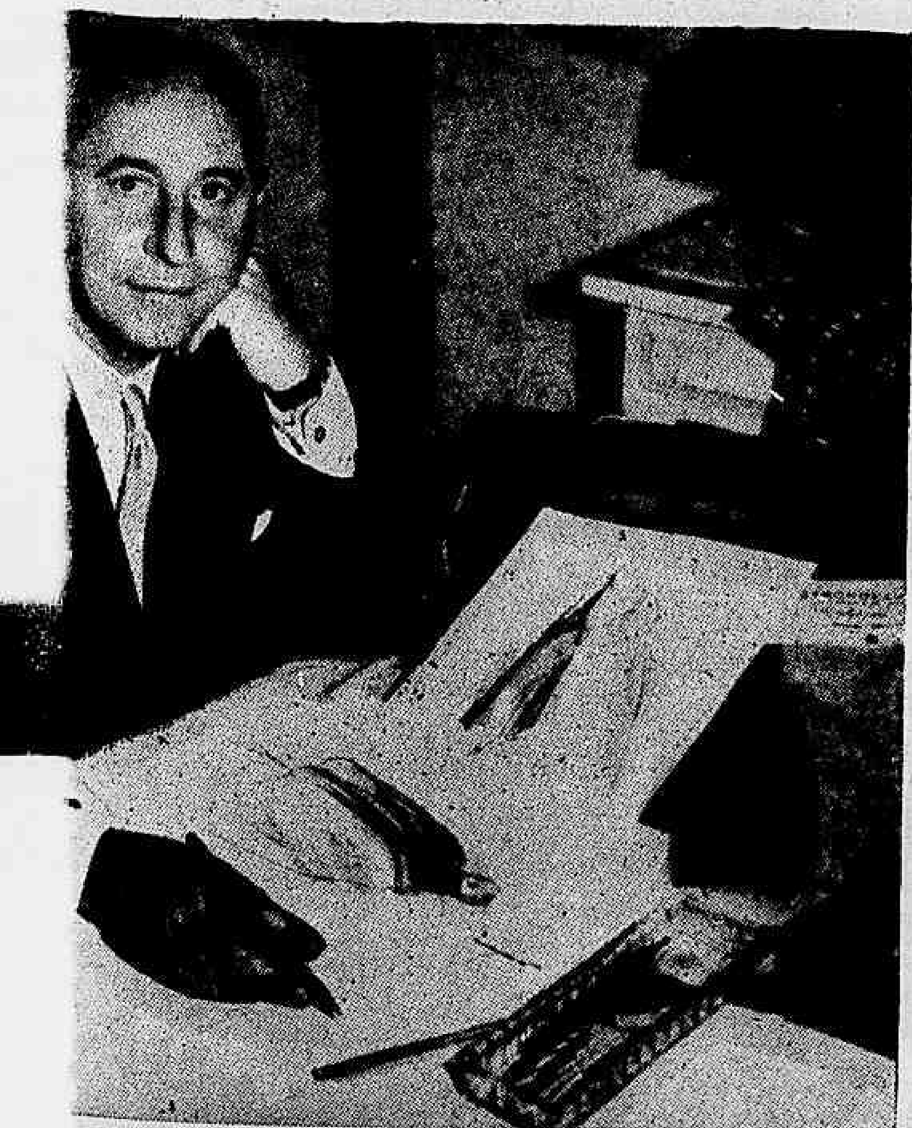






imo modêlo
para os dias
do em tafetá,
casaco bem
do com o mes-
o vestido.





CHRISTIAN DIOR

Em seu "atellier" de Paris, Dior cria os mais audaciosos modelos, que tornam belas e sedutoras as mulheres de todo o mundo. Ei-lo em plena atividade, num momento de grande inspiração.



ELEGÂNCIA E DISTINÇÃO





Nestas duas páginas, encontrarão as nossas leitoras algumas das mais recentes e elegantes da moda parisiense. Os modelos aqui apresentados servem para as mais diversas horas do dia. Na página, à esquerda, em cima, dois modelos para passeio; em baixo, dois outros modelos, desta vez para o "cock-tail". Nesta página, em cima, elegantíssimo modêlo para passeio; em baixo, quatro sugestões de chapéus, bem variados.

Chapéus de Paris









PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa	**Estado primitivo**	**Homem-macaco**
De 1 a 3	**Cultura inferior**	**Selvagem**
De 4 a 6	**Cultura média**	**Estudante ginasial**
De 7 a 11	**Cultura superior**	**Universitário**
De 12 a 14	**Genial**	**Um sábio**
Tôdas as quinze		**O gênio em pessoa**

1 — QUE NOME TINHA, NA MITOLOGIA CLASSICA, A DEUSA DA COLHEITAS:

— Ceres?
— Diana?
— Vênus?

2 — DE QUE REI FOI AMANTE ANA BOLENA:

— Carlos V?
— Frederico II?
— Henrique VIII?

3 — QUE NOME SE DA AO FENÔMENO QUE TRANSFORME UMA LAGARTA EM BORBOLETA:

— Paralaxe?
— Metamorfose?
— Hipotípose?

4 — DE QUEM É O FAMOSO «SERMÃO DA MONTANHA»:

— De São Paulo aos Coríntios?
— De Jesus Cristo?
— De Moisés?

5 — OS PANTEISTAS SÃO:

— Adoradores de Deus?
— Vêem Deus na Natureza?
— São politeistas?

6 — DE QUE TRATA A FISIOLOGIA:

— Dos fenômenos atmosféricos?
— Do corpo humano e suas funções?
— Das doenças mentais?

7 — A MITOLOGIA GRECO-ROMANA ERA:

— Politeista?
— Monoteista?
— Ateista?

8 — QUEM ERA MARTINHO LUTERO:

— Famoso cientista?
— General alemão?
— Um frade?

9 — QUANTAS PERNAS TEM UMA ARANHA:

— Seis?
— Quatro?
— Oito?

10 — DE QUE PAÍS ERA O NOVELISTA TEÓFILO GAUTHIER:

— De Portugal?
— Da França?
— Da Bélgica?

11 — QUAL A DOENÇA QUE PROVOCA EXCESSIVA PRESENÇA DE AÇÚCAR NO SANGUE:

— Neurose?
— Nefrite?
— Diabete?

12 — QUE NOME TEM O APARELHO PARA MEDIR OS SONS:

— Diapasão?
— Dinamômetro?
— Aeróbio?

13 — COMO SE CHAMAVA O CANTO LITÚRGICO EM HONRA AO DEUS BACO:

— Soneto?
— Cantochão?
— Ditirambo?

14 — A PALAVRA «EDEN» (paraiso) É:

— Francesa?
— Hebraica?
— Latina?

15 — O FAMOSO FABULISTA LA FONTAINE ESTUDOU PARA SEGUIR QUE CARREIRA:

— A médica?
— A militar?
— A eclesiástica?

(Respostas na página 49)

TINA E SUA BONECA

(Cont. da pág. 35)

de sua rua, e voltara com dinheiro na mão. Mas, em troca, deixara lá as alianças, o relógio, o cordão de ouro com a medalhinha de cometa.

Tina, também, tinha de dar um jeito para conseguir dinheiro. Só se fôsse também à loja do velho de barbas e levasse alguma coisa para êle. O que levaria? O seu vestido novo, aquêle côr de rosa? Ou a caixa de lápis de côres, tão bonitos que os usava apenas de leve para não gastá-los? Ou o livro de histórias, onde se contava o que sucedeu ao menino guloso, bem como o lindo episódio da princesa que virou borboleta. Ó, não, nada disso daria muito dinheiro. Tina devia dar o que mais precioso possuia. E o que ela possuia de mais precioso era a sua boneca.

Embalou a boneca nos braços, afagou-lhe os cabelos de lã. Secou com as pontas dos dedos as próprias lágrimas tombadas nas faces da boneca. Examinou-a pela última vez: os olhos redondos, a bôca minúscula, os dedos abertos. Era como se a quisesse gravar na memória até o resto da vida.

— Minha filhinha...

Enxugou as lágrimas, apertou a boneca ao peito e encaminhou-se à porta.

....

— Que deseja, meninazinha?

— Vim trazer minha boneca. Deixo ela aqui e levo dinheiro.

O homem de barbas sorriu:

— Precisa de dinheiro, minha filha? Para que? Para comprar doces, balas?

— Não; é para salvar mamãe.

O velho alisou a barba. Agachou-se junto da menina e com a ponta dos dedos suspendeu-lhe o queixo.

— Que tem sua mamãe?

— Está doente. Está muito doente.

— E de quanto você precisa?

— Não sei.

O velho não sabia o que dizer. Depois, num gesto largo:

— Então você quer penhorar sua boneca?

Tina não entendeu. Respondeu apenas:

O homem foi à gaveta do balcão, retirou uma nota e entregou-a à menina:

— Toma para você, minha filha.

Tina segurou a nota e, deixando a boneca sôbre o balcão, saiu correndo.

O velho segurou a boneca para devolvê-la, mas a menina ja ia longe, tentando, na corrida, sufocar os soluços.

....

Tina chegou a casa cansada de tanto correr. Procurou o pai.

— Toma, papai — e deu-lhe a nota.

Seu Artur segurou a nota sem entender.

Neste justo momento, Dona Maria se aproximou de Seu Artur e anunciou jubilante:

— Seu Artur, sua mulher está salva!

O homem apertou a filha entre os braços, emocionado.

Tina não se surpreendeu com a notícia. Estava certa que tendo dinheiro tudo estaria salvo.

....

Passados uns dias, Dona Aurora perguntou à filha:

— Onde está sua boneca, Tina? Por que você não brinca com ela?

Tina, doida de saudades, engoliu um soluço e respondeu:

— Joguei ela fora. Estava muito malcriada.

A ESTÁTUA

(Cont. da pág. 26)

— Nada... obrigada... o bonde não tarda...

Luciano titubeou, mas logo em seguida investiu, começara a desnortear-se; pegou-lhe delicadamente o braço e meio autoritário:

— Entre. Não seja malvada para si mesma; a água já corre dos seus cabelos.

Notou que a moça avermelhara, procurando reagir.

— Entre. Suba.

Um minuto depois, como bons amigos, conversavam, enquanto a chuva continuava forte. Luciano procurava mostrar-lhe o que era um escultor, como vivia, o que sentia; já ela agora parecia ter voltado ao natural e era com simplicidade e interêsse que escutava a divagação do escultor.

— O artista, antes da mulher, vê o modêlo; coisa aliás que nem tôdas as mulheres compreendem e, na verdade, um modêlo precisa também ser artista...

Parou, encararam-se um tanto embaraçados; ela foi a primeira a desviar o olhar, fixando-o na porta semi-aberta, por onde, ainda grossa, a chuva penetrava.

— Ora, mas a chuva já avança pela única entrada que lhe resta. Ao mesmo tempo que falava Luciano levantara-se dirigindo-se à porta; a moça tentou falar qualquer coisa, mas a meia porta já se cerrara.

— Creio que assim estaremos mais abrigados.

— Mas preciso esperar o bonde... já é tarde.

De quase nada valeria êste argumento, a chuva aumentara, enchendo a rua; e de bonde nem os trilhos se notavam; corriam paus, fôlhas, panos levados pela enxurrada; já ninguém se atrevia a enfrentar a enchente, uns poucos garotos folgavam, entretanto, por entre a chuva de cima e o alagado da rua.

— Não há bonde... a rua está cheia, todo o mundo está justificado.

— Preciso tentar...

— Machucar-se-á, querida, é inútil.

A moça torceu ligeiramente o canto da boca, passando, em seguida, a mão direita sôbre o ôlho, tendo ambos cerrados; Luciano notou-o, não compreendeu o gesto, pois buscava agora interpretá-la: seria um gesto de contrariedade, seria cacoete ou, finalmente, falta de fôrças? Não o decifrou, contudo.

Luciano voltou ao assunto, divagou sôbre arte, afinal abordou sua obra:

— Falta-me algo para vencer, sempre faltou... — Parou, olhou-a de frente:

— Em muitas ocasiões a mulher tem sido a inspiradora de grandes obras: Beatriz inspirou Dante, ainda que pela ausência, sem ela, Dante não teria existido; melhor, existiria o homem, não existiria o artista.

— Também penso assim, pela ausência a mulher tem inspirado, talvez mais e melhor, pois, com isto, provoca a sublimação do amor.

— Belo e exato o que você disse, mas, ainda aí, foi a mulher quem deu motivo à obra, o artista é apenas o instrumento.

— Neste caso, um artista não requer sempre a presença de sua inspiração.

— E' verdade, todavia, alguma vez esta presença é necessária... é tudo; o artista precisa vê-la, admirá-la e senti-la; sim, senti-la é o têrmo.

—E depois abandoná-la...

Luciano respirou fundo, estava agi-ado, olhou profundamente a mulher ue tinha diante de si:

— Sim... depende... às vêzes é ecessário, as circunstâncias deci-em-no; contudo a mulher que tira sta oportunidade a um artista co-ete um crime contra a arte e, por-nto, contra a humanidade.

— No entanto, se a mulher se sacri-ca à arte cometerá por seu turno utro crime, em certas circunstân-as...

— Absolutamente; a mulher serve penas à arte, ao artista, e não ao omem.

Luciano deu um lento passo em di-ção à jovem, observou-a; parecia pnotizada, vencida; lentamente a oça levantou a mão direita, passan--a sôbre o ôlho, ao mesmo tempo e suas pálpebras cerraram; Lucia- avançou mais e mais, segurou-a aciamente com ambas as mãos nos mbros, não se mexia, mas parecia na estátua.

★

Sisudos chegaram em casa, Paulo, ntudo, parecia menos aborrecido; menos de quando em vez um sor-o maldoso aflorava-lhe aos lábios, retanto, não dava para Lúcia no-, pois não o encarava.

 empregada pôs o jantar à mesa, ulo devorou; Lúcia pouco ou nada neu, estirou-se abatida numa es-guiçadeira na ante-sala; parecia necessidade de solidão.

aulo começara a impressionar-se uscara-a:

- Vamos, tolinha, não se aborreça tão pouco.

icia olhou-o ràpidamente, Paulo ximou-se:

Reconheço que foi fútil a minha cadeira, querida, exagerei o que i e não notei que, com isto, a oei; perdoe-me, realmente exa-i minha admiração por aquela es-a, passou e era apenas uma es-a...

icia torceu o canto da boca pou-o a mão sôbre o ôlho, suas pál-as se cerraram...

TISTAS . . .

(Cont. da pág. 33)

ITÁLIA NA VANGUARDA

nette Wademant considera o ci- italiano como o melhor do mundo guntada se sua opinião dizia res- sòmente à parte técnica ou à so-ica, corajosamente, acrescentou izia respeito às duas.

ssim, pusemos ponto final à pales-m os artistas franceses que tive-na capital paulista, belos dias de 'pois foram muito festejados, sen-o de uma série de manifestações izade, que os deixou bem impres-os, corroborando sua opinião sô- hospitalidade brasileira.

YSON E KEEL ENTRAM NA CONSTELAÇÃO

bem nos esquecêramos da últi-epção aos artistas franceses a que recêramos, chegou-nos a notícia da a S. Paulo de Kathryn Gray-Howard Keel, que estrelaram "O de ilusões," ora exibido entre

ntanto, êles não vinham de Punta te, mas diretamente de Holly-cumprindo um programa de pu-de da Metro-Goldwyn-Mayer. Por amos surpresos ao depararmos na Kathryn Grayson intensamen-elha, como se tivesse saído das ntes areias de Copacabana há minutos antes. No entanto, é deveras linda. Igualzinha às imagens que vemos na tela, inclusive seu arrogante e insinuante narizinho arrebitado e seu lindíssimo cabelo castanho e ondulado, que nos acostumamos a ver nos "tecnicolor". Seu sorriso é calmo e mostra duas fileiras alvíssimas de dentes, que mais parecem pérolas, incrustradas em sua bôca perfeita. Tudo isso, mais uma pitada de boas roupas e uma ligeira maquilage esconde seus quase 30 anos, o que a torna uma "balzaquebroto".

Ela é espôsa de Johnnie Johnson e tem uma filhinha. Katie é inteligente e só responde às perguntas que quer, sem se tornar antipática ou anti-diplomática, pois desvia, com rapidez e segurança, as que acha inconvenientes. Keel, o granítico galã de "Show Boat", não hesita em afirmar que Hollywood está produzindo filmes ótimos, acrescentando que não deve visar outra coisa senão diversão. Grayson, viva e inteligente, diz que o clima geral dos filmes de Hollywood é de contos de fadas, acreditando que nem todos os assuntos podem ser tratados pelos magnatas de Beverly Hills e que os produtores, mesmo conhecendo a riqueza e a pobreza preferem mostrar a primeira, em seus filmes, pois dá mais dinheiro. "Contudo, frisou — acho que o cinema deve iluminar a consciência dos povos. Deve ser algo mais do que simples contos de fadas."

A INSATISFEITA

(Cont. da pág. 23)

vacidade, como se a luz fugisse de seus olhos. Êle deixa o grupo e vai até a uma das janelas e fica a olhar para fora.

— Mary não tardará a segui-lo — diz Delilah profèticamente. — Com Canstance e Barry do outro lado do mundo, ela não poderá ficar sòzinha.

Mary dá com a cabeça, como quem protesta:

— E que sucederia a tia Isabelle, a Susan Jenks e a Pittiwitz sem mim?

— E que faria eu sem você? — pergunta audaciosamente Porter. — Não pense em tais coisas! Eu não poderia viver longe de você.

Mas Mary permanecia como se nada ouvisse. Barry saíra da sala e Mary fôra estar com êle. Leila vira quando Barry deixara a sala e o seguira com os olhos, louca de paixão, ansiosa para acompanhá-lo; mas desde algum tempo ela se sentia muito tímida em público e procurava fazer o possível para não trair o seu segrêdo.

Mary encontra Barry lá na saleta, onde havia um pequeno escritório. Barry estava sentado com as mãos a amparar a cabeça.

— Meu rapaz — disse Mary alisando-lhe os cabelos alourados, afetuosamente.

Êle se endireita e pega a mão da jovem.

— Mary! — exclama com voz entrecortada — Eu comecei mal e tenho mêdo de que tudo se complique até ao fim.

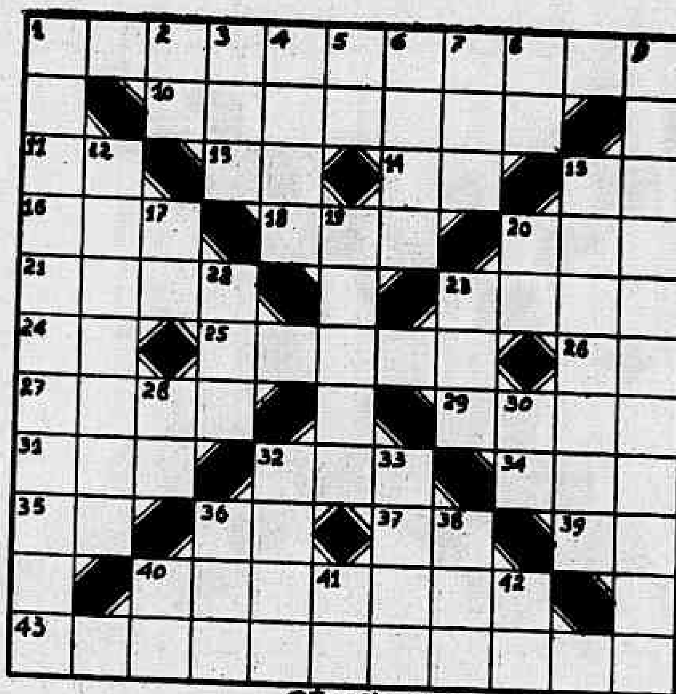
Então ela passou a falhar-lhe ardentemente, as duas mãos pousadas nas espáduas do irmão:

— Oh! Barry, meu caro irmão! Se você lutar, lute com tôdas as armas. Não deixe que os seus pensamentos o levem a agir atravessadamente, e sim diretamente ao objetivo. Se você está pensando que vai naufragar, você naufragará mesmo. Mas se você imagina sucesso e triunfo, terá êxito, evidentemente. Se você vai com o propósito de voltar triunfante para Leila, então o sucesso será completo. Você será forte e vitorioso, Barry! Um homem entre os homens!

(Continua no próximo número)

PALAVRAS CRUZADAS

Problema N°. 94 para Veteranos



HORIZONTAIS: — 1. Falta de energia — 10. Espécie de cágado da Amazônia — 11. Medida japonêsa de capacidade — 13. Divindade greco-romana — 14. A mim — 15. Espécie de flauta siamesa — 16. Filho de Bela e neto de Benjamin — 18. Gênero de formigas — 20. Espécie de enguia — 21. Destruidor — 23. Nome da escuna em que Amundsen e companheiros fizeram suas expedições polares — 24. Prefixo designativo de privação — 25. O sexto signo de música e o tom que designa — 26. Nota musical — 27. Lã cardada — 29. O primeiro dos deuses secundários da mitologia escandinava 31. Árvore leguminosa cesalpinácea — 32. Vale onde Davi venceu os siros — 34. Rêde dos índios do Brasil — 35. Rio da Holanda — 36. Gênero de palmeiras — 37. 1ª letra do alfabeto russo — 39. Rio da Suíça — 40. Moça da rainha — 43. Ruína.

VERTICAIS: — 1. Berreiro — 2. Feminino do sufixo ão — 3. Brejo — 4. Trabalho negligente — 5. Vênus Celeste dos assírios e árabes — 6. Pátria de Maomé — 7. Bebedeira — 8. Contração — 9. Aquêle que tem a mania de adquirir tôdas as coisas — 12. Rêde com que se pesca o peixe voador — 15. Amêndoa confeitada — 17. Serpente sagrada do culto daomeano — 19. Ladroeira — 20. Andar — 22. Radical grego que significa milho — 23. Fieira — 28. Intervalo de um semi-tom na música chinesa — 30. Prefixo, duplo — 32. Adquires com grande trabalho — 33. Ligam — 36. Saúva — 38. Una — 40. Modo — 41. Nota musical — 42. Prefixo, negação, privação.

★

Problema N°. 94 para Novatos

HORIZONTAIS — 1. Colorido — 3. Oceano — 5. Lavra — 7. Espertos — 10. Gemido — 11. Sufixo designativo de autor — 12. Instrumento de sôpro de forma em espiral e de som suave (pl.) — 15. Cloreto de sódio — 16. Costume — 17. Liga.

VERTICAIS: — 1. Óxido de cálcio — 2. Esplendoroso — 3. Luva de ferro, que fazia parte das antigas armaduras de guerra — 4. Jias — 6. Escarnece — 8. Afluente esquerdo do Reno — 9. Reza — 12. Adjetivo possessivo — 13. Perversa — 14. Transpira.

Otaner - Rio

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 93 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Agageiros — Roda — Roja — Aba — Aal — Roca — Ax — On — Mfang — Baa — Lua — Exil — Bern — Sitibunda.

VERTICAIS: — Aracambés — Gob — Adar — Ga — Ir — Roaz — Oja — Salangana — Achar — Mait — Glen — Axi — Urd — Li — Bu.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Corar — Mirar — Aro — Rã — óbice — Bi — Ira — Sósia — Sarar — Rim — Lar — Calor — Parar — Oca — Ba — Atara — Al — Ali — Armas — Salão.

VERTICAIS: — Caros — Rí — Rábia — Mocas — Ré — Raiar — Rir — Asilo — Arara — Ora — Imo — Ala — Ara — Cobra — Rotas — Paris — Relho — Cal — Um — Al.

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.

QUERO UM MILIONÁRIO



CINE NOVELA

NOSSA história começa quando Christobel Sloane, secretária de Mr. Thompson da firma de advogados de Los Angeles, «Tate & Desmond», ao chegar ao escritório encontra seu pai e seu irmão à sua espera, ambos para lhe fazerem pedidos de dinheiro. Sua família adora contrair dívidas, esgotando-a financeiramente a ponto de fazê-la perder a única coisa de valor que conseguira adquirir em sua vida — um legítimo casaco de castor canadense e que lhe fôra tomado por ter ela se atrazado nos seus pagamentos.

Mr. Thompson dita uma carta para Peter Ulysses Lockwood, de São Francisco, avisando-o de que êle havia herdado dois milhões de dólares de um tio recentemente falecido na Argentina. Êle também dá instruções a Christy para que ela vá a São Francisco a fim de fazê-lo assinar certos importantes documentos.

Sua colega de escritório, Patsy, ouvindo isto, diz à Christy que esta é a sua oportunidade de finalmente encontrar um milionário antes dêle ter conhecimento da sua fortuna. Se Christy deseja tomar a responsabilidade da sua família da maneira que esta parece esperar, será necessário que ela se case com um milionário. Christy diz a Patsy que tudo isso é ridículo.

Mais tarde, porém, ao se aproximar do apartamento de Peter Lockwood, em São Francisco, a voz de Patsy lhe lembra de que esta é a sua grande chance.

Peter Ulysses Lockwood, o filósofo do «Golden Gate», tem um programa diário de rádio. Numa voz adocidada, êle conta um potpourri de história, filosofia e poesia simples para o programa do «Suco de Ameixas». Peter está irradiando dez programas antecipadamente, pois êle está de partida para o Hawaii em viagem de núpcias e o seu casamento deverá se realizar naquela mesma tarde.

Christy não poderia jamais suspeitar do que se estava passando ao chegar ao seu apartamento. Ela já havia determinado que se casaria com êle, mesmo sem nunca tê-lo visto e ao ver Peter ela finge estar sentindo-se mal e desmaia em seus braços. Ao colocá-la na cama, Peter automàticamente se coloca numa posição comprometedora. Seu amigo e padrinho de casamento, dr. Roland Cook, chega num momento impróprio interpretando mal a situação. Ancioso para dar uma má interpretação ao que via, pois êle sempre amara June Chandler, a noiva de Peter, começa uma discussão e termina por desistir de ser o padrinho bem em frente à mansão dos Chandler, onde o casamento deveria ser realizado. Christy complica mais ainda as coisas ao seguir Peter a casa dos Chandler para lhe dar a boa nova antes que êle viajasse. Ela decidira que, uma

(A millionaire for Christy)

E L E N C O

Peter Lockwood	**Fred Mac Murray**
Christy Sloane	**Eleanor Parker**
Dr. Roland Cook	**Richard Carlson**
June Chandler	**Kay Buckley**
Patsy	**Una Merkel**

Produção de: Bert Friedlob
Direção de: George Marshall
Apresentação da 20th Century Fox

ez que o seu plano não poderia ser realizado, a elhor coisa a fazer era ser honesta.

A sua presença na casa da noiva resulta numa sé- e de cômicos equívocos que culminam com a de- aração do pai de June, Benjamin Chandler, de e Christy é «a outra mulher» e manda que Peter retire a fim de esclarecer a situação.

Peter promete a June, a lacrimosa noiva, que êle ovará sua inocência, fazendo Doc Cook atestar a sanidade dessa misteriosa mulher. Êle parte le- ndo a não relutante Christy no carro de June, do decorado para a viagem dos recém-casados, guindo para o consultório de Doc, em La Jolla.

Em caminho, enquanto Peter e Christy discutem, carro perde a direção no nevoeiro da estrada in- parar no mar. Êles são socorridos por um grupo trabalhadores mexicanos que pensando que êles casadinhos de novo começam uma festa em co- moração. Peter está fisicamente impossibilitadc sair, demais seria impossível andar 10 milhas quele nevoeiro para telefonar para June e Doc. tão, os dois sob a influência da tequila e da co- moração se encontram, sùbitamente, nos braços do outro.

o dia seguinte, Doc, do seu consultório está ten- do confortar June, dizendo que não podia com- ender o que teria acontecido uma vez que a dis- cia de São Francisco a La Jolla era tão peque- na, quando Peter chega acompanhado de Christy. Doc entrega o telefone a Peter que passa por um mau quarto de hora tentando dar uma explicação a June. Doc leva Christy a uma outra sala onde ela lhe revela que Lockwood acabara de herdar 2 milhões de dólares, e que perturba profundamente Doc, pois êle acha que Lockwood está sempre levando tôdas as vantagens. Primeiro lhe tomara a pequena e depois tirava a sorte grande. Na verdade Doc pensa que tendo Peter namorado Christy não podia estar sinceramente apaixonado por June.

Doc envia Christy para a Hospedaria de La Jolla e começa a amedrontar Peter, fazendo-o crer que êle havia peorado a situação mental da jovem doente, ao namorá-la e que estava agora em suas mãos fazer alguma coisa em seu favor. Era preciso que êle o ajudasse a curar a amnesia de Christy.

Peter depois de alguma relutância, concorda em fazer o que o seu amigo lhe pede sob a promessa de que êle tomará conta da situação a respeito de June. Mas Doc em vez de explicar a June, leva-a a La Jolla e arranja as coisas de forma que ela surpreende uma outra cena de amor entre Peter e Christy.

O plano de Doc parece ter fracassado quando June decide que êles já haviam perdido muito tempo, anuncia que o casamento deverá ser realizado sem demora e diz a Doc que deixará Christy aos seus cuidados.

Mais tarde, no bar, Christy e Doc compadecem-se um do outro pelo seu fracasso. Êles se encontram com June e Peter e enquanto todos êles estão ligeiramente sob a influência da tequila, Doc insinua a Peter a distribuir a sua fortuna entre os pobres.

Na manhã seguinte há grande confusão quando tôda cidade vem agradecer a Lockwood a sua generosidade. Só então é que Peter se convence de que êle havia realmente herdado dois milhões de dólares e que sob a insistência de Doc e Christy os havia jogado fora. Êle dá um sôco no queixo de Doc. June corre pressurosa em auxílio de seu velho amigo. Peter segue imediatamente ao encalço de Christy que havia fugido compreendendo que ela fizera alguma coisa de terrível ao homem por quem ela agora está apaixonada. Na estação Peter alcança-a e diz a lacrimosa e infeliz jovem que a ama.

Felizmente um trem de carga passa naquele momento livrando-os de uma multidão de congratuladores e caçadores de ouro e a idéia de Peter de levantar Christy para o último vagão do comboio veio a ser uma feliz decisão pois o vagão transportava os trabalhadores mexicanos que imediatamente prepararam uma genuina comemoração de casamento.

Enquanto Peter e Christy se abraçam no vagão em movimento, a história termina...









MATERIAL GRÁFICO

VENDE-SE

— MÁQUINA IMPRESSORA — Marca WALTER SCOTT, formato 4-B, com motor General Eletric de 5-HP, dupla rotação, alimentador manual e equipada com 1 chave de fenda, 1 macête, 2 escovas, 1 chave de cunhos, 16 cunhos, 3 ramas, 3 chaves de caixa, 6 chaves de pino, 1 lingueta do batente e 11 quilos de guarnição de ferro.

— GUILHOTINAS — marca AUGUSTA, com 1 metro de bôca, formato 66x96 cms., com motor Westinghouse de 1-HP e contrôle elétrico autônomo.

— Marca MARRIL & SONS com 1 metro e 49 cms. de bôca, 2 metros e 38 cms. de mesa, fita métrica de precisão, instalação elétrica com caixa blindada, mecanismo de proteção para o operador e motor MEECH de 3-HP.

Propostas e informações com o sr. WENCESLAU — CIA. EDITÔRA AMERICANA — Tel.: 22-8647 — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO.

— CORTADOR — Um cortador de entrelinhas com chanfrador combinado.



COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari. Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

EU VI A GUERRA DE PERTO

(Cont. da pág. 16)

De repente, o avião baixou rápido e roncando infernalmente. A calma fôra quebrada. Segurei-me ansiosa. O aparelho parecia que ia entrar numa "vrille" fatal. Instantâneamente passou do vôo "picado" para outra subida vertiginosa. Os solavancos bruscos, iguais aos conhecidos "poços de ar", indicaram-me que as potentes bombas incendiárias haviam seguido o seu mortal destino. Sem aparelho de oxigênio, meus olhos, ouvidos e garganta ficaram como se nunca me tivessem pertencido. Era uma sensação estranha e aflitiva. Minha voz não saia e o sangue saia lentamente do meu nariz. Estava passando francamente mal. Um ligeiro estado de inconsciência dava-me agradável sensação. Era como se eu nada tivesse com o que se passava ali, nem me dizia respeito a aventura em que estava metida. Era tudo muito agradável, suave e passava-se longe, longe... Ao ganharmos, finalmente, altura conveniente para eu respirar com naturalidade, minha mente ficou normal e nítida.

O pilôto e o metralhador sorriram-me para encorajar-me. Ganhei ânimo e retribui agradecida. Logo descemos novamente como um bólido. Observei, arrepiada, como a metralhadora de bordo iniciava seu trabalho neste vôo a rasar o terreno e as casas. Vultos fugiam, espalhando-se como formigas assustadas e outros dobravam-se, iguais a bambus, como se um vento forte os tivesse alcançado, o avião, de vez em quando, era sacudido pela deslocação de ar produzido pelo explodir demasiado perto, pensei, do fogo anti-aéreo dos vermelhos. O efeito das bombas era visível num comboio a desfazer-se em chamas. Subimos e afastamo-nos velozmente em direção à base. Os aviadores estavam contentes. Sua missão fôra cumprida com rara felicidade. Sentada desconfortàvelmente e com o pára-quedas pesando imenso suporto mal êste batismo aéreo. Penosamente preparo-me para tomar as notas usuais, os nomes do pilôto e do metralhador, o lugar sôbre o qual voáramos, etc., quando o avião faz uma figura de "looping" terrível, torna a mergulhar, volta a subir, rola sôbre si mesmo, cai, como uma fôlha morta, empina-se, torna a estabilizar-se e o metralhador começa a fazer funcionar a sua arma! Deitada no exíguo espaço do aparelho, fico enrodilhada em mim mesma. Vários furos na mica que nos separa do ar livre contam-me tôda a história. Olho de relance e vejo um caça sem distintivo, russo portanto, que nos está atacando. Quase logo o metralhador fica com um dos braços inutilizados por uma rajada de metralhadora inimiga. No entanto, continua disparando. O sangue alastra e pinga no chão. O pilôto grita qualquer coisa que não entendo. Então o oficial junta meus esforços aos seus para arrebentar ou fazer deslizar a cobertura de mica. Tudo inútil. Os segundos somem-se. Neste instante o avião teve um curioso momento de estabilidade. Dir-se-ia parado no espaço e suspenso por mão invisível. O pilôto estava morto, com a cabeça bem derrubada para trás, mas com os pés e as mãos ainda agarrados aos comandos. Num esfôrço enorme conseguimos que a mica saltasse e o metralhador grita:

— Salte!

Ao ver as chamas irromperem, minha coragem desapareceu, e hesitei em me atirar ao espaço. O oficial empurra-me e, lutando contra a formidável deslocação de ar, apanhada num torvelinho tremendo, sou projetada no espaço em voltas loucas, com a respiração cortada pela velocidade da queda, sentindo-me sufocar. O sacão brutal do pára-quedas ao abrir-se fêz-me perder os sentidos com a dor que me causou.

Mais tarde — fui apanhada no rio Hann — acordava com dores lancinantes numa perna e num braço e com compressas geladas sôbre os olhos. Estive assim dois dias.

Depois, a vida retomou sua rotina e, alguns dias passados, viajei noutro avião, a caminho de Taegu.

"TANKS" — ÊSSES MONSTROS NECESSARIOS...

Ainda estando nas estradas que ficam perto de Seoul, vejo passar os "tanks", êsses monstros necessários, que abrem caminho através de tudo, numa demonstração de fôrça bruta e irresistível. Despedaçam árvores, arrasam casas, matas, entram no interior de casas, como se suas paredes fôssem de papel, esmagam quilômetros de arame farpado, desfazem concentrações inimigas, passam os rios, caminham pelos areais, e, ao passar na minha frente, borrifam-me de lama dos pés à cabeça, ensurdecendo-me com o fragor da sua maquinaria imponente. A guarnição leva uma vida que não é de invejar. Fechados naqueles modernos monstros de ferro, êles nenhuma defesa têm se o "tank" fôr atingido e se incendiar. Compara-os às tripulações dos submarinos que também tanta dificuldade têm para salvar-se e quase nunca o conseguem. "Tanks" e submarinos pagam assim o seu tributo à invulnerabilidade de que gozam largo tempo. Quando atingidos, a morte só difere na maneira, uns acabam asfixiados, outros queimados e sempre em sistema de lenta agonia. Por tôdas as armas é necessário ser-se corajoso e ter um grande desprendimento pela vida, mas, para estas duas, devem ter, penso eu, decidida vocação e coragem especial. Êles não têm mêdo de nada nem de ninguém. Só que, segundo Stendhahl, o mêdo nunca está no perigo, mas em nós próprios...

A LUMINOSA TAREFA DA O.N.U., SUAS CONSEQUÊNCIAS E SEUS FINS

Esta guerra é mais do que uma guerra. E' um novo "test" de seguran[ça] coletiva. E êle só se tornará possível por intermédio da O.N.U. Todo o tr[a]balho dela na Coréia é intenso e extraordinário. Tomar conta dos farrap[os] humanos — refugiados e órfãos — e pô-los longe da área ameaçada pe[lo] inimigo é uma exaustiva tarefa, não só material como moral. E' dar àque[la] pobre gente um cantinho liberto de terrores, onde possam reviver a s[ua] passada felicidade e recordar a quietude dos seus antigos lares, sem q[ue] isso os confranja demasiado. E' emprestar meios de desejar algo a sêres q[ue] já haviam renunciado a tudo. E' reajustar as crianças, criar-lhes um futu[ro] e, ao mesmo tempo que lhes adaptam a vista para espetáculos de paz, tran[s]plantar, com infinitas cautelas, para horizontes tranqüilos, seus pequenin[os] corações, em que ainda não pôde, pela infinita graça de Deus, ter sido infi[l]trados os sentimentos o dio e do rancor.

REFUGIADOS E ÓRFAOS, ÊSSES SÊRES À PARTE...

Percorrer, como fiz, zonas de combate, é trabalho árduo, embora fascinant[e]. Mas, sem querer passar por filósofa, concordarei com vocês que a morte es[tá] espreitando, de tocaia, cobarde como é, em todo o lado e em todo o lugar. [...] entanto, esta forma de morrer aos molhos, ficando de olhos abertos, che[...]

de infinita melancolia, mutilados seus corpos de tal forma que nem pareceram que foram gente que amou, sofreu, teve ilusões e lutas pela vida, como todos nós, é — vista ao pé — espetáculo de inenarrável horror. Depois, a tristeza que causa olhar as filas intermináveis dos que fogem com os restos das suas pobres coisas aos ombros, as caras das crianças, espantadas e magoadas, os velhos desprotegidos, jovens mulheres de tristes destinos e rapazes sem esperança dum amanhã melhor.

Êles seguem seu caminho, indiferentes à poeira da estrada, aos carros que passam, às vozes que ouvem. Andam aos tropeções, incertos nos seus passos, caras sem estímulo, olhares sem fé, corações sem esperança. Homens velhos, mulheres velhas e crianças. Os homens novos partiram para a guerra. As mulheres novas seguiram, muitas delas, para outro destino, infinitamente mais triste. As crianças caminham sem rir, sem brincar, silenciosas, habituadas a isto. Suas carinhas infantis estão marcadas por uma maturidade irreal que nos choca imensamente. Desvio os olhos e choro mansamente. O soldado a meu lado fica mais rígido, estende para a frente o rosto e os nós dos dedos tornam-se esbranquiçados, agarrados ao volante. Êle compreende minha miserável condição de mulher demasiado sensível. Mas, acharia indigno de si, como soldado endurecido, participar dessa emoção. Refaço-me, aos poucos, dessa dolorosa provação para, logo a seguir, cair noutra. Olho o espetáculo estranho de montes de crianças sòzinhas que se deslocam e outras que estão paradas. Pergunto o que quer dizer aquilo! O soldado responde contra vontade. Insisto. Ràpidamente informa que são órfãos e que a O.N.U. está procurando-os a fim de os mandar, como a tantos que já partiram, para longe da batalha que se aproxima. Mando parar o "jeep". E, sem saber o que fazia, corro para um dos grupos. Não param. Mexo nêles, tentando fazer com que me olhem. Nada consigo. Deixam-me só e empurram-me ao passar. Desesperada, encaminho-me para o grupo que está muito quieto, tôdas as crianças muito juntinhas. Meto-me no meio delas. Acaricio as pequeninas faces. Olhos parados voltam-se para mim sem nada exprimirem. Bôcas que não respondem ao meu apêlo. Mãozinhas que aperto sem que elas retribuam. Grito-lhes palavras de ternura. Estreito-as ao meu coração, que parecia estalar. Tudo inútil. Elas estão tão habituadas a estar abandonadas, a fugir sós, que não entendem minha ânsia de lhes ser útil. Muitas viram morrer suas pobres mães. Endureceram os pequeninos corações e já não sabem sentir, desejar ou chorar! Deus! Que horrorosa visão! Parai com isto Santo Deus! Que penitência precisamos de fazer, nós, as mulheres do mundo inteiro, para salvar os órfãos da Coréia? Fala-nos! Manda que eu me arraste pela estrada se isso pode estancar tanta amargura e refazer-lhes as pequeninas almas, reajustando-os para a vida normal e sabê-los ensinar a rir novamente! Meu Deus, diz o que tenho a fazer! Ajoelhada junto das crianças, que me olham indiferentes e mudas, ergui minha prece desesperada ao céu metálico da Coréia.

Quem ler isto, friamente, pode pensar que é fácil fazer literatura tentando emocionar o público que nos lê. Pode pensar, mas, não deve fazê-lo. Porque, apesar de muito me ter comovido, eu não sei, feliz ou infelizmente, fazer-vos ver êste outro lado da guerra: os órfãos! Está nêle todo o drama do ser indefeso que tem a sua vida futura abafada pelo complexo do antigo mêdo das recordações duma infância falhada! Pensem no quanto deverá de ser trágico não poder recordar uma boneca e um beijo de nossas mães! Percebam que estas crianças têm a lembrança, para sempre, do assobiar das balas, do lúgubre crepitar das chamas vorazes, das lágrimas alucinadas de quem lhes deu o ser, do roncar dos aviões e dos estampidos brutais das bombas

— "Isto" é o mais duro da guerra, Miss — diz o meu motorista.

Meus olhos já estavam secos quando me levantei. Uma onda de profundo ódio invadiu meu coração, apossou-se da minha alma e fixou-se em meu cérebro. Desejaria ter à minha mercê um só dos responsáveis desta guerra... Com um contrôle, que só Deus sabe quanto me custou aparentar, subi para o "jeep" e entramos de novo em Seoul, a caminho do campo de aviação, onde está instalada a "Press Center".

Regresso deprimida com o drama dos refugiados e órfãos da Coréia, pelo sofrimento dessa gente impelida pelo vendaval da guerra. A generosidade e a boa-vontade da Comunidade Britânica, são as armas usadas agora para tentar uma nova campanha — a "Operação Wencesls". Essa campanha tem o fim de angariar fundos para as crianças necessitadas da Coréia do Sul. Muitos dos seus soldados têm adotado órfãos coreanos. Oficiais e homens do Canadá, Austrália, Nova Zelândia e Índia estão contribuindo com dinheiro para comprar víveres, roupa e brinquedos, os quais serão distribuídos pelas crianças recolhidas nos dois orfanatos de Seoul — o Munske Orphanage — pela 25ª Brigada Canadense. Todo êste esfôrço ameniza a minha tristeza pelo que vi e tenho fé em que a agonia por que êles passam neste momento, há de findar no esquecimento descerá sôbre suas almas como um véu tecido pela côr da esperança. Porque, a dor, bendito seja Deus, não dura sempre!

FERNANDA REIS

OBSESSÃO

(Cont. da pág. 52)

2º) não havendo segredos nesta vida terrena, não podem as faltas ser ocultas e os crimes deixar de ser fatalmente observados e resgatados;

3º) assim como o pensamento registra na aura faltas e crimes, também êle atrai fluidos afins a tais atos, os quais produzem males gravíssimos à alma e ao corpo.

Tirando dêsses conhecimentos simples a causa da maior parte dos males que afligem a humanidade, e praticando os princípios exarados na obra «Racionalismo Cristão», saberá qualquer pessoa resistir à ação danificadora das correntes fluídicas deletérias de qualquer meio em que seja obrigada a viver.

Para isto atingir, é preciso:

1º) educar o espírito para adquirir uma vontade forte, capaz de asfixiar todos os maus instintos e repelir os ímpetos animalizados, resultantes da corrupção do meio em que vivem as criaturas e das falhas e deficiências da educação moral;

2º) nos momentos destinados à vida espiritual, deve o ser humano irradiar o pensamento límpido às Esferas Superiores, pois só assim atrairá dos mundos de luz o elemento fluídico necessário ao equilíbrio do espírito. Êsse elemento é que neutraliza a ação maléfica que produzem os fluidos grosseiros lançados pelos espíritos da atmosfera da Terra;

3º) jamais alimentar um sentimento inferior para o seu semelhante; se é princípio firmado que cada um colhe o que tenha semeado, o dever de tôda criatura é irradiar sòmente pensamentos de amizade e nunca de ódio.

Em tais condições, praticando o ser com o preciso rigor o que se acha exarado na obra «Racionalismo Cristão», tornar-se-á forte do espírito e do corpo, e não será avassalado, e poderá lutar com certeza de êxito para a normalização dos outros, desde que seja seguido à risca tudo que faz parte da disciplina do Capítulo XVIII do livro citado.

CENTRO REDENTOR

Nunca despreze a QUALIDADE

na compra dos seus alimentos.





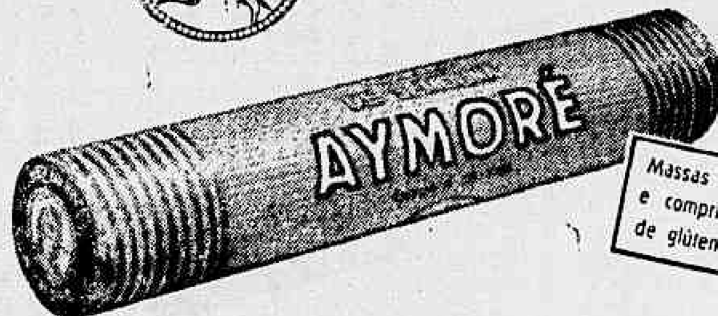
Massas especiais com ovos. Vários tipos à sua escolha. Enfeitam o prato e alimentam de fato.

Talharim com ovos, altamente alimentício pela grande porcentagem de ovos contida.

Exija

Massas AYMORÉ





Massas de semolina, cortadas e compridas. Alta porcentagem de glúten de trigo.

A Massa que o povo em massa exige

Você também pode ingressar no rádio

(e pertencer à classe mais bem remunerada do país!)

VOCÊ TEM TÔDAS AS INFORMAÇÕES sôbre rádio e televisão no compêndio mais completo já editado no Brasil:

ANUÁRIO DO RÁDIO DE 1951

(Lista de tôdas as emissoras existentes no país, com biografias, pesquisas de opinião pública sôbre programas mais ouvidos e oûtras informações).

REMETA-NOS HOJE ÊSTE CUPON:

À Editôra Publicidade & Negócios Ltda. — Caixa Postal, 3748 — Av. Rio Branco, 117 — 3.º and. s/323 — Rio.

Desejo receber pelo reembôlso, preço Cr$ 50,00 mais taxa de Cr$ 10,00, do reembôlso, um exemplar do ANUÁRIO DO RÁDIO DE 1951.

Nome ....

Rua ....

Cidade .... Estado ....

BANCO DO BRASIL S. A.

Sede — Distrito Federal — Rua 1.º de Março n.º 66

Tôdas as operações bancárias

Máxima garantia a seus depositantes

Nova tabela de juros para as contas de depósito

DEPÓSITOS POPULARES		5%

Juros anuais, capitalizados semestralmente. Retiradas livres. Limite de Cr$ 10.000,00, depósitos mínimos de Cr$ 50,00. Cheques do valor mínimo de Cr$ 20,00. Não rendem juros os saldos excedentes ao limite e as contas encerradas antes de 60 dias da data da abertura.

DEPÓSITOS LIMITADOS	— Limite de Cr$ 100.000,00	4 1/2%
	— Limite de Cr$ 200.000,00	4%
	— Limite de Cr$ 500.000,00	3 1/2%

Juros anuais, capitalizados semestralmente. Retiradas livres. Depósitos mínimos de Cr$ 200,00. Cheques do valor mínimo de Cr$ 50,00. Não rendem juros os saldos inferiores a Cr$ 200,00, os saldos excedentes aos limites e as contas encerradas antes de 60 dias da data da abertura.

DEPÓSITOS SEM LIMITE		2%

Juros anuais, capitalizados semestralmente. Retiradas livres. Depósito inicial mínimo a partir de Cr$ 1.000,00. Não rendem juros os saldos inferiores a Cr$ 1.000,00, nem as contas encerradas antes de 60 dias da data da abertura. **Melhores taxas de juros para as contas de depósitos não inferiores a Cr$ 1.000.000,00.**

DEPÓSITOS DE AVISO PRÉVIO

Retirada mediante aviso prévio de 60 dias	4%
Retirada mediante aviso prévio de 90 dias	4 1/2%

Juros anuais, capitalizados semestralmente. Depósito inicial mínimo a partir de Cr$ 1.000,00. Sem limite os depósitos posteriores e as retiradas. Não rendem juros os saldos inferiores a Cr$ 1.000,00.

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO

Por 12 meses	5%
Por 12 meses, com retirada mensal da renda	4 1/2%

Juros anuais. Depósito mínimo de Cr$ 1.000,00. **Melhores taxas de juros para os depósitos por prazo superior a 12 meses.**

LETRAS A PRÊMIO

De prazo de 12 meses	5%

Juros anuais. Depósito mínimo de Cr$ 1.000,00. Letras nominativas, com os juros incluídos, seladas proporcionalmente. **Melhores taxas de juros para as letras de prazo superior a 12 meses.**

CORPO ESBELTO E FACEIRO

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar

SÃO PAULO

Remessas pelo Reembôlso

Respostas ao teste

1—Ceres
2—Henrique VIII
3—Metamorfose
4—De Jesus Cristo
5—Vêem Deus na Natureza
6—Do corpo humano e suas funções
7—Politeísta
8—Um frade
9—Oito
10—Da França
11—Diabete
12—Diapasão
13—Ditirambo
14—Hebraica
15—A eclesiástica

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado modernissimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio



Distribuidores para todo o Brasil Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº .....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

PROFISSÕES QUE...

(Cont. da pág. 29)

dicos: Pinheiro Guimarães, Novis, Campos da Paz, tôdas já na terceira geração, em linha direta, com numerosos colaterais também exercendo a mesma profissão.

O velho Pinheiro Guimarães não foi apenas médico notável: foi poeta e combateu como voluntário da pátria, no Paraguai. Seu filho, há poucos anos falecido, regeu a cátedra de Patologia Geral na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. A terceira geração aparece representada nos Drs. Hugo e Luís Pinheiro Guimarães, ambos catedráticos de medicina.

O primeiro médico da família Novis é o Dr. Augusto Novis, médico militar, seguido pelos seus filhos, os Drs. Alberto e Aristides Novis, catedráticos de Fisiologia, o último, na Faculdade de Medicina da Bahia. Na terceira geração encontram-se os Drs. Oswaldo Novis, Aloísio Novis, Aristides Augusto Novis e Ari Novis.

O primeiro Campos da Paz foi um médico popular e benquisto no Rio de Janeiro, sucedido pelo filho, o Dr. Manuel Venâncio Campos da Paz, já falecido mas que deixou por herdeiro, na profissão, o Dr. Manuel Venâncio Campos da Paz Filho. Outros membros da família são igualmente médicos, clinicando no Rio de Janeiro.

O comércio possui também suas dinastias, já hoje reduzidas pelo desaparecimento de casas tradicionais nas grandes cidades do país. Houve-as em vários ramos de negócio, no Rio de Janeiro. As que ainda se conservam nas mãos de uma mesma família, são quase tôdas no ramo de ferragens, no qual se contam **Hime Comércio e Indústria S. A., Dias Garcia Importadora S. A.** e **Agostinho Ferreira (Ferragens Ltda.).**

Walter Hime foi o fundado da firma que leva seu nome, no terceiro quartel do último século. Seu filho e sucessor, Francisco Walter Hime, já se vê sucedido por George Walter Hime na direção dos negócios. Três gerações na administração do mesmo estabelecimento.

A firma Dias Garcia tem origem com Antônio Dias Garcia (1859-1940), que foi mais tarde conde do mesmo nome. Hoje é dirigida por Manuel (Nelito) Dias Garcia, de cujo casamento com a Sra. Bila Ortiz (que foi **miss** Rio Grande do Sul, em 1929) nasceu Antônio Dias Garcia Neto, já hoje trabalhando na casa comercial de sua família, da qual será feito sócio futuramente.

Outro estabelecimento do mesmo ramo, entre os que foram inicialmente citados, deveu sua fundação ao português Agostinho Joaquim Ferreira. O filho Raul Joaquim Ferreira assumiu a direção da casa, por sua morte, à qual também já pertence, em terceira geração, Omar Joaquim Ferreira.

Entre as emprêsas teatrais também conhecemos exemplos de transmissão do negócio na mesma família, como nos casos da Emprêsa Pascoal Segreto e da Emprêsa Viggiani.

O teatro, pois que acabamos de falar de emprêsas teatrais, também apresenta famílias do palco. Conchita de Morais é mãe de Dulcina de Morais, casada com o ator e empresário Odilon de Azevedo. Procópio Ferreira é continuador pela atriz Bibi Ferreira, sua filha. Batista Júnior, ventríloquo apreciado nos anos 20, que em muitas temporadas se apresentou no antigo Cine-Teatro Central, foi o pai das cantoras Linda e Dircinha Batista. As Morineau, Henriette e Antonieta, são mãe e filha.

A família Otôni tem constantemente transmitido, em um de seus ramos, o pendor pela engenharia através de quatro gerações. Cristiano Benedito Otôni, cuja estátua se ergue em frente à Estação D. Pedro II, no Rio de Janeiro, dá origem a essa estirpe ilustre, continuada pelo filho, o Engenheiro Cristiano Benedito Otôni Jr., já falecido, que pertenceu à Estrada de Ferro do Paraná. Foram filhos dêste os engenheiros Cristiano Benedito Otôni (neto), já falecido, que serviu no Lloyd Brasileiro e Joaquim Benedito Otôni, da Companhia Vale do Rio Doce. Francisco Xavier Benedito Otôni, que serve atualmente na Divisão de Obras do Território do Guaporé, é o engenheiro que se repete na quarta geração.

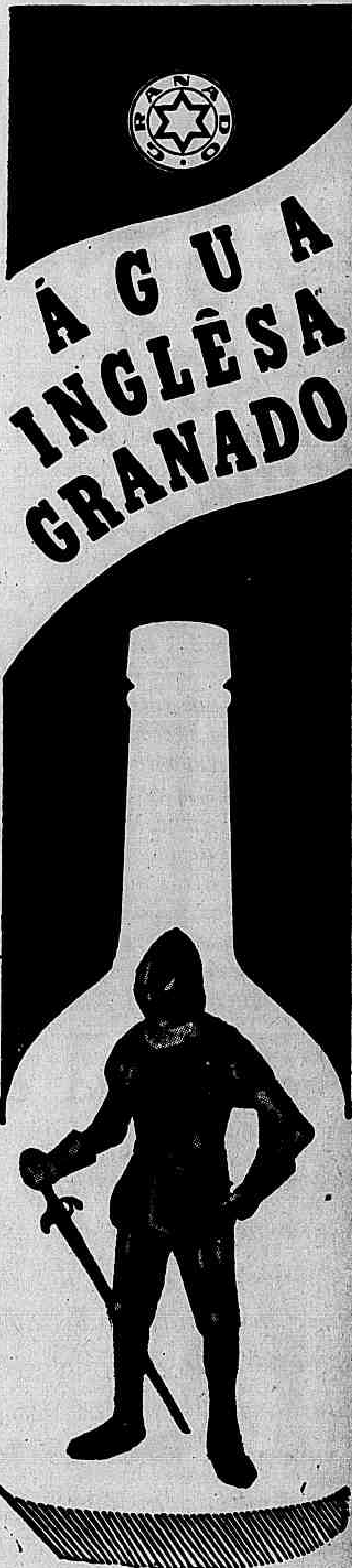
NÃO são grandes, mas são ilustres, as dinastias na imprensa. A primeira a ser citada é a da família Rodrigues, que aparece em terceira geração com Mário Júlio Rodrigues ("Jornal dos Esportes"), primogênito de Mário Filho (o criador do grande jornalismo esportivo no país) e neto de Mário Rodrigues, o vibrante pernambucano que fundou e dirigiu "Crítica" e "A Manhã", na Capital Federal. Muitos outros Rodrigues (Nelson, Augusto, etc.) exercem a profissão.

No "Correio da Manhã" já se sucederam duas gerações, de Edmundo Bittencourt a Paulo Bitencourt, atual diretor-proprietário. No "O Globo", também duas: de Irineu Marinho e seus filhos Roberto e Ricardo Marinho. No "Diário Carioca" fêz sua estréia Renato Jobim, formado com a primeira turma do Curso de Jornalismo da Universidade, filho de Danton Jobim. Carlos Lacerda, diretor de "Tribuna da Imprensa" é filho de Maurício de Lacerda, que fundou e dirigiu "A Nação". Carlos Lacerda, aliás, pode figurar nessa chave como também em outra, pois se sua atividade política permitir que seja considerado um político (já foi vereador), será o terceiro em linha direta na sua família. O primeiro foi seu avô Sebastião de Lacerda (falecido como ministro do Supremo Tribunal), que exerceu a política no Estado do Rio e chegou a secretário de Estado e Ministro da Viação. O segundo foi Maurício de Lacerda, antigo deputado, um dos mais vigorosos tribunos que já conheceu o Rio de Janeiro.

VEJAMOS ainda, neste passeio incompleto pelas terras da genealogia profissional, os casos que podem ser referidos para conclusão.

A indústria mostrará as famílias Matarazzo, (Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo), Guilherme da Silveira (Bangu) e Brito (Fábricas "Peixe", de Pesqueira), cujos negócios já passaram de pai a filho. A diplomacia se repete na família Ouro Prêto, com Carlos Celso de Ouro Prêto, nosso atual embaixador em Paris e seu filho Carlos Silvestre de Ouro Prêto, conselheiro da Embaixada do Brasil em Bogotá; e na família Nabuco, que deu pai e filho ocupando a mesma Embaixada do Brasil em Washington: Joaquim Nabuco e Maurício Nabuco. Pai e filho, com a profissão de escritor, encontramos em Alarico Silveira e Dinah Silveira de Queirós; em João Ribeiro e Joaquim Ribeiro; em Luís Carlos da Fonseca e Lásinha Luís Carlos; no Visconde de Taunay e em Afonso de E. Tanay; em João Mangabeira e Francisco (Chiquito) Mangabeira.

Os Giffoni e os Silva Araújo, na indústria farmacêutica, contam já duas gerações. Também duas contam os Romero no magistério, com Sílvio Romero e Nelson Romero.



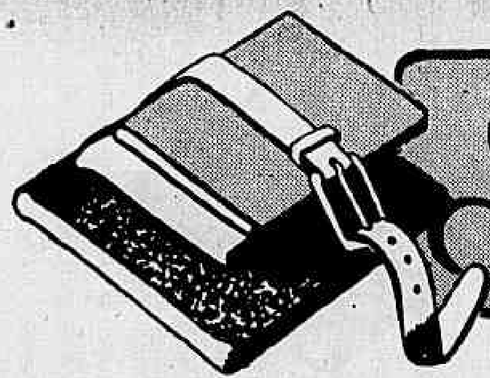
COSTA REGO NA ONU

De regresso da França, chegou há pouco ao Rio, pelo "Andes", o ilustre jornalista Costa Rego, que integrou, a convite do govêrno, a delegação brasileira à Assembléia Geral das Nações Unidas, realizada em Paris. O redator-chefe do "Correio da Manhã" atuou na Comissão de Assuntos Sociais da ONU onde, à luz da experiência brasileira, teve oportunidade de contribuir na elaboração do Pacto dos Direitos do Homem, que vem a ser a regulamentação da Declaração dos Direitos do Homem, proclamados pelas Nações Unidas, em 1947. Ainda na Comissão de Assuntos Sociais Costa Rego debateu o problema dos refugiados de guerra europeus e o da imigração. Neste particular, definindo a posição do Brasil, acentuou que eramos um país disposto a receber grandes contingentes de imigrantes, mas que condicionavamos êste recebimento às nossas próprias normas sôbre o assunto, isto é, sanidade física e mental e habilitação técnica. No que respeita aos deslocados de guerra disse êle, ao chegar, que a Comissão aprovara uma recomendação no sentido de ser facilitado o retôrno dos refugiados que quisessem, aos seus países de origem. Esta recomendação foi mais uma prova da honestidade de propósitos das Nações Unidas para resolver os grandes problemas do após-guerra, em face dos reiterados ataques russos sôbre hipotéticos obstáculos que estariam se antepondo aos deslocados de guerra desejosos de regressar aos seus países, atrás da Cortina de Ferro. De agora em diante, aquêle que assim o desejar, poderá voltar ao país natal, bastando, para tanto, requerer por escrito ao diretor do campo em que estiver internado. O problemático, agora, é aparecer quem queira.

A cavalgada das Walkirias

Das montanhas de luz, do planalto das brumas,
Walkirias descerão em corcéis de fumaça
Na manhã pensativa dos dias futuros.
Nos campos infecundos da cidade imensa,
Os búfalos de ferro colorido
Estarão bebendo sons desconhecidos
E ruminando a noite que fugiu do asfalto.
As mulheres sem nome suspenderão aos céus
O olhar de miséria dos filhos famintos,
E os pálidos heróis mortos no cotidiano,
Os homens esquecidos pelos homens,
Despertarão das valas comuns,
Da poeira anônima das estradas,
Do leito de mármore dos hospitais...
Oh! santos cavaleiros da pobreza,
Além dos campos do asfalto
Há planaltos de bruma e montanhas de luz;
E as Walkirias descerão em corcéis de fumaça,
Na manhã pensativa dos dias futuros.

De PAULO BOMFIN (inédito)



Semana

NOTAS E NOTICIAS

PRÊMIO FÁBIO PRADO

ENCERROU-SE no dia 15 de janeiro o prazo para inscrição de concorrentes ao Prêmio Fábio Prado, concedido ao melhor livro de autor estreante ou inédito. Os dois concursos dêste ano serão para os seguintes gêneros: romance e novela; teatro e contos. Os premiados num e noutro dêsses concursos receberão de prêmio vinte e cinco mil cruzeiros. A comissão de julgamento é composta de três membros.

NOTAS & NOTICIAS

EM ABRIL próximo, no seu 21º número, «Revista Branca» vai publicar um número especial dedicado ao modernismo, cêrca de sessenta páginas de crítica a autores, obras e aspectos do movimento que agora completa trinta anos de existência.



Ilustrações de Darcy Penteado para «Mitão de Muquém», de Bernardo Gui-

★

O «Clube de Poesias» de São Paulo, decidiu afinal sua pendenga a respeito da organização de uma antologia da poesia moderna: a responsabilidade e a liberdade da escolha dos poetas ficarão a cargo exclusivo de Carlos Buriamaqui Kopke.

FORA DO

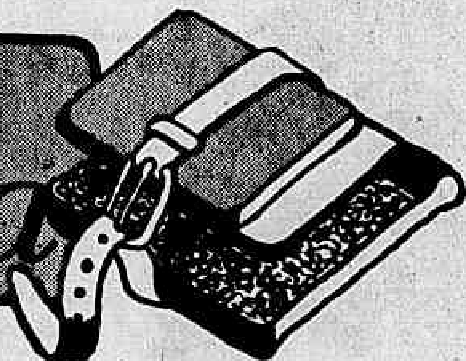
O LIVRO DA SEMANA

POEMA SOTURNO DE MINAS GERAIS

REGISTRAMOS anteriormente, sôbre "Poema soturno de Minas Gerais", de Reynaldo Bairão, o fenômeno da inteligência e da emoção dos poetas paulistas em presença de Minas Gerais. Faltou-nos citar "Noturno de Belo Horizonte", de Mário de Andrade, por certo a melhor obra poética tendo Minas como assunto. Isso foi no tempo do modernismo nacionalizante, sobretudo em Mário, que estava nas fontes e que, graças a Deus, afastava tôda dose do pitoresco habitual dessas coisas igualmente repugnantes para um poeta à sério, que foram o pau-brasil e, depois, o verdamarelismo. Outro paulista que sentiu Minas até à medula foi Ribeiro Couto. Mas ao Couto aconteceu viver em Minas, impregnar-se de Minas, da paisagem e da gente, de uma forma tal que ficou mineiríssimo, tanto é certo que sua capacidade afetiva o torna cidadão de qualquer lugar em que habite, até possivelmente de Belgrado, onde está agora. No caso da nova geração, que é a de Reynaldo Bairão, a coisa fia mais fino. Essa geração repudiou, em boa hora, os preconceitos de 22. Tomou atitudes, algumas insólitas, irritantes, desprovidas de senso crítico — haja vista o caso atual da antologia — porém atitudes, sem dúvida, dignas de respeito e principalmente porque rompeu com êsse passado de 22. Por outro lado, essa geração se firma em elementos substanciais e formais que, estèticamente, a associam muito mais com os padrões clássicos do que com as correntes posteriores. Isso quer dizer que um poeta novo, como Bairão, não tem a mesma disponibilidade, em face de Minas, como seus predecessores de 22, quando era bonito e "dernier cri" cair no nacional histórico e paisagístico e, no caso de Minas, um pouco no romantismo inconfidente também. Entretanto, a gravidade do sentimento e do tom dêsses jovens poetas afina-se com o tom mineiro. E, mais: há certas constantes da poesia dêles que combina com a severidade da côr mineira, como, por exemplo, a constante mortuária.

Ora, de todos êsses novos poetas, parece-nos, Bairão talvez seja o que mais insiste nessa notação funérea. Assim, é claro que a êle particularmente seria sensível êsse traço da topografia mineira, externa e psíquica, êsse traço que êle sentiu, que até sofreu, na paisagem montanhesa, particularmente em Ouro Prêto. Minas lhe deu aquêle adjetivo do título do poema. E' o adjetivo de

Literária



EDMUNDO LYS



nova edição de «O Garimpeiro» e «O Ermarães. Livraria Martins, São Paulo.

COMEMORANDO o 40º aniversário de morte do poeta Ruben Dario, a embaixada do Equador realizou uma reunião de homenagem em seu salão nobre.

★

JOSÉ Maria Belo edita «Retrato de Machado de Assis», um ensaio sôbre a vida do grande escritor.

★

«FOGO e Cinza», de Ulisses Lins de Albuquerque, poemas regionais, foi reeditado agora em Recife.

★

«CINZA do Tempo», de Gustavo Barroso, contém vinte e nove contos do autor.

★

VÁRIAS editôras do Rio e de São Paulo já estabeleceram programações de livros históricos para as comemorações do 4º centenário da cidade de São Paulo, em 1954. Serão publicadas obras históricas de há muito esgotadas, livros de viagens à cidade de S. Paulo do passado, de numerosos autores estrangeiros, etc. Já se pode informar que serão lançados: «História e Tradições da cidade de São Paulo», de Ernani da Silva Bruno; «Biblioteca Histórica Paulista», organizada por Afonso Tauney, e integrada de dez volumes; «História Geral das Bandeiras», de Afonso de Taunay.

PRELO

Minas, mais do que do poema, um adjetivo que o poeta colheu, como uma flor sepulcral, mas que pertence mais ao sepulcro do que ao poeta. Vemos, no seu poema, nos seus versos, que êle mergulhou as mãos amplamente no rio das Mortes e se inundou de sentimento da morte. Foi pôsto dentro do drama e o viveu. Daí a beleza de seu livro, onde os versos passam como os devotos soturnos e lentos das procissões da Semana Santa, em São João del-Rei. Daí a grandeza de seus versos, em que uma estrita economia poética está aliada a uma extrema largueza de conteúdo, a uma emocionante palpitação íntima. Percebemos que seus versos saem quase mediùnicamente, fluem espontâneos e irresistíveis dessa posse integral, entre o poeta e o seu tema. Às vêzes o poema é tão denso, tão compacto — tão longe também da arte rendilhada, quase gótica, se seu "O Primeiro Dia" — que o poeta parece esmagado, sob o barroco de Minas — ofegante numa atmosfera rarefeita de tão povoada de sombras, de tragédias, de morte, debatendo-se entre as vagas espêssas de seu abundante material, sem poder quase reduzi-lo pela criação, escolhê-lo, obrigado a uma grafia parece que automática de seus versos.

"Poema soturno de Minas Gerais" é uma tentativa, não, que não foi tentado propositadamente, mas uma experiência de plástica barroca em poesia — talvez, certamente, apesar do poeta: foi-lhe imposta, implacàvelmente pela harmonia entre o seu assunto e o seu temperamento, por sua afinidade com o tema e com as variações dêsse tema, morte, que êle encontrou em abundância ali. Entretanto, porque se trata de poeta pessoal, com extraordinária fôrça, seu poema não ficou no terreno impassível e distante do frio objetivismo, não se perdeu no pitoresco, não caiu no postalismo barato: pelo contrário, é obra alta e grave que, embora nessas linhas pesadas e nessas massas sombrias, novas na poesia de Bairão, bem o trazem no seu bôjo, onde êle está bem vivo, bem nítido, bem sofrido.

Edmundo Lys

O CORVO — *Traduzido por Bilac, "Juca e Chico" obteve, no Brasil, os mesmos aplausos que a maioria dos países consagrou ao autor, W. Busch. Caricaturista de profundo humor, sua inspiração e seu estilo têm a mesma espontaneidade saborosa de suas ilustrações. Aumentando a série de livros que vêm publicando, de Busch, as Edições Melhoramentos apresentam "O Corvo", em cujas páginas continuamos a admirar a graça irresistível e sadia de "Juca e Chico". Além disso, a versão do "Corvo" foi bem realizada pelo escritor Antônio de Pádua Morse, que já nos havia dado "Aventuras de Xumburí" e "Quem contou foi o Mindinho" e está fazendo a adaptação de "João e Maria e a feiticeira malvada".*

LETRAS MINEIRAS

Realizou mais uma de suas sessões, quinta-feira última, a Academia Mineira de Letras, com a presença de numerosos acadêmicos e sob a presidência do sr. Mário Casassanta. No expediente, o secretário comunicou à casa estar inscrito o candidato à cadeira número 13, de que é patrono Tomás Antônio Gonzaga, o poeta Nilo Aparecida Pinto, que se propõe, assim, suceder ao ilustre mineiro Noraldino Lima. As inscrições já se encerraram. O acadêmico Abílio Barreto, faz entrega à Academia do livro «Nosso Senhor e Nossa Senhora na Poesia Brasileira», antologia de versos de diferentes autores, publicada pelo sr. Da Costa Santos. O presidente determinou a expedição de uma circular a todos os acadêmicos, com o pedido de voto, sôbre a reforma do regimento interno da questão suscitada pela acadêmico João Doras Filho — «Pode ou não pode a mulher candidatar-se à Academia?». Finalmente, o acadêmico Moacir Andrade leu o plano elaborado para a publicação das obras de Antônio Tôrres, que será feita pela Academia, com o apoio do Estado. Depois de algumas modificações, foi êsse plano aprovado unânimemente pela casa.

★

Já está nas livrarias da Capital, a Antologia que Da Costa Santos organizou para as Edições Mantiqueira, sob o título de «Jóias da Poesia Mineira». Trata-se de uma seleção de poemas de autores já falecidos, desde Santa Rita Durão, até José Bartolota.

ALVARO LINS E A CRITICA LITERARIA

Vitorioso no recente concurso para catedrático de literatura do Colégio Pedro II, em que obteve o primeiro lugar, Álvaro Lins retornou finalmente à crítica literária no "Correio da Manhã", de onde se mantinha afastado há alguns anos. Nesse espaço de tempo, não só o ilustre autor de "Rio Branco" estêve dedicado ao preparo de sua tese de concurso e estudos correlatos, como também se entregou a uma revisão em profundidade dos problemas da crítica literária, meditados e analisados em função de uma riqueza interior aumentada pelos contactos mais decisivos com as grandes correntes filosóficas da atualidade. Dêsse aprofundamento, dessa meditação larga, serena e fecunda sôbre os grandes problemas que envolvem a posição do crítico e do escritor, Álvaro Lins deu-nos uma síntese feliz e admiràvelmente equilibrada no seu artigo reinaugural de 26 de janeiro último. Amadurecido em todos os sentidos, liberto como sempre estêve de preconceitos deformadores e com uma visão das coisas literárias que se tornou mais ampla porque êle mais ascendeu, o autor de "Jornal de Crítica" retorna ao seu pôsto amparado principalmente por aquela fé tranqüila e serena nos destinos da literatura que sempre o distinguiu entre os seus pares, e que por isso mesmo tão cêdo o elevou ao supremo magistério da crítica em seus mais altos e fecundos objetivos. Por tudo isso, não será também de desprezar êsse último e magnífico exemplo de fidelidade ao que de mais belo e mais nobre encerra a profissão das letras, que Álvaro Lins há tanto vem dignificando com a cultura, a inteligência e a independência que foram sempre o apanágio de sua pena, que só à arte deseja e sabe servir.

Encantamento

Caminho, agora, a teu lado,
(Invento tudo que posso
Para sonhar acordado).
Mas o mundo não é nosso.

Caminho, agora, a teu lado.
Sou rajá, príncipe, rei?
Só sei que sigo a teu lado,
Graça que nunca esperei.

EMILIO MOURA

OBSESSÃO

Denomina-se **obsessão** o fenômeno psíquico que anormaliza espiritualmente os sêres.

A obsessão, é, em geral a causa de quase tôdas as anormalidades psíquicas e muitas fisiológicas, sendo tão vulgar, que se pode admitir que à sua ação danificadora não escapa cinco por cento da humanidade.

Obsessão é, pois, a prova do domínio que o astral inferior exerce sôbre a humanidade.

Principia êsse fenômeno pela simples má assistência astral, atraída pelas más condições psíquicas dos encarnados, à medida que os mesmos se embrenham no vício, devido à tendência de sua vontade para o mal e dos maus pensamentos que alimentam, atraindo, dessa maneira, os espíritos obsessores que lhes vão enfraquecendo a vontade, a ponto de produzirem a maioria das enfermidades que os acometem.

A obsessão resulta:

1º) da ignorância do sêr no que respeita à sua composição, e à do Universo, como Fôrça e Matéria;

2º) da vontade e dos pensamentos dos sêres, quando aplicados para o mal;

3º) das faculdades mediúnicas, quando não exercidas como devem ser, dentro das correntes fluídicas, dirigidas pelos espíritos do Astral Superior;

4º) dos grandes abalos morais que atingem profundamente o espírito, sem que haja a necessária reação;

5º) da ação corruptora do meio em que vive a criatura e do desconhecimento das faculdades que possui, para repelir os obsessores.

A causa da obsessão é sempre a mesma. As crianças, porém, por não pederem com o seu pensamento atrair ou repelir os bons ou maus elementos, ficam sujeitas à ação do meio em que vivem, e à má assistência dos pais, parentes e vizinhos.

Os espíritos desencarnados que ficam na atmosfera da Terra, fazem mal aos que os atraem com os seus pensamentos, ainda que tenham sido seus parentes mais queridos, visto que o fluido em que se acham envolvidos é danificador, e não só perturba os encarnados, como pode produzir-lhes enfermidades graves, curáveis com o afastamento dos obsessores e o reerguimento espiritual dos atingidos.

Assim, pois, só serão obsedados aquêles que fizerem mau uso das duas grandes fôrças que em si possuem, **vontade e pensamento,** donde se confirma o axioma racionalista de que o **sêr conforme pensar, assim será**.

Isto confirma que sendo a ignorância a origem de todos os males, o maior bem que se pode fazer à humanidade é esclarecê-la sôbre os objetivos da vida, sôbre a sua composição espiritual e física, e que tudo obedece a leis comuns e naturais.

Nada de sobrenatural existe, nada de milagres nem de misterioso. Na vida tudo é racional, e tudo é científico, tudo a razão explica e a ciência demonstra pràticamente. Ciência é a expressão da Verdade e, portanto, onde esta não estiver, não existirá Ciência.

Ao que a obsessão pode obrigar os encarnados — No mundo, o visível e o invisível obedecem a leis comuns e naturais.

Os espíritos que vivem na atmosfera da Terra, permanecem no estado de perturbação em que desencarnaram, conservam os mesmos hábitos, desejos e vícios.

Assim, os espíritos obsessores se aproximam de qualquer encarnado que tenda para os mesmos desejos, vícios e fraquezas, e então principiam por instigá-lo à satisfação dêsses desejos, fraquezas e vícios, até que, com uma assistência pertinaz e constante, o obsedam, assumindo domínio pleno sôbre o espírito encarnado de sentimentos afins.

O objetivo dos espíritos desencarnados que vivem no astral inferior, é dar expansão aos seus desejos, aos seus vícios, às suas perversidades; conforme o seu estado, assim êles atuam ou influem nos encarnados.

Os que desconhecem a fôrça de atração do pensamento não podem avaliar quanto é vasta e intensa na humanidade a obsessão, cujas diversas formas, algumas passam quase desapercebidas, até mesmo àqueles que a estudam.

Os exagêros em todos os atos da vida, quer agindo, quer falando ou pensando, são obsessão de diversos graus, e portanto, anormalidades de espírito.

De acôrdo com êstes princípios é que se pode garantir ser obsedada tôda pessoa que tem manias arraigadas:

a) de rir por tudo, e a propósito de tudo;

b) de se tornar engraçada, salientando-se nas maneiras de dizer, de andar, de estar e de vestir;

c) de vida monástica, missas e festas de igreja;

d) de teimar, questionar com todos e a propósito de tudo, e em qualquer lugar;

e) de se lastimar e achar tudo ruim, na família, na sociedade, nos negócios, etc.;

f) de alimentar apetites depravados e manter atitudes que repugnam à razão e ao bom senso.

O preguiçoso, o dorminhoco, o exagerado em todo o trabalho, o megalomaníaco, todos sofrem a assistência de maus elementos.

A influência da obsessão se faz sentir, também, no corpo físico, não só originando enfermidades graves pela perturbação do espírito e, consequentemente, das funções orgânicas, como ainda agravando tôdas as doenças como o fluido lançado pelo astral inferior que assiste a tais enfêrmos.

A neutralização dêsses males só se pode realizar pela ação fluídica dos espíritos do Astral Superior, depois de removida por êstes a causa danificadora.

Uma vez esclarecido, o sêr humano fica certo de que tem inteira liberdade de pensar, raciocinar e agir, resultando-lhe a convicção de que:

1º) não há ato na sua vida íntima ou pública que se não fotografe na aura e que, aí fotografado, não seja observado pelos espíritos que o rodeiam;

(Cont. na pág. 47)





A FANTASIA DA CIDADE

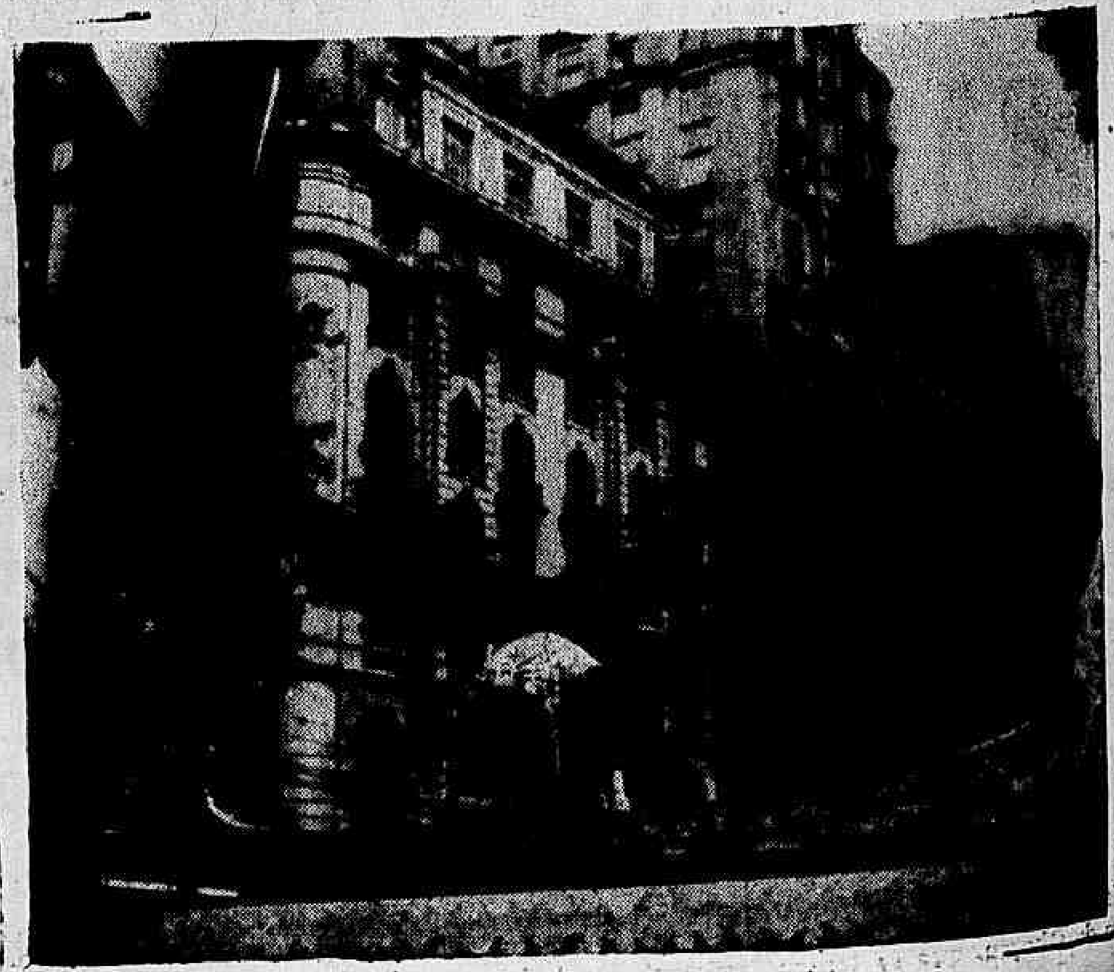


...idade se fantasiou com apuro durante a folia de Momo, assumindo, nas praças e ruas centrais, ...m ar festivo e bizarro. Vemos, na página anterior, o esguio farol em que se mudou o Obelisco da ...Rio Branco. Acima, a coroa que se ergueu sobranceira aos prédios da Cinelândia, no local da ...de Chopin, que se tornou invisível. Em baixo, um detalhe da ornamentação.









A FA

DA

A Prefeit
bom q
carioca apro
estendeu ao
do centro me
seco que se
dente Vargas
rece nestas
suas faces.
lidos na mes
À noite, nos
iluminação i
animação ao
locados nos
fachadas dos

NO PRÓXIMO NÚMERO:

O BAILE DO MUNICIPAL

E OUTROS ASPECTOS DO CARNAVAL





A FANTASIA DA CIDADE

A Prefeitura fêz, êste ano, trabalho de bom gôsto para vestir a cidade e o carioca aprovou a ornamentação que se estendeu ao longo das principais artérias do centro metropolitano. O gigantesco boneco que se levantava na Avenida Presidente Vargas, representando Momo, aparece nestas páginas em uma e outra de suas faces. Os outros aspectos foram colhidos na mesma avenida e na Praça Paris. À noite, nos locais ornamentados, profusa iluminação imprimia uma viva e estranha animação aos cartazes e galhardetes colocados nos postes de iluminação e nas fachadas dos prédios.





O FREVO PERNAMBUCANO

DEPOIS que Pedro Ernesto introduziu o frêvo per-nambucano no Rio de Janeiro, há mais de quinze anos, a eletrizante música nordestina ressoa seus acordes, em pleno centro carioca, como na rua Nova, no Recife. E a vibração característica do frêvo a todos contagia. As fotos destas páginas mostram os Lenhadores, quando caíam no "passo".









A REVISTA

Há 50 Anos

DOMINGO, 8 DE MARÇO DE 1902

Crônica

COMPAREM o interêsse do público pelo "Quo Vadis" — com a emoção causada pelo pleito presidencial e digam-me se há paralelo entre as duas dosagens do mesmo fenômeno! Não há. Ao passo que dois mil espectadores acompanhavam, ansiosos, o desenrolar do drama neroniano, quinhentos mil habitantes voltavam as costas, sorrindo, à farsa do primeiro de março. E' que no segundo dêstes espectadores não vibrava uma nota verdadeiramente alta e humana, um sentimento sincero e nobre. Mais tomava o público a sério os cômicos da peça que eram os personagens da mistificação eleitoral. Tendo de optar entre comediantes, o povo preferiu, naturalmente, os que encarnavam figuras de mártires, de santos ou de heróis e com a maravilhosa intuição dos semelhantes e dos contrários, o seu inato bom-senso logo encontrou matéria para reflexões adubadas com aquêle bom riso de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, imortalizado pelo autor da Vida do Arcebispo. Mal caíra o pano sôbre o quadro do Triclinio e já cada um dos personagens da orgia do Palatino tinha um nome conhecido, em regra aplicado com propriedade e o magnífico curso de engrossamento que nesse quadro se desenrola achou glosadores cheios de espírito. Oh! eterno símbolo da serpente com a cauda na bôca, oh! conceito sediço mas sempre novo de que a humanidade apenas modifica a forma das coisas deixando-lhes intacta a essência! Roma caiu, mudaram as falhas e as roupgens mas não mudou o feitio das almas vis nem a candidez das almas boas. Tigellino, Vitellio, Lucano, Sêneca, habitam, vivem entre nós, de túnica ou de casaca... que importa?! O hábito não faz o monge! Mas, de par com a ironia cáustica, que sublinhava os personagens frustres, quanta devoção, quanto amor, quanto respeito pelo ardor proselítico dos apóstolos, pela coragem dos cristãos, pela inocência de Lígia, pela fidelidade de Urso, pela paixão de Marco Vinício; e quanta indulgência por Petrônio, êsse grande pecador, só porque era bondoso e porque muito amou afinal!... Povo pagante, povo que vais ao teatro para ouvir, dando-te de alma, vida e coração aos autores e aos intérpretes, como me prendem e interessam os comentários da tua boa-fé e com que intensidade então se manifesta o teu sentimento do justo e do injusto! Na sexta-feira passada, eu, que vivo tão perto de ti, das tuas alegrias e das tuas dores, eu que por tôda a parte apregôo a nobreza da tua alma, senti-me profundamente feliz vendo quanto abominavas Nero e quanta piedade te inspirava a doce e meiga figura de Lígia.

JACQUES BONHOMME

OS TEATROS

FARFALLA

O "Quo Vadis", drama em 5 atos e 12 quadros, extraído pelo Sr. Eduardo Vitorino do célebre romance de Sienkiewicz, ficará na crônica do teatro brasileiro contemporâneo como um dos seus esforços mais inteligentes e mais honestos. Dias Braga, montando a peça tão discreta e amorosamente trabalhada pelo diretor de cena do teatro Recreio Dramático, deu também um nobre exemplo de amor pela arte e de brio profissional; e, até agora, parece que o público está resolvido a corresponder com o seu aplauso e a sua concorrência à corajosa iniciativa do empresário.

A primeira apresentação do "Quo Vadis" foi o maior acontecimento teatral dos últimos tempos. A canícula inclemente não obstou a que o Recreio se enchesse a transbordar, excedendo as maiores lotações de que há memória nos anais do teatro no Rio de Janeiro. Muito público e muito bom público, pois além da crítica "au grand complet", notava-se nos camarotes e platéia todos os freqüentadores das grandes "premières".

Eduardo Vitorino, autor de muito merecimento e conhecedor de tôdas as adaptações do "Quo Vadis" à cena contemporânea fêz obra nova da qual cuidadosamente expurgou as situações que em França, Itália, Portugal e Inglaterra o público condenara por antiteatrais. O seu trabalho difere pois do que já fôra visto e ouvido: no plano geral e na fatura das cenas. Há unidade na peça, e entre os escolhos evitados com grande habilidade, convém destacar o episódio formidável do Circo, cujo horror trágico multifica todos os recursos da encenação mas que Eduardo Vitorino torneou, fazendo-o narrar por Petrônio no fecho do quadro anterior, em um descritivo nervoso, quente, agitado, entusiàsticamente aplaudido pelo público.

Como obra de arte agradaram-me principalmente o 3.°, 6.°, 9.° e 12.° quadros; o diálogo entre Petrônio e Chilon Chilonidas no 4.°; a magnífica imprecação de Marco Vinício no 10.° e, ainda nesse, o soberbo descritivo de Petrônio. Apenas me parece que a peça deveria terminar pela intervenção famosa que lhe serve de título, seguida de um gesto mudo do apóstolo indicando Roma. Como? **Voilà l'affaire de l'auteur.**

No próximo número da REVISTA DA SEMANA me ocuparei detalhadamente do desempenho, quando publicaremos as fotografias da peça, encenada e vestida. Por ora direi apenas que Dias Braga foi o Nero cabotino da versão mais aceita, tendo, aqui e além, a nota sincera do matóide; Ferreira de Sousa, um admirável Chilon; Petrônio encontrou em Eugênio de Magalhães o ceticismo generoso e a graça helênica do **arbitrer elegantiarum;** Eduardo Vieira tem no amoroso e ardente Marco Vinício, o melhor papel da sua carreira artística; Lucília, formosíssima e virginal, comoveu intensamente o auditório na meiga e suave figura de Lígia.

Depois vêm Grijó, Aurélia Delorme, Maria Piedade, Georgina Vieira, Maria Layrot, Marques, Olímpio, Bragança, Alfredo Silva e Marzulo que nos seus papéis, curtos ou episódicos, cumpriram honestamente o seu dever.

No 3.° quadro do "Quo Vadis" ouvimos a "Ode Anacreôntica", escrita por Orlando Teixeira e muito bem recitada por Dias Braga. Foi a nota pungente do sarau.

(Continua no próximo número)

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 10 ★ 8-3-52

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.° distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8847 ★ Contabilidade: 22-2550

MÓVEIS e DECORAÇÕES



Projetos executados por
técnicos especializados



TAPÊTES FEITOS À MÃO
TAPÊTES E PASSADEIRAS

de forração, em côres lisas e com flores

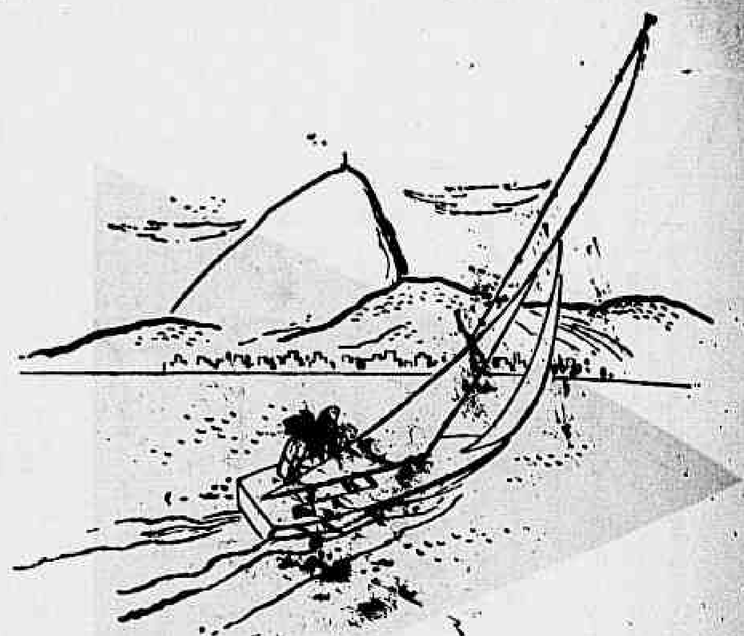
GRUPOS ESTOFADOS

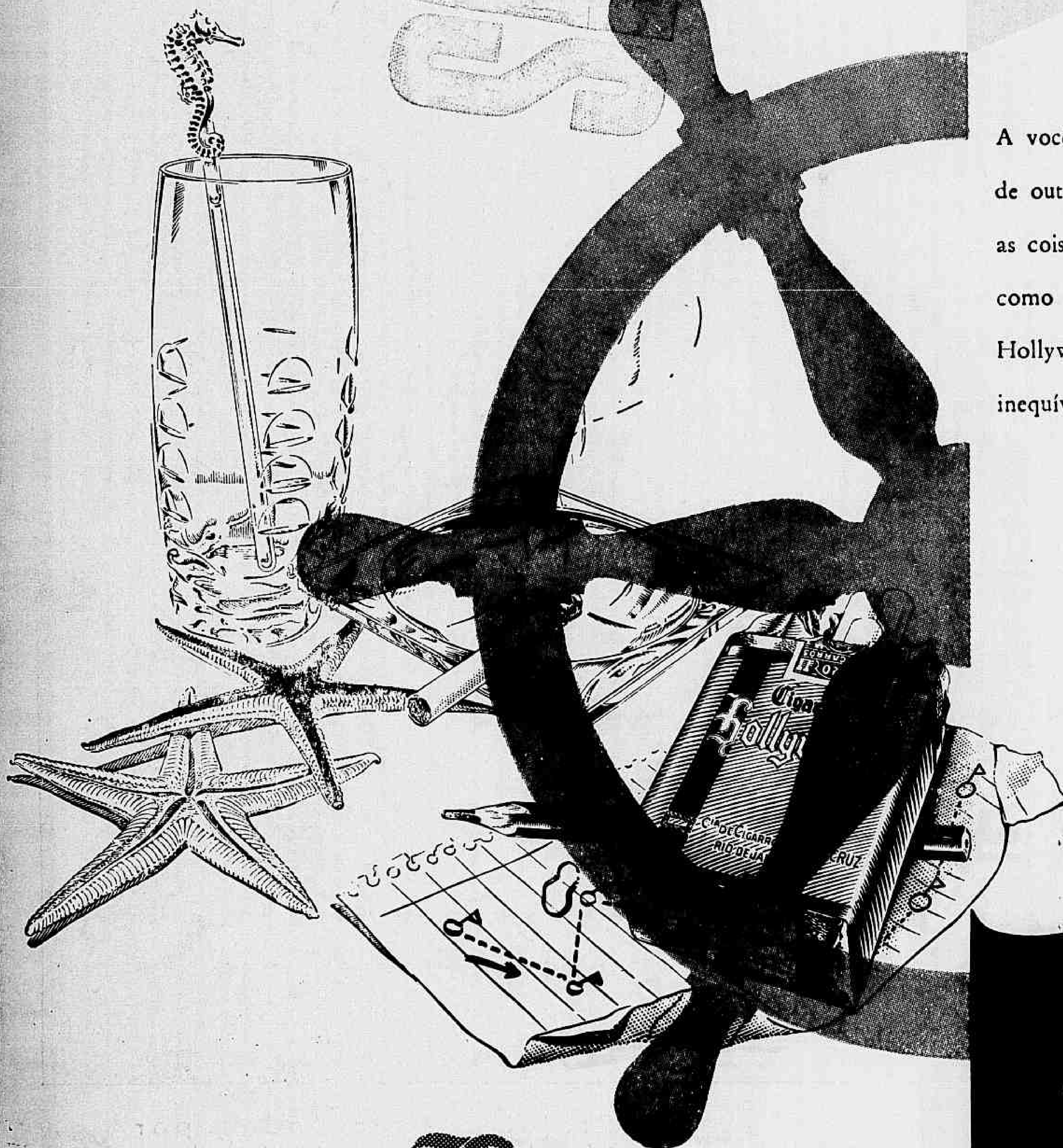
— especialidade de nossas oficinas —



65 rua da CARIOCA 67—RIO

uma consagração que se deve a você...





A você e a milhares
de outros que sabem apreciar
as coisas boas da vida —
como os sports do mar —
Hollywood deve a sua
inequívoca consagração.

Hollywood

cigarros **Hollywood**

uma tradição de bom gosto

H-88 091

UM PRODUTO SOUZA CRUZ